

FACULDADE CASPER LÍBERO
Mestrado em Comunicação

Não é suficiente ver, é preciso olhar:

O gestual do papafrancisco e a comunicação da Igreja Católica na
contemporaneidade

Jonathan Moura dos Santos

São Paulo
2022

JONATHAN MOURA DOS SANTOS

Não é suficiente ver, é preciso olhar:

O gestual do papafrancisco e a comunicação da Igreja Católica na
contemporaneidade

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em
Comunicação, pelo Programa de Pós-
Graduação em Comunicação da Faculdade
Cásper Líbero.

Orientador: Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino

São Paulo
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Prof. José Geraldo Vieira

Santos, Jonathan Moura dos

Não é suficiente ver, é preciso olhar: o gestual do Papa Francisco e a comunicação da igreja católica na contemporaneidade / Jonathan Moura dos Santos. -- São Paulo, 2021.

93 p. : il.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino.

1. Papa Francisco 2. Gestos 3. Mídia 4. Comunicação 5. Igreja católica I. Martino, Luís Mauro Sá. II. Faculdade Cásper Líbero, Mestrado em Comunicação. III. Título.

CDD 302.20

Bibliotecária responsável: Ligia Cristina dos Santos Nunes - CRB 8/6923

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTOR: JONATHAN MOURA DOS SANTOS


“NÃO É SUFICIENTE VER, É PRECISO OLHAR: O GESTUAL DO PAPA FRANCISCO E A COMUNICAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA NA CONTEMPORANEIDADE”



Prof. Dr. Antonio Irajdo Alves de Brito
Faculdade Paulus de Comunicação - FAPCOM



Profa. Dra. Carolina Frazon Terra
Faculdade Cásper Líbero - FCL



Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino
Faculdade Cásper Líbero - FCL

Data da Defesa: 16 de março de 2022

A você, Helena, minha maior conquista, e de quem me provem o maior e mais importante de todos os títulos: Pai.

A você, Monique, pelo amor, companheirismo, cumplicidade, apoio, e compreensão em meus momentos de ausência. Este trabalho também é seu.

A vocês, Clelia e José Carlos, de quem herdei a vida, o entusiasmo e a força necessária para batalhar sempre pelo melhor.

A você Vó Mira (in memoriam), minha avó e madrinha, que desde os meus primeiros passos me chamava de Doutor. Estou quase lá Vó.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À **Deus**, pelo milagre da vida e por me permitir realizar tantos sonhos. Obrigado por me permitir errar, aprender e crescer, por Sua eterna compreensão e tolerância, por Seu infinito amor, pela Sua voz –invisível que não me permitiu desistir e principalmente por ter me dado uma família tão especial, enfim, obrigado por tudo.

Aos meus pais, **Clelia e José Carlos**, que nunca mediram esforços para me ensinarem o caminho do bem, e por me darem o melhor que podiam dentro de suas condições, por abdicarem de suas vidas em prol das minhas realizações. Sem vocês, eu não chegaria até aqui. Muito obrigado por tudo!

À minha princesa **Helena**. Inúmeras foram as vezes que, às 2 ou 3 horas da manhã, após concluir algumas horas de leitura e escrita, fui até o seu quarto e lá permaneci, te olhando, agradecido por você ser parte da minha carne, da minha vida. A sua existência é o reflexo mais perfeito da existência de Deus.

À minha companheira **Monique**, por todo amor, carinho, compreensão e apoio em tantos momentos difíceis desta caminhada. Obrigado por permanecer ao meu lado, mesmo sem a atenção devida e depois de tantos momentos de lazer perdidos. Obrigado pelo presente de cada dia, pelo seu sorriso e por saber me fazer feliz.

Ao meu orientador, Professor **Luís Mauro**, pela oportunidade de realizar este trabalho. Obrigado pela confiança e por me atender com paciência todas as vezes que aflito, recorri ao teu socorro. Agradeço por todos os ensinamentos compartilhados de forma tão admirável, acessível e generosa. Sua profunda sabedoria esbanjada de maneira tão leve, simples e autêntica, me faz visualizar o caminho da docência com ainda mais entusiasmo. Muito obrigado!

Ao Professor **José Eugênio**, sua contribuição foi essencial nos primeiros passos dentro do mestrado. Sua gentileza, cordialidade, carinho e dedicação, marcaram profundamente a etapa mais –assustadora dentro do processo. Muito obrigado!

Ao querido **Professor Padre Iraildo**, que me inspira através dos seus escritos, e de suas reflexões tão profundas, sensíveis e acolhedoras. Suas contribuições para a educação e a comunicação, são essenciais para pessoas que assim como eu, buscam dialogar com os desafios da sociedade, e a verdadeira mensagem do Evangelho. Muito obrigado!

À querida **Professora Carol Terra**, que com docilidade consegue entregar muito mais do que esperamos. Suas aulas, seus conselhos, sua atenção, são fonte de reabastecimento quando no caos do dia a dia nos encontramos com o –tanque vazio. Obrigado por desde a minha primeira especialização ser essa fonte de gentileza e sabedoria. Você é inspiração. Muito obrigado!

Por fim, a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desta dissertação, o meu sincero agradecimento.

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo analisar os significados dos gestos do Papa Francisco, para compreender de que maneira os seus gestos representam socialmente uma perspectiva específica de comunicação social, no contexto de midiatização do século XXI. Essa pesquisa busca interpretar os gestos do Papa Francisco como representações simbólicas de sua singularidade como Papa, assim como para compreender como as suas ações representam avanços no histórico de Comunicação da Igreja Católica. Para analisar os gestos verbais e não-verbais do Papa Francisco, a pesquisa possui como marco teórico a teoria sobre mídia primária, secundária e terciária de Pross e Baitello Jr. e a contribuição central de Vilém Flusser para análise dos gestos e suas representações simbólicas. Além disso, esse trabalho dialoga com as obras de Angelini, que desenvolveu uma robusta pesquisa acerca dos gestos dos Papas, inclusive do Papa Francisco, e sua dimensão simbólica e comunicacional, sua obra se revela como um referencial teórico relevante para essa pesquisa. Propõe, como metodologia, revisão crítica de literatura acerca do histórico da comunicação da Igreja Católica e análise documental de documentos oficiais do Papa Francisco, em especial das encíclicas, mas utiliza imagens e reportagens de grande transmissibilidade acerca de suas ações. Esse trabalho está dividido em três capítulos, que tratam do histórico de comunicação da Igreja Católica, da comunicação da Igreja Católica no contexto de midiatização e da singularidade do Papa Francisco como Papa, em especial da formulação de sua "cultura do encontro" que reverbera na postura do Papa como uma representação dessa missão de evangelização. Considera-se que os gestos do Papa Francisco representam socialmente a adequação da liderança papal ao contexto social do século XXI, para combater a cultura da indiferença, da exibição e do consumismo, com a contraproposta da cultura do cuidado, do afeto e do amor ao próximo.

Palavras-chave: Papa Francisco; gestos; mídia; comunicação; Igreja Católica.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the meanings of Pope Francis' gestures, to understand how his gestures socially represent a specific perspective of social communication, in the context of 21st century mediatization. This research seeks to interpretate Pope Francis' gestures as symbolic representations of his uniqueness as Pope, as well as to understand how his actions represent advances in the Communication history of the Catholic Church. To analyze the verbal and nonverbal gestures of Pope Francis, the research has as its theoretical framework the primary, secondary and tertiary media theory of Pross and Baitello Jr. and the central contribution of Vilém Flusser for the analysis of gestures and their symbolic representations. Moreover, this work dialogues with the works of Angelini, who has developed robust research about the gestures of the Popes, including Pope Francis, and their symbolic and communicational dimension, her work reveals itself as a relevant theoretical reference for this research. It proposes, as methodology, a critical review of literature on the history of communication in the Catholic Church and a documentary analysis of official documents of Pope Francis, especially the encyclicals, but uses images and reports of great transmissibility about his actions. This work is divided into three chapters, which deal with the history of communication of the Catholic Church, the communication of the Catholic Church in the context of mediatization, and the uniqueness of Pope Francis as Pope, especially the formulation of his "culture of encounter" that reverberates in the Pope's posture as a representation of this mission of evangelization. It is considered that the gestures of Pope Francis socially represent the adequacy of papal leadership to the social context of the 21st century, to combat the culture of indifference, exhibition, and consumerism, with the counterproposal of the culture of care, affection, and love for others.

Keywords: Pope Francis; gestures; media; communication; Catholic Church.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 DA REPRESSÃO À CULTURA MIDIÁTICA: PANORAMA DA HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA AO LONGO DOS SÉCULOS	14
CENSURA E REPRESSÃO A PARTIR DO INTER MULTIPLES	15
A ACEITAÇÃO DESCONFIADA E O DISCURSO DE LEÃO XIII AOS JORNALISTAS 18	
INTER MIRIFICA E O DESLUMBRAMENTO INGÊNUO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	23
AVALIAÇÃO CRÍTICA OU REVIRAVOLTA? PRIMEIROS PASSOS DA IGREJA RUMO À CULTURA MIDIÁTICA	26
A IGREJA DO SÉCULO XXI: RUMO AO FENÔMENO DA RELIGIÃO MIDIATIZADA.....	32
3 TENSIONAMENTOS ENTRE CIBERRELIGIÃO E CATOLICISMO	35
ENTRE A CULTURA DAS MÍDIAS, MIDIATIZAÇÃO E A CIBERCULTURA	35
O FENÔMENO DA MIDIATIZAÇÃO DA RELIGIÃO.....	39
A MIDIATIZAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA EM MEIOS DIGITAIS.....	42
JORGE MARIO BERGOGLIO E OS CAMINHOS PARA SER PAPA.....	46
DA ASCENSÃO DO PAPA FRANCISCO	48
BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O -PAPA POP E SUA REPERCUSSÃO NA MÍDIA	50
CARTAS DO PAPA FRANCISCO E COMUNICAÇÕES OFICIAIS SOBRE AS MÍDIAS DIGITAIS	51
4 A REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DOS GESTOS DO PAPA E SUA COMUNICAÇÃO PARA A “CULTURA DO ENCONTRO”	58
A CULTURA DO ENCONTRO COMO PROPOSTA COMUNICACIONAL DO PAPA FRANCISCO	58
O CORPO COMO LÓCUS DE ANÁLISE: CONSIDERAÇÕES SOBRE GESTOS DO PAPA FRANCISCO EM SUA DIMENSÃO PRIMÁRIA, SECUNDÁRIA E TERCIÁRIA	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85

1 INTRODUÇÃO

Os gestos evidenciam a completa presença de um indivíduo na interação. A comunicação humana, dotada de sentidos e significados, depende de uma série de elementos, além da palavra e da verbalização. Os gestos são entendidos como uma manifestação social de como os indivíduos interagem no mundo, quais atitudes, pensamentos e significados atribuem em uma relação com o outro. Nesse sentido, os gestos não são meros reflexos fisiológicos, mas elementos dotados de sentidos que permitem que uma pessoa participe, na comunicação, com o seu corpo inteiro (LE BRETON, 2009). Do ponto de vista socioantropológico - ou até mesmo semiótico -, entende-se que a modelação do corpo nas relações sociais tem uma construção social.

Os gestos produzem efeitos simbólicos, são, eles mesmos, uma ação social. Deve-se destacar, inicialmente, que os gestos são expressões aprendidas ao longo da vida, a partir das relações sociais que modelam o corpo do indivíduo, em palavras e gestos, para significar socialmente. Esse caráter de compartilhamento simbólico dos gestos é o que permite que um indivíduo corporifique algo e que o outro, que interage com ele, compreenda e seja influenciado ou tocado por este. Parte dos gestos são produzidos conscientemente, mas é necessário frisar que, muitas vezes, a modelação do corpo aprendida socialmente faz com que os indivíduos emitam diversos gestos sem analisá-los objetivamente, de forma inconsciente, dado que já incorporaram os gestos em suas relações sociais:

O gesto é uma figura da ação, ele não é um simples acompanhamento decorativo da palavra. A educação dá forma ao corpo, modela os movimentos e o resto, ensina as maneiras físicas de enunciar um idioma, ela faz das atuações do homem o equivalente de uma criação de sentido perante os demais. Ela suscita a obviedade daquilo que é, no entanto, socialmente construído. Assim, nos movimentos de comunicação, o indivíduo esquece que as palavras e os gestos que inconscientemente produz foram modelados mediante suas relações com os demais. (LE BRETON, 2009, p. 40)

Os movimentos do corpo, em sua dimensão social, possuem significados e sentidos compartilhados por todos que compõem determinada comunidade cultural. Alguns gestos, dada a uma relativa homogeneização da comunicação, podem ser entendidos por membros de comunidades diferentes. Mas a corporeidade produzida em uma comunidade, de certa forma, traduz modos ímpares de grupos se manifestarem no mundo e essas nuances ou especificidades são traduzidas a partir de hábitos específicos, culturais, regionais, de status e filiação. Ou seja, o indivíduo se expressa no mundo a partir das orientações sociais e culturais que foram passadas de forma comum a todos os membros, embora cada indivíduo tenha marcas específicas, próprias da personalidade ou comportamento pessoal.

Embora a comunicação simbólica corporal seja entendida, muitas vezes, sob o conceito genérico de "comunicação não-verbal", o que facilita a homogeneização da compreensão acerca dos movimentos que não envolvem a língua, essa redução parece dissolver a importância da comunicação, tanto em sua dimensão falada, quanto dos movimentos do corpo. O corpo deve ser entendido com significação ampla, porque os seus movimentos não são meros acessórios da língua, pois se constitui como parceiro da palavra, que normalmente significa com o auxílio constante da corporeidade. Nesse sentido, a utilização do termo "não-verbal" pode ser útil para facilitar a explicação, porém, do ponto de vista teórico, entende-se que o corpo e a língua são parceiros indissociáveis na comunicação:

Indissociáveis durante a interação, eles formam dois sistemas de sinais que concorrem simultaneamente para a transmissão de sentido. Todo discurso mobiliza corpo e linguagem de forma mutuamente necessária, implicando um vínculo poderoso e convencional entre as ocorrências dos dois. (LE BRETON, 2009, p. 43)

Os gestos não podem ser pausados, mesmo quando um indivíduo permanece em silêncio. Na verdade, até os usos do silêncio possuem importantes significações sociais dentro da interação com o mundo. Não é possível parar de produzir sentido com o corpo, porque cada um dos detalhes que emitimos diariamente, de forma consciente ou não, será interpretado por aqueles que os recebem. A comunicação é constante. Por vezes, os gestos são manipulados para produzir determinadas percepções. Manipulação não quer dizer falsificar gestos, mas emitir uma forma de comunicação conscientemente, com o objetivo de gerar determinado sentido ou significado dentro do sistema simbólico dividido com outros indivíduos. Nenhum gesto possui sentido *naturalmente*, porque os gestos estão incorporados dentro de um feixe de relações, em contextos específicos, que produzem significados. Embora seja possível que em diferentes lugares do mundo um gesto seja compartilhado, não é possível dizer "esse gesto significa x", sem considerar o seu contexto (LE BRETON, 2009).

Ressalvadas essas especificidades, é possível destacar que os gestos produzem gramáticas de comportamentos que serão lidos, interpretados e incorporados nas relações sociais. O indivíduo, mesmo quando age de forma inconsciente, partilha um significado com outro indivíduo. Essa dinâmica, própria da linguagem que chamamos de comunicação não-verbal, é passível de análise. Para esse trabalho, a perspectiva de Le Breton (2009) acerca da indissolubilidade da palavra e do corpo, é fundamental, pois os gestos verbais e não verbais serão analisados conjuntamente.

Para esse trabalho, a análise teórica dos gestos, seus sentidos e significados, é central. Tomamos como referência a teoria acerca dos gestos e do corpo, com as teorias da comunicação e diálogos interdisciplinares com a antropologia e a sociologia, para

compreender a comunicação do Papa Francisco. A repercussão de um gesto, em uma sociedade, não é igualitária. Se determinado indivíduo ocupa um papel social de maior prestígio ou relevância social, como figura pública – religiosa, política, cultural -, os seus gestos são mais transmitidos, assim como podem atribuir significados diversos a esses gestos, de acordo com a posição que a pessoa ocupa. Nesse sentido, como líder maior da Igreja Católica, os gestos do Papa Francisco possuem relevância não como expressão individual, mas como representação, ao mesmo tempo, individual e coletiva, pela posição que ele ocupa.

Esse trabalho, portanto, tem uma pergunta central: em que medida os gestos de Francisco representam uma perspectiva singular de comunicação social da Igreja Católica?. Essa investigação se ramifica em perguntas auxiliares, para compreender o contexto de análise: de que forma a Igreja Católica abordou a comunicação ao longo dos séculos? Como o ambiente de midiatização impacta a comunicação da Igreja? De que maneira o pontífice conduz o tema da comunicação em uma sociedade midiatizada? Quais gestos representam a perspectiva comunicacional do Papa Francisco?.

Essa análise se divide em duas dimensões: uma específica, que busca compreender os gestos do Papa Francisco e suas representações *per se*; e outra dimensão, que dialoga com o histórico de comunicação da Igreja Católica, para compreender o Sumo Pontífice dentro dessa história e sua capacidade de promover novas experiências e perspectivas para a Igreja. Entende-se que as suas dimensões são interdependentes, pois o Papa significa, ao mesmo tempo, suas posições e comportamentos pessoais, mas também a liderança central do pensamento da Igreja Católica.

Os objetivos específicos dessa pesquisa buscam auxiliar a formulação de um histórico acerca da comunicação da Igreja Católica, para esboçar um panorama sobre como a Igreja tratou esse tema, desde o século XIV até os dias atuais. Além disso, procura explorar conceitualmente o tema da midiatização da sociedade e analisa de que maneira a Igreja Católica adotou e incorporou a midiatização em suas práticas. Por fim, interpreta os gestos de Francisco, à luz das teorias da comunicação sobre mídia primária, secundária e terciária, assim como com o aporte das teorias sobre o corpo e os gestos, para propor interpretações possíveis para os gestos do Papa e sua repercussão social.

"Se não olho — não é suficiente ver, não: é preciso olhar — se não paro, se não olho, se não toco, se não falo, não posso realizar um encontro, não posso ajudar a construir uma cultura do encontro" (PAPA FRANCISCO, 2016, n.p). Essa é uma mensagem do Papa Francisco, para as meditações matutinas na Santa Missa, celebrada na Capela da Casa Santa Marta, em 13 de setembro de 2016. Francisco se inspira naquilo que denominou como

"cultura do encontro", que será mais bem explorado no terceiro capítulo. Para introduzir a sua perspectiva, cabe mencionar que a cultura do encontro, para ele, é uma resposta à cultura da indiferença que se difundiu nos últimos séculos, em que as pessoas se acostumaram, socialmente, a acompanhar as misérias, as calamidades e as desgraças como naturais, sem empatia com o outro.

Como parte de sua cultura do encontro, Francisco associa a palavra e o corpo para promover a ideia de que é preciso trabalhar a cultura do encontro, estar perto do outro, ver atentamente e agir, cotidianamente, em função da construção de uma cultura de proximidade, compaixão e empatia com o outro. Parte dos seus gestos, focados em representar o tipo de cultura que ele pretende promover e ver no outro, são retratados como símbolos de humildade, simplicidade e amor. Como líder maior da Igreja Católica, os gestos que o Papa emite têm repercussões imediatas, em larga escala, transmitidos para milhares de pessoas ao redor do globo. Consciente da repercussão e transmissibilidade dos seus gestos, Francisco se transforma em uma encíclica viva, como conceitua Simon (2019), pois manipula a sua imagem e os efeitos simbólicos, usos e sentidos dos seus gestos para ampliar a inspiração que outras pessoas têm a partir de suas ações.

O Bispo de Roma é fruto de uma tradição da Igreja Católica que se preocupa cotidianamente com as questões sociais e percebe a Igreja como um dos elementos centrais para a diminuição das desigualdades sociais. Em suas ações, Francisco centraliza as desigualdades como frutos de todas as outras desordens, que criam um mundo que carece de análise, reflexão e muitas mudanças, para promoção do bem-estar comum (CHAVES, 2021). Nesse sentido, em todos os anos do Papado de Francisco, ele se dedicou a pautar o tema das desigualdades em suas mais diversas acepções: o acesso a moradia, a saneamento básico, a água, a escassez de recursos naturais, o acesso a saúde e educação, o advento da internet e a globalização, tráfico de pessoas e as mais diversas temáticas que envolvem as desigualdades como a raiz, para o Papa.

Com o foco voltado para as pessoas mais humildes, especialmente, Francisco busca estimular, como líder da Igreja, um exercício de reflexão para as pessoas, sobre como elas tratam as outras pessoas, mas especialmente sobre como as desigualdades geram diversas desordens em todo o globo. Ele se promove como um exemplo do tipo de cultura que ele acredita que o mundo deve absorver para que as pessoas vivam melhor. Desde o início do seu Papado, o Santo Padre recusa os luxos desnecessários, a exuberância e a pompa, porque repousa a sua autoridade no diálogo, no olhar de perto. Como uma encíclica viva, as suas aparições são sempre fruto de reflexões, transmitidas pelas mídias como objeto de inspiração.

Não à toa, Francisco se torna conhecido como "o Papa do povo", ou "o papa humilde", pois sua história de cuidado com os mais pobres precede o seu Papado e continua como uma missão do Papa mesmo na condição de maior liderança religiosa do mundo Ocidental.

Essa pesquisa justifica-se pela relevância que Francisco possui para a comunicação da Igreja Católica e a aderência da Igreja aos *areópagos dos novos tempos*. A irreverência e singularidade do Papa são ressaltadas por muitos autores (SBARDELOTTO, 2015; NEFULLOA; GUIMARÃES, 2019; ANGELINI, 2015). Do ponto de vista do campo de análise, em torno das teorias da comunicação, a análise do líder da Igreja Católica é fundamental para compreender como a Igreja têm se posicionado, quais significados e sentidos a imagem do Papa como representação simbólica da Igreja possui. Além disso, a centralidade do Padre Santo como uma figura pública multifacetada, que se propõe a refletir sobre temas sociais de forma ampla e que realiza, de forma inusitada, diversos usos do seu corpo para sintetizar as suas reflexões teológicas e sociais.

Essa pesquisa se constitui como uma pesquisa descritiva, que reúne recursos metodológicos diversos para a consecução dos objetivos. A pesquisa propõe uma revisão crítica de literatura sobre a comunicação da Igreja Católica e sobre a relação entre Igreja e midiatização. Essa revisão tem como objetivo compilar as informações sobre o tema, a partir de outros autores, para resumir o conhecimento acumulado acerca do tema para a área de interesse (MANCINI; SAMPAIO, 2006). Nessa revisão de literatura, foram utilizados artigos, teses, dissertações e livros sobre a comunicação da Igreja, a midiatização, a midiatização da Igreja e os gestos do Papa Francisco. Como aportes teóricos principal destacam-se as teorias da comunicação primária, secundária e terciária, com Baitello Jr., assim como as teorias sobre gestos e corpo, com Vilém Flusser e Le Breton.

A pesquisa também se vale de uma análise documental, para a coleta e análise de dados coletados como fontes primárias, ou seja, dados que não foram tratados anteriormente e que cabe ao pesquisador propor interpretações e análises (SÁ SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009). O corpus da análise documental são os documentos, discursos e gestos do Papa Francisco. Os documentos oficiais, como as encíclicas, são utilizados para compreender qual a perspectiva de evangelização que Francisco propõe e suas estratégias para lidar com os fenômenos sociais e com as problemáticas decorrentes desses fenômenos. Os gestos do pontífice foram compilados a partir de reportagens e matérias que repercutiram diversas ações de Francisco ao longo dos anos de Papado, desde as suas vestes até mesmo a oração na praça vazia. Entre esses gestos, de mídia primária, secundária e terciária, estão imagens do Papa e os seus discursos.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, "Da repressão à cultura midiática: panorama da história da comunicação da Igreja Católica ao longo dos séculos", se esboça uma revisão sobre a história da relação Igreja/Comunicação, ou seja, de que forma a Igreja Católica tratou o tema da comunicação e os meios de comunicação que surgiram em cada época, a partir dos documentos oficiais da Igreja e da literatura especializada. Nesse capítulo, explora-se as quatro fases da relação da Igreja com a Comunicação: censura e repressão, aceitação desconfiada, deslumbramento ingênuo e avaliação crítica. Além disso, indica-se uma nova fase da relação da Igreja com a Comunicação, que se refere à midiatização.

O segundo capítulo, "Tensionamentos entre ciberreligião e catolicismo", explora conceitualmente a mídia e o fenômeno da midiatização, assim como analisa-se a nova fase que a Igreja passou a ter com a comunicação, com a criação do catolicismo midiático, que envolve a entrada massiva da Igreja Católica nos meios de comunicação tradicionais. Posteriormente, trata da midiatização da religião e de como a Igreja Católica assume os desafios da ciberreligião, ou seja, da criação de formas específicas de atuação em meios digitais. Por fim, explora a própria ascensão do Papa Francisco como um fenômeno midiatizado. Além disso, expõe uma breve biografia do Papa Francisco, para situar o caminho percorrido por ele até o Papado.

O terceiro capítulo, "A representação simbólica dos gestos do Papa e sua comunicação para a "cultura do encontro", amplia as análises sobre as gestualidades do Papa e explora um histórico dos gestos do Papa, os mais emblemáticos, desde o início do seu papado. Entre essas ações, o capítulo analisa o uso de vestes simples, o pedido de que fiéis rezem por ele, a relação próxima com o Papa Bento XVI e a construção ampla da figura do Papa Francisco como um Papa sutil, humilde e simples. Esse capítulo ressalta a unidade simbólica da imagem do Papa Francisco, costumeiramente homogênea, que gera poucas contradições acerca de sua figura. Nesse sentido, esse capítulo utiliza as teorias da comunicação, principalmente à luz de Pross e Baitello Jr., para analisar os significados e sentidos dos gestos do Papa, em consonância com seus discursos e documentos oficiais.

2 DA REPRESSÃO À CULTURA MIDIÁTICA: PANORAMA DA HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA AO LONGO DOS SÉCULOS

Essa pesquisa propõe um diálogo com diversos autores que trataram da comunicação da Igreja Católica ao longo dos séculos, com vistas a gerar um panorama adequado sobre o tema, que sirva como aporte teórico e conceitual para pensar as formas de comunicação da Igreja Católica no século XXI. Como parte desse eixo, contribuições de Marques de Mello, Puntel, Alvarenga e outros autores foram fundamentais para situar adequadamente o estado da arte do tema. Além disso, esse trabalho propõe um diálogo com autores que versaram e versam brilhantemente sobre o Papa Francisco, a sua comunicação e a noção de cultura de encontro, mas também sobre os gestos do Papa. Destacam-se, nesse campo, as pesquisas de Angelini, que fornecem análises sofisticadas sobre os gestos do Papa e se constituiu como uma autora fundamental para o diálogo realizado no terceiro capítulo desse trabalho.

Esse capítulo busca apresentar um panorama acerca da história da comunicação na Igreja Católica, que permita compreender, a partir dos documentos oficiais da Igreja e dos marcos teóricos definidos por alguns autores, de que forma a Igreja mediou a relação com a comunicação ao longo dos séculos. As primeiras menções ao tema, ainda na fase da repressão à comunicação, ocorrem por volta do século XV, a partir do documento *Inter Multiplices*, escrito por Inocêncio VIII que aponta os desafios a serem enfrentados pela Igreja no que tange à comunicação.

A partir das contribuições de Marques de Mello (1985), em *Igreja e Comunicação* e Puntel (2011), em *A Igreja a caminho na Comunicação*, esse capítulo segue os marcos temporais definidos pelos autores, que destacam, respectivamente, que o tema da comunicação na Igreja Católica possui quatro fases. Para Marques de Mello (1985), é possível considerar que a Igreja passou por quatro fases, em termos de sua comunicação: censura e repressão, aceitação desconfiada, deslumbramento ingênuo e avaliação crítica. O autor defende que essas quatro fases da história social da comunicação da Igreja Católica representam as mudanças profundas na forma da Igreja se comunicar com os fiéis e com a sociedade, a aceitação ou rejeição às mudanças sociais em torno da tecnologia, mas, sobretudo, a transformação pastoral que a Igreja Católica experienciou ao longo dos séculos.

Puntel (2011), no artigo citado, desenvolve um histórico minucioso das fases da Igreja em relação à comunicação, com base em uma análise documental dos documentos oficiais da Igreja Católica. Além disso, a autora avança nos marcos teóricos registrados por Marques de Mello, pois apresenta outra fase da relação Igreja-Comunicação, atual, a que ela se refere como cultura midiática. Essa definição de um novo marco busca mapear as diferenças

significativas experienciadas pela Igreja Católica no contexto de alto desenvolvimento tecnológico social, em que a midiática regula a relação entre os indivíduos, entre si e com todas as instituições sociais. Dessa forma, a partir da ideia de *cultura midiática*, Puntel apresenta outra fase da história da Comunicação, que será explorada no fim deste capítulo.

Os documentos eclesiais emitidos pelo Papa, denominados *documentos pontifícios*¹, são divididos em oito tipos e todos devem ser seguidos e transmitidos, pois tratam de assuntos relevantes para a sociedade católica como um todo. Cada um desses documentos é utilizado para se direcionar a grupos específicos do interior da comunidade eclesial. A Encíclica é destinada aos bispos e reúne diretrizes de como os bispos devem orientar a sua comunidade, pois através da ação dos bispos, ocorre também a doutrinação dos fiéis. As Encíclicas Epístolas são documentos para instruir eventos ou devoções específicas. As cartas apostólicas são documentos mais corriqueiros, destinados a nomeação, temas doutrinários breves e ações relacionadas à burocracia e governo papal. A Constituição Apostólica é o documento mais importante, pois versa sobre diversos temas. Há também a Exortação Apostólica, que são documentos semelhantes às Encíclicas, mas com recomendações mais curtas, direcionadas a um grupo específico da comunidade eclesial. Além desses, outros documentos ou subtipos são utilizados, mas essa descrição é suficiente e relevante para os documentos que serão mencionados a seguir.

CENSURA E REPRESSÃO A PARTIR DO INTER MULTIPLES

A primeira fase da relação Igreja-Comunicação foi caracterizada por um comportamento extremamente repressivo por parte da Igreja e durou longos séculos. Destaca-se que, ao refazer o histórico da história da Comunicação na Igreja, Puntel (2011) afirma que a Igreja Católica sempre se dedicou ao tema da Comunicação, ressaltadas as características do período e a compreensão eclesial da época.

Essa fase foi marcada por mudanças significativas na ordem social, motivada inicialmente pela criação da imprensa por Gutemberg, por volta de 1440. O primeiro livro impresso com a prensa de tipos móveis foi a Bíblia, originalmente impressa em alemão (MARQUES DE MELO, 2005). À época, a possibilidade de imprimir livros e folhetos em larga escala pode ser entendido como o início de uma revolução protestante, pois era possível, a partir desse feito, que outras pessoas tivessem acesso ao texto bíblico, além dos

¹ Mais informações sobre os documentos pontifícios estão disponíveis em: AQUINO, F. Quais os documentos usados pelo papa?. Canção Nova, 09 ago. 2007. Disponível em: <https://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2007/08/09/quais-os-documentos-usados-pelo-papa/>. Acesso em: 17 jan. 2022.

bispos, o que possibilitaria a democratização da informação no contexto europeu (RIBEIRO; CHAGAS; PINTO, 2007).

A Igreja reagiu violentamente à criação de Gutemberg e à disseminação da informação aos leigos, ao emitir o primeiro documento da Igreja Católica que versava sobre a comunicação. Essa Constituição, a *Inter Multiplices*, foi emitida pelo Papa Inocêncio VIII como uma reação ao novo contexto que se instaurou com o advento da imprensa. Nesse documento, de caráter repressivo, o Papa demonstrava as suas preocupações com o controle social e religioso que a Igreja Católica perderia em face da nova tecnologia disponível (PUNTEL, 2011).

Alvarenga (2020) destaca, em uma breve análise discursiva, como o texto é rígido, ao apontar enfaticamente a proibição, censura e condenação aos fiéis que fizessem uso dos folhetos e livros disseminados. Além disso, o autor aponta o empreendimento da Igreja Católica em tentar esconder a existência daquela Constituição, que sequer está disponível no site do Vaticano, mas foi recuperado por Dale e Josaphat em seus trabalhos. Um dos trechos do documento aponta:

Paralelamente, deve-se considerar como pernicioso e extremante hostil ao mesmo gênero humano o fato de publicar e de trazer, por escrito, ao conhecimento geral, o que é nocivo, oposto às sãs doutrinas, à honestidade dos costumes e, sobretudo, à ortodoxia religiosa. Efetivamente, tanto mais o bem é universal, quanto mais ele é útil, divino e grande; igualmente, deve-se considerar como mais perverso e mais abominável um mal que se expanda com maior amplidão e abundância, já que as intenções da fraqueza humana se inclinam mais para o mal do que para o bem (INTER MULTIPLICES, [1487] 1973. p. 35 *apud* ALVARENGA, 2020, p. 6).

Os demais documentos dessa fase histórica, produzidos entre 1400 e 1700, seguem a mesma linha de repressão desta primeira Constituição. Era comum, nos documentos seguintes, como o *Inter Sollicitudines* (Papa Leão X) e o *Dominici Gregis* (Papa Pio VI), trechos que encorajam que as publicações impressas, em especial as anticristãs, sejam fortemente combatidas pelos bispos no exercício da doutrina. Há trechos da *Inter Sollicitudines* que mencionam até mesmo penas para os infratores das recomendações feitas pelo Papa (ALVARENGA, 2020). É relevante lembrar que, durante a publicação e exercício desses documentos, a Igreja Católica e o Santo Ofício puniam gravemente todos aqueles acusados de causar crime contra a fé, no longo período de Inquisição da Igreja Católica.

Cronologicamente, Alvarenga (2020) aponta que oito documentos versaram sobre a comunicação durante a fase de repressão, entre 1487 e 1766, o equivalente a três séculos de propaganda ferrenha da Igreja Católica contra aqueles considerados traidores da fé. Durante esse período, a diretriz predominante era a de repudiar completamente os materiais impressos e punir os infratores. O último desses documentos, a Encíclica *Christianae Reipublicae*, do

Papa Clemente XIII, direciona grande parte do texto aos bispos, que deveriam combater a imoralidade dos livros, acusados de semear a discórdia com a escrita e com as palavras.

Puntel apresenta um breve resumo dessa fase:

Em 1487, Inocêncio VIII publica o Inter Multiplices, no qual define o pensamento da Igreja sobre os meios de comunicação escritos e como abordá-los. O papa estava preocupado com a vida espiritual dos católicos e via no advento da imprensa uma nova tecnologia que poderia ameaçar o controle eclesiástico da produção cultural de seu tempo. Em 1766 o papa Clemente XIII, referindo-se ao perigo das obras (impressas) de cunho anticristão, escreveu a encíclica *Christiane Reipublicae*, na qual essas obras eram condenadas e também eram reafirmados os deveres dos bispos em combater a literatura imoral. (PUNTEL, 2011, p. 224)

A encíclica *Christianae Reipublicae*² consiste em um longo apelo que condiciona a salvação do povo cristão ao corte *pela raiz* dos livros que se tornaram prejudiciais à sã doutrina (CHRISTIANAE REIPUBLICAE, 1766). O papa afirma que os livros se disseminam de tal forma que o seu contágio é pestilento e causa graves e amplos danos a fé, o que pode não apenas arruinar o povo cristão, mas sobretudo turvar as fontes realmente puras da fé. Nesse período, os documentos foram dedicados à disseminação dos livros e da informação e ao gradual desenvolvimento do Iluminismo, que privilegiava a razão em detrimento do pensamento puramente religioso. Esse combate aparece de forma clara na Encíclica citada:

A fé do simples é ridicularizada; os arcanos de Deus foram estripados; questões das mais altas verdades são discutidas de maneira imprudente; a ousadia engenhosidade do pesquisador usurpa tudo para si; ele investiga tudo, nada reservando para a fé, da qual nega o valor, enquanto busca a contraprova na razão humana. (CHRISTIANAE REIPUBLICAE, 1766)

O último documento que compõe a fase da censura e repressão foi a *Christianae Reipublicae*. A partir do século XVIII, a Igreja Católica assume uma nova postura no que tange à comunicação. Pode-se afirmar que da repressão à aceitação desconfiada, houve uma evolução na compreensão da Igreja, que entendeu não haver mais condições suficientes para reprimir a disseminação das informações. Para lidar com o novo período histórico e com a ascensão dos ideais iluministas, a Igreja passa a compor o quadro de referências impressas e combater as comunicações que considerava anticristãs. Essa fase, intitulada por Marques de Melo (1985) como aceitação desconfiada, teve início com o Papa Leão XIII.

² CLEMENTE XIII. Carta encíclica –*Christianae Reipublicae*ll. 25 nov 1766. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/clemens-xiii/it/documents/enciclica-christianae-reipublicae-25-novembre-1766.html>. Acesso em: 05 out 2021.

A ACEITAÇÃO DESCONFIADA E O DISCURSO DE LEÃO XIII AOS JORNALISTAS

O primeiro marco da segunda fase da relação Igreja-Comunicação foi a abordagem diferenciada que o Papa Leão XIII assumiu em relação aos seus antecessores. Para ele, não era suficiente endereçar documentos à comunidade eclesial sobre os perigos da imprensa anticristã, pois essas ações, apenas, não geravam o efeito desejado. Dessa forma, o Papa decidiu realizar um comunicado a um grupo de jornalistas profissionais, meses depois de assumir o papado, em 1879 (TAVARES, 2016). Essa entrevista foi concedida em latim, sob a característica de um comunicado, sem perguntas por parte dos jornalistas. Em comparação à fase anterior, o Papa assumir um pronunciamento público através de um instrumento potente de comunicação social foi o primeiro de muitos empreendimentos da Igreja Católica para aperfeiçoar a sua comunicação para o tempo vindouro.

Essa *aceitação desconfiada* resguardava algumas características do período anterior. Embora reconhecesse a centralidade dos meios de comunicação na sociedade à época, o lócus da atuação da Igreja se voltava para utilizar os meios de comunicação para combater as propagandas anticristãs e missões que não estavam de acordo com a fé cristã. Nesse sentido, possuía como característica a disputa de narrativas dentro daquele campo. Puntel (2011) aponta que o Papa Leão XIII discursava aos bispos para que combatessem publicação por publicação, para difundir a sua missão através do campo de batalha nas mídias da época. O discurso do mal era, ainda, uma narrativa central para as ações da Igreja Católica, que ainda não reconhecia outras vantagens ou valores positivos das novas tecnologias disponíveis:

Nesse sentido, a Igreja Católica começou a proclamar a fé cristã através dos meios ao seu dispor, como vias alternativas para difundir sua missão.⁵ A postura eclesial era a de usar as tecnologias dos meios de comunicação como um –campo de batalha. A Igreja raciocinou do seguinte modo: Se a sociedade estava utilizando os meios de comunicação social para difundir o mal, então a Igreja também deveria usar esses mesmos recursos para difundir a boa mensagem, de modo a combater esse mal. (PUNTEL, 2011, p. 224)

A iniciativa do papa Leão XIII teve significativa aceitação e apoio da comunidade eclesiástica. Pode ser entendido como um paradigma daquela fase, visto que após o seu pronunciamento para os jornalistas, a postura do papa seguiu relevante por mais de 100 anos, sem que outros documentos fossem emitidos com uma nova interpretação sobre o tema (TAVARES, 2016). Cronologicamente, a fase de aceitação desconfiada foi mais breve do que o longo período de censura e repressão, o que demonstra que, de certa forma, a Igreja Católica precisava acompanhar as novas compreensões que pairavam na sociedade, a fim de transformar a missão eclesial para os novos tempos.

Cabe destacar que, entre a fase de aceitação desconfiada e a fase de deslumbramento ingênuo, um documento do Papa Pio X, que teve seu papado entre 1903 e 1914, expressava certo retrocesso nas percepções da Igreja Católica sobre o tema da comunicação. De certa forma, as encíclicas do Papa Pio X poderiam ser analisadas como reflexões relevantes do próprio Papa, muito embora a comunidade eclesial, de forma geral, tivesse avançado significativamente em aceitar o fenômeno da comunicação social no último século. Em uma de suas encíclicas, a *Pieni L'animo*, de 1906, o Papa declara haver um espírito de insubordinação e independência entre o clero, que se propagava especialmente entre os jovens que se preparavam para serem sacerdotes nos seminários (PIENI L'ANIMO, 1906). Em um dos trechos, o Papa proíbe que os jovens clérigos tenham acesso a materiais impressos, como jornais, e às universidades:

Os jovens clérigos estão proibidos de frequentar as universidades, a menos que os Bispos considerem que há boas razões e as devidas precauções tenham sido tomadas. Os seminaristas estão absolutamente proibidos de participar de atividades externas. De acordo. Proibimos-lhes a leitura de jornais e revistas, salvo, no caso destes últimos, os de princípios sólidos e que o Bispo julgar convenientes para seu estudo. Que a disciplina continue a ser promovida com vigor e vigilância renovados. (PIENI L'ANIMO, 1906)

As ações do Papa Pio X visavam dispersar qualquer comportamento modernista dentro da Igreja, principalmente nos jovens que estão sendo formados para o sacerdócio. Nesse sentido, o Papa Pio X não representa necessariamente a fase da aceitação desconfiada, pois sua postura era de negação completa do contato da Igreja Católica com formas de modernização da comunicação, assim como proibia as leituras de jornais e incentivou a criação de órgãos para fiscalizar os materiais que eram produzidos em cada diocese (TAVARES, 2016; PASCENDI, 1907).

Notadamente, nas primeiras décadas do século passado, a Igreja Católica ainda se movia com cautela, no que tange os meios de comunicação (PUNTEL, 2011). Avanços nas percepções da Igreja em alguns momentos revezaram, em outros momentos, com concepções mais conservadoras. A segunda fase da relação Igreja-Comunicação foi fortemente marcada por dualidades, por posições que, embora representassem alguma flexibilidade, carregavam uma forte desconfiada por parte dos Papas.

Em 1936, o Papa Pio XI dirigiu a sua encíclica *Vigilanti Cura*³ para a hierarquia eclesiástica dos Estados Unidos, para versar sobre o advento do Cinema e suas ponderações acerca dos efeitos positivos e negativos da sétima arte. Esse documento, embora significasse um interesse do Papa Pio XI em relação ao cinema, abordava enfaticamente os aspectos

³ PIO XI. Carta Encíclica "Vigilanti Cura". 29 jun 1936. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_29061936_vigilanti-cura.html. Acesso em: 7 out 2021.

negativos de toda a linha de produção cinematográfica, assim como exibição e consumo por parte dos jovens. Puntel demonstra:

Sua encíclica *Vigilanti Cura* (1936), dirigida inicialmente à hierarquia eclesiástica dos Estados Unidos, menciona o poder e o potencial do cinema como tecnologia de comunicação. O documento faz alusão às experiências da —Legião da Decência, que tinha sido formada com a finalidade de combater a produção de filmes moralmente prejudiciais. Realmente, alguns progressos já tinham sido alcançados em relação à atitude defensiva da Igreja, mas não havia ainda confiança plena no novo meio, nem mesmo uma tentativa de abordá-lo de maneira diferente e mais positiva. (PUNTEL, 2011, p. 225)

A ideia geral da *Vigilanti Cura* era apontar considerações sobre o cinema, reconhecer o potencial de utilização da produção cinematográfica como uma arma e estabelecer a *Legião da Decência* para vigiar os filmes produzidos e censurá-los, com base nos desígnios cristãos. Notadamente, a Igreja Católica reconheceu formalmente a importância do lazer, porém, o lazer *moralmente edificante* (VIGILANTI CURA, 1936). O cinema se tornou popular mundialmente e a Igreja se preocupava com o acesso irrestrito que as pessoas tinham às representações cinematográficas que, para o Papa Pio XI, ensinavam uma forma maléfica de consumo e lazer. Nesse sentido, o discurso do mal encarnado nos novos fenômenos de comunicação social permanecia intacto:

Ainda no início da década de 30 do século XX, o Vaticano considerava, em documentos, que o cinema era um poderosíssimo meio de persuasão existente. Era também um pensamento dominante entre governos de outros países, inclusive no Brasil, que vivia o Estado Novo, cuja relação com a Igreja Católica era das melhores. A Santa Sé via o cinema como um instrumento utilizado para influenciar negativamente a conduta de jovens, que se espelhavam nas grandes estrelas e no modo de vida que era disseminado nas películas. (SOLON, 2013, p. 196-197)

Apenas com o Papa Pio II a Igreja Católica adotou ações diferentes em relação aos meios de comunicação, sobretudo no que tange à percepção real da Igreja sobre o potencial de mudança que o cinema, o rádio e a televisão representavam naquele contexto, visto que todos esses eram disseminados em larga escala na década de 50. Destaca-se que o Papa Pio XII fez o primeiro pronunciamento de um papa à televisão em 1949, para a televisão francesa, em virtude do dia de Páscoa. Anos depois, em 1957, o Papa Pio XII emite a encíclica *Miranda Prorsus*, que versava sobre os *novos meios técnicos* para a difusão de ideias, como o cinema, o rádio e a televisão. Segundo Puntel (2011), essa é a primeira vez que a Igreja Católica dá boas-vindas aos meios de comunicação, no segundo documento pontifício sobre a comunicação social no século XX.

Essa encíclica possui características específicas que valem algumas notas. O preâmbulo da encíclica reconhece os desenvolvimentos técnicos não apenas como um desenvolvimento da capacidade física dos homens, mas, sobretudo, como um desígnio de Deus (MIRANDA PRORSUS, 1957). A função dessa perspectiva, além de aproximar a

comunidade eclesial dos novos meios de comunicação, era assumir as técnicas de difusão do conhecimento como um direito da Igreja Católica, visto que, como um desígnio de Deus, a Igreja deveria ter acesso a esses meios técnicos sem limitações (SOLON, 2013). Por conta disso, entende-se que o início de uma aceitação da Igreja Católica sobre os meios de comunicação era, igualmente, uma estratégia para transmitir a palavra de Deus e sua mensagem, mas também se posicionar enfaticamente frente às mudanças sociais:

Esse é um documento voltado aos meios eletrônicos da época: cinema, rádio e televisão. Apesar dos altos e baixos na história da relação Igreja-Comunicação, neste documento, o Papa Pio XII sinaliza maior abertura da Igreja para os meios. Um sinal claro dessa inclinação é a ampliação de responsabilidades da Comissão Pontifícia para o Cinema, que passou a cuidar também de questões relacionadas ao rádio e à televisão. Essa orientação também pode ser entendida como uma ação estratégica da Igreja para se manter presente neste cenário e, de alguma forma, acompanhar o desenvolvido e crescimento dessas novas tecnologias de comunicação. (ALVARENGA, 2020, p. 10)

A parte geral da Encíclica dedica-se a enfatizar os princípios que devem regular a difusão do conhecimento no cinema, no rádio e na televisão. Embora cada um desses meios de comunicação possua características específicas, o foco desse trecho da Encíclica é mostrar de que forma eles poderiam ser utilizados para difundir o ensinamento religioso. É necessário lembrar que a Encíclica *Miranda Prorsus* compõe a fase de aceitação desconfiada, demonstrada em alguns trechos do documento. No que tange à difusão, o documento retrata o que considera *a difusão do bem*, posto que espera que os homens que utilizam esses instrumentos de comunicação sigam o exemplo daqueles que, mesmo diante da tecnologia nos séculos passados, se dedicaram a elevar o espírito a serviço de Deus (MIRANDA PRORSUS, 1957).

Ainda sobre a difusão, o documento aponta o que seria a *difusão do mal*, ou seja, o argumento não está mais voltado para o domínio da técnica como, *per si*, uma difusão do mal. A utilização dos instrumentos de comunicação não é mais entendida, a partir dessa encíclica, como algo negativo. O negativo, na *Miranda Prorsus*, é a disseminação do mal moral através de um instrumento considerado como divino, posto que pode elevar o homem. Nesse sentido, a liberdade aparece na *Miranda Prorsus* como um mecanismo divino, mas que deve ser explorado de forma a elevar a palavra de Deus. Sobre esse tema, o documento defende a liberdade de difusão, porém a serviço da edificação do homem, da difusão da doutrina da salvação.

Portanto, a *Miranda Prorsus* possuiu três funções: uma função moralizante, vinculada à noção de bons costumes; uma ação evangelizadora, por entender que os meios de comunicação poderiam difundir a mensagem a todas as pessoas com mais facilidade; uma ação educativa, lidada ao ensinamento de valores humanos gerais e formação cultural e

profissional através da educação cristã (ALMEIDA FILHO, 2013). A encíclica é extensa e dedicada a diversos setores dos meios de comunicação, além de cobrar responsabilidade conjunta das autoridades governamentais e civis para *vigiar e controlar* os instrumentos de comunicação (ALVARENGA, 2020). Esse é o penúltimo documento da fase de aceitação desconfiada e demonstra, de forma geral, muita preocupação – ainda – em vigilância e aceitação parcial.

O último documento da segunda fase foi o motu próprio *Boni Pastoris*⁴, do Papa João XXIII, em 1959. Esse documento foi responsável pela continuidade de uma Comissão Permanente de Cinematografia, Rádio e Televisão, a função da *Boni Pastoris* foi tornar essa comissão um órgão permanente da Santa Sé. É necessário destacar que a criação de uma comissão já havia sido citada na Encíclica *Miranda Prorsus*, mas sem continuidade prática na comunidade eclesial. O motu próprio é um documento do próprio papa, em resposta a um tema específico, sem auxílio de um conselheiro ou cardeal. A função desse documento era seguir as diretrizes do Papa Pio XII que o Papa João XXIII, àquela altura, compreendia como medida mais adequada para a Igreja no âmbito da fiscalização das comunicações.

As atividades no campo do cinema, rádio e televisão seriam, a partir dessa implementação, fiscalizadas, analisadas e dirigidas exclusivamente por essa Comissão. Toda e qualquer autorização para publicar disposições sobre comunicação ou expedir licenças devem, primeiro, solicitar o parecer da Comissão Permanente. A Comissão deverá apresentar semestralmente, ao Papado, um relatório de suas atividades. Além disso, o documento aponta que a Comissão cuidará da Fimoteca do Vaticano, responsável pela curadoria de documentários de interesse da Santa Sé. Nas palavras do próprio documento, compete à Comissão:

A dita Pontifícia Comissão competirá: informar-se das tendências e das realizações práticas quanto à produção de filmes, e transmissões radiofônicas e televisivas; dirigir e incrementar a actividade das Associações católicas internacionais e dos Organismos eclesiásticos nacionais de cinema, rádio e televisão, particularmente no que se refere à classificação moral dos filmes, às transmissões radiofônicas e televisivas de carácter religioso, e à instrução dos fiéis, especialmente da juventude, acerca dos deveres cristãos no referente a espectáculos (cfr. A.A.S., vol. XLIX, p. 780 ss.); e, finalmente, manter relações com as Sagradas Congregações e Organismos da Santa Sé, com as Conferências Episcopais e com cada um dos Ordinários, em tudo o que se refere a estes problemas complexos e difíceis. (BONI PASTORIS, 1959)

Destaca-se que essa Comissão não poderá ser desfeita posteriormente, pois figura como um órgão da Secretaria do Estado do Vaticano e deve ser protegida ao longo dos

⁴ JOÃO XXIII. Motu Proprio "Boni Pastores". 22 fev. 1959. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/motu_proprio/documents/hf_j-xxiii_motu-proprio_22021959_boni-pastoris.html. Acesso em: 9 out 2021.

séculos, além de possuir efeito permanente. Esse documento marca o fim da fase de aceitação desconfiada, pois o Papa João XXIII possuía maior abertura para os meios de comunicação, embora mantivesse certa vigilância em relação a esses fenômenos sociais. Os documentos posteriores ao motu próprio do Papa João dão início a uma nova fase da relação Igreja-Comunicação, em que a Igreja Católica buscou reparar rapidamente, com demasiado deslumbre, as fases de rejeição à comunicação social e às fases de aceitação com vigilância exacerbada.

INTER MIRIFICA E O DESLUMBRAMENTO INGÊNUO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

O documento que marca o início da terceira fase da relação Igreja-Comunicação foi precedido por um Concílio Vaticano, convocado pelo Papa João XXIII, para discutir e dar providências sobre temas relevantes para a comunidade eclesial. As sessões do Concílio ocorreram entre os anos de 1962 e 1965, com a presença de autoridades eclesiásticas de todo o planeta, com vistas à regulamentação de assuntos diversos da Igreja (PUNTEL, 2011). Durante o Concílio Vaticano II, diversos documentos pontifícios, entre decretos, bulas e afins, foram produzidos e aprovados pelos prelados.

O *Inter Mirifica*⁵, decreto sobre os meios de comunicação social, foi resultado desse Concílio Vaticano. Quando da sua aprovação, o Papa Paulo VI já estava no comando do Vaticano. Nesse documento, a comunidade eclesiástica, a nível mundial, reconheceu a relevância das mídias para a propagação da palavra e dos dogmas da Igreja (PONGAN, 2021). Há muitos destaques relevantes sobre esse documento, pois ele inaugura uma nova era de compreensão da Igreja sobre as mídias, passíveis de reconhecimento nas narrativas que ele enuncia:

Pela primeira vez, um documento universal da Igreja assegura a obrigação e o direito de ela utilizar os instrumentos de comunicação social. Além disso, o *Inter Mirifica* também apresenta a primeira orientação geral da Igreja para o clero e para os leigos sobre o emprego dos meios de comunicação social. Havia agora uma posição oficial da Igreja sobre o assunto. (PUNTEL, 2011, p. 226)

É necessário destacar que a perspectiva inaugurada com o *Inter Mirifica* apresenta uma concepção dos meios de comunicação como sendo formas potentes de interação e mudança humana. Ao afirmar que esses meios poderiam *atingir e mover* a sociedade humana, a Igreja Católica reconhece não apenas a função instrumental ou técnica da utilização do cinema, do rádio e da televisão, mas os *atos humanos* envolvidos nesse processo, que é o ponto mais

⁵ PAULO VI. Decreto "Inter Mirifica". 4 dez. 1966. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html. Acesso em: 09 out 2021.

significativo para o interesse da Igreja Católica pelos meios de comunicação (PUNTEL, 2011). Há muitos avanços nas narrativas desse documento, embora Puntel (2011) aponte que a ênfase na técnica permanece como uma característica dos documentos e ações posteriores.

O documento conta com 22 artigos, pois foi reduzido em sua versão final (PUNTEL, 2011). Alguns elementos destacados são relevantes. O caráter da comunicação exercido nesse documento permite aos fiéis e a todos aqueles aos quais ele se direciona, maior liberdade para discernir sobre as vantagens e desvantagens do uso das tecnologias. O tom da narrativa processado pelo Inter Mirifica não tem precedente em documentos anteriores sobre os meios de comunicação.

O documento não se resumiu a reconhecer publicamente a contribuição que os meios de comunicação exercem para a sociedade, se dedicou a apresentar normas para o uso correto das informações pelos cristãos, segundo a doutrina moral da Igreja (INTER MIRIFICA, 1966). No entanto, a inovação estava na forma como esse documento assumira uma postura mais relativista, de confiança no discernimento dos cristãos, para que as informações contidas no Inter Mirifica não propusessem comportamentos taxativos, mas de compreensão gradual por parte da comunidade cristã de como deveria utilizá-los.

O documento reconhece, ainda, a necessidade de que a obtenção de informações seja feita em várias fontes, porque não seria possível barrar o progresso atual da sociedade humana e a comunicação pública produz efeitos positivos sobre a sociedade. O documento afirma que o conhecimento amplo e contínuo pode contribuir para o bem comum e cita o direito à informação como uma forma de promover o bem de toda a sociedade humana (INTER MIRIFICA, 1966). Notadamente, há uma evolução na percepção da comunidade eclesial, espelhada nesse documento como o início de uma relação menos conturbada com os meios de comunicação.

Ainda sobre a consciência sobre a informação, o documento se dirige a todos os interessados na utilização dos meios de comunicação, não apenas àqueles que se utilizam das técnicas de difusão ou que fazem parte do amplo campo de comunicação social (PUNTEL, 2011). Sobre o direito à informação, o Inter Mirifica destaca que é preciso atentar-se para consumir informações fidedignas, objetivas e honestas, em todo o processo de emissão e recepção da notícia, que envolve todos os atores sociais (INTER MIRIFICA, 1966). No que se refere ao posicionamento estratégico da Igreja nesse contexto, o documento indica que se promova boas imprensas, com base na doutrina e nos princípios católicos, para formar as pessoas e afirmar o posicionamento da comunidade eclesial no novo contexto. Para isso, sugere-se apoio a emissoras de rádio e de televisão, a fim de fomentar os valores humanos e

os costumes religiosos nas novas tecnologias, além de indicar a avaliação de potenciais empresários católicos da comunicação para parcerias com a Igreja, aponta Pongan:

Nesta visão, a Igreja passa a incentivar e patrocinar veículos de comunicação de posse da instituição, além de enviar membros do clero para estudos específicos de organização, uso, técnica e composição de materiais para essas mídias, que iam de rádio, televisão, impressos, até produções cinematográficas. (PONGAN, 2021)

Por fim, o *Inter Mirifica* propõe a criação de órgãos de instrução para a utilização das comunicações sociais, busca ampliar o número de comissões e organismos nacionais e regionais para fiscalização e desenvolvimento de ações sobre os meios de comunicação, mas também posiciona a centralidade do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais no controle desses organismos (ALVARENGA, 2020). Destaca-se também o incentivo à criação de emissoras católicas onde for oportuno.

O Concílio Vaticano II gerou, além do *Inter Mirifica*, um documento que figura como uma instrução pastoral, publicado em maio de 1971, como resultado de um longo progresso de reflexão pelo Concílio Ecumênico II do Vaticano, considerado como um dos documentos mais positivos da Igreja sobre a comunicação. Essa instrução pastoral, a *Communio et Progressio*⁶, é um longo documento que versa exaustivamente sobre os meios de comunicação social, em resposta, inclusive, às críticas feitas anteriormente ao *Inter Mirifica*, que o acusava de ser demasiado genérico e com pouca profundidade teológica e sociológica (PUNTEL, 2011).

A *Communio et Progressio* apresenta que o cristão não deve se negar a empenhar-se para melhorar as suas condições de vida e para reconhecer os avanços tecnológicos da sociedade. O tom moralizante desaparece nesse documento e é substituído por uma abordagem entusiástica e otimista (PUNTEL, 2011). A instrução, embora seja extensa e cubra diversos temas e subtemas relacionados com a comunicação social, reconhece que não é possível pormenorizar demasiadamente os assuntos, visto que a rapidez com que os meios de comunicação se desenvolvem pode gerar instruções obsoletas em pouco tempo (COMMUNIO ET PROGRESSIO, 1971). Puntel ressalta alguns elementos centrais da *Communio et Progressio*:

Uma terceira característica desse documento é que ele considera as peculiaridades de cada veículo de comunicação, inclusive o teatro. Leva em conta a situação psicossocial dos usuários na elaboração de projetos de comunicação para a Igreja, pois –todos esses fatores exigem, por parte da pastoral, uma atenta consideração (CP 162) e o povo deve ser atendido por um –pessoal bem preparado (CP 162). Finalmente, a *Communio et Progressio* ressalta que a comunicação social é um

⁶ CONCILIO ECUMENICO II DO VATICANO. Instrução pastoral "Communio et progressio". 23 mai. 1971. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_23051971_communio_po.html. Acesso em: 20 out 2021.

elemento que articula qualquer atividade da Igreja, reconhecendo a legitimidade da formação da opinião pública dentro dela. (PUNTEL, 2011, p. 231)

A fase de deslumbramento ingênuo durou poucas décadas, fruto da preocupação da Igreja de acompanhar o atual estado da tecnologia e da compreensão social sobre os meios de comunicação. O decreto Inter Mirifica e a instrução pastoral *Communio et Progressio* foram divisores de água para a relação Igreja-Comunicação, por conferir maior liberdade para que a comunidade eclesial participe do campo da comunicação social, consuma notícias e informações com tranquilidade e se tornem agentes sociais da mudança no campo da tecnologia. Nesse sentido, o *deslumbramento ingênuo* pode ser entendido como um avanço, relevante para que a Igreja Católica se permitisse maior abertura ao novo.

AVALIAÇÃO CRÍTICA OU REVIRAVOLTA? PRIMEIROS PASSOS DA IGREJA RUMO À CULTURA MIDIÁTICA

Entre os anos de 1971 e 1989, a Igreja silenciou sobre o tema da comunicação em seus documentos oficiais, embora o abordasse acessoriamente durante o Dia Mundial das Comunicações (PUNTEL, 2011). Foram 18 anos sem que outro documento sobre o tema fosse emitido, em um momento de grande transição social, com a passagem da era analógica para a era digital. No início da década de 90 do século passado, o mundo já experienciava outro estado da globalização, que poderia ser considerado como o início da vida em rede.

Marques de Mello (1985), em sua proposta de marco temporal, identificava esse período como uma avaliação crítica. Puntel (2011) compreende que houve um hiato na comunicação da Igreja Católica sobre o assunto e este só veio a ser citado novamente no fim dos anos 80. Dado o desenvolvimento rápido da tecnologia no fim do século passado e começo do século XXI, a autora defende que a quarta fase seria a *reviravolta*, a partir do documento *Redemptoris Missio*, em 1990. Haveria, ainda, uma quinta fase, em que a cultura midiática se desenvolve com maior rapidez e o fenômeno da ciberreligião alarga-se significativamente. Em função disso, desenvolvemos uma separação entre os primeiros anos dessa quarta fase e o estado atual, entendendo haver não necessariamente mais um marco temporal definido, mas o desenvolvimento gradual de um fenômeno de evangelização e mídia, que será abordado posteriormente.

Há diversos documentos sobre o tema produzidos pela Igreja Católica entre 1989 e 2005. O primeiro deles, *Pornografia e Violência nas Comunicações Sociais*⁷ é uma instrução

⁷ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. Pornografia e violência nas comunicações sociais uma resposta pastoral. 7 mai. 1989. Disponível em:

pastoral, do ano de 1989, emitida pelo Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais para falar sobre o fenômeno da disseminação de pornografia em âmbito virtual, com fácil acesso até mesmo para crianças e adolescentes. Esses fenômenos foram considerados como alarmantes para a Igreja, que se mostrou preocupada com a difusão de pornografia e conteúdo violento nos meios de comunicação social, em especial os livros, cinema, teatro, televisão e outros (PORNOGRAFIA E VIOLÊNCIA NAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, 1989). Vale destacar que, quando da produção desse documento, não havia no Brasil, por exemplo, o regime atual de classificação indicativa que proíbe o acesso de crianças e adolescentes a certos conteúdos difundidos pelos meios de comunicação.

Essa instrução pastoral tratou sistematicamente da descrição do fenômeno de disseminação de pornografia e violência, situou o debate de forma sociológica, apresentou as possíveis causas do problema e as possíveis soluções (PUNTEL, 2011). É possível entender que esse documento funciona como um chamado social para que as crianças e adolescentes, especialmente, não fossem submetidos a conteúdos que pudessem gerar danos psicológicos e sociais posteriormente.

Nessa instrução, nota-se maior profundidade sociológica nas considerações acerca dos efeitos da pornografia para a sociedade como um todo, o que pode ser lido como um alargamento da capacidade da Igreja Católica de compreender os fenômenos sob vários prismas e apresentar considerações não apenas em torno da doutrina e da palavra de Deus, mas entendendo a relação existente entre os temas internos à comunidade eclesial e a necessidade de atualizar-se frente aos desafios. Sobre os efeitos da difusão massiva de conteúdos violentos e pornográficos, a instrução defende que:

Ninguém pode considerar-se imune aos efeitos degradantes da pornografia e da violência, ou a salvo da erosão causada pelos que atuam sob sua influência. As crianças e os jovens são especialmente vulneráveis e expostos a serem vítimas. A pornografia e a violência sádica depreciam a sexualidade, pervertem as relações humanas, exploram os indivíduos -especialmente as mulheres e as crianças -, destroem o matrimônio e a vida familiar, inspiram atitudes anti-sociais e debilitam a fibra moral da sociedade. (PORNOGRAFIA E VIOLÊNCIA NAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, 1989)

Algumas das notas evidenciadas por essa instrução pastoral poderiam ser consideradas progressistas, por se dedicar, inclusive, a mencionar que o conteúdo pornográfico é produzido por uma indústria que lucra com a exploração especialmente de mulheres e reproduz o corpo humano como um objeto para fins de prazeres hedonistas e individuais. O foco da instrução pastoral não é a condenação meramente moral da difusão da pornografia, como poderia ser

citada em outros tempos da Igreja Católica, mas aos efeitos sociais e coletivos em todos os âmbitos da vida humana, sejam eles sociais, psicológicos ou interpessoais.

Além disso, o documento convida todos os atores sociais responsáveis para a solução do problema, a saber: profissionais da comunicação, pais, educadores, jovens, autoridades públicas e a sociedade como um todo a refletir como a pornografia e a violência têm influenciado o desenvolvimento social no contexto de *mass media* (PORNOGRAFIA E VIOLÊNCIA NAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, 1989).

O documento considerado como marco da reviravolta das reflexões da Igreja Católica a respeito das comunicações é a Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, de 1990, emitida pelo Papa João Paulo II. Nessa carta, o Papa reflete longamente sobre os desafios existentes para a missão evangelizadora no século da tecnologia e da vida em rede, porque há fenômenos complexos que não poderiam obter soluções simples. É interessante destacar que esse documento não se dedica a tratar especificamente do tema da comunicação, pois o foco da *Redemptoris Missio* é a complexidade para a missão evangelizadora em um ambiente de profundas modificações tecnológicas e sociais. Os modos de vida foram modificados pela tecnologia, as compreensões sobre os indivíduos e sobre o mundo, a relação com as instituições sociais como a Igreja, todos esses fatores implicam diretamente em uma nova missão de evangelização no mundo moderno (PUNTEL, 2011).

Cabe assinalar que a inovação é promovida pela concepção do magistério eclesial de que há uma nova cultura no mundo, que a comunicação social não é meramente instrumental ou uma forma de intermediação com a comunidade católica e com a sociedade (PUNTEL, 2011). A percepção inaugurada pela *Redemptoris Missio* assume que há um ambiente em desenvolvimento e que este ambiente exige novos comportamentos de todas as instituições. Nesse sentido, é como se a comunicação da sociedade moderna *fundasse* novas formas de agir, como condição *sine qua non* para as instituições sociais permanecerem nesse contexto. O texto da Carta Encíclica enuncia:

O primeiro areópago dos tempos modernos é o *mundo das comunicações*, que está a unificar a humanidade, transformando-a — como se costuma dizer — na « aldeia global ». Os meios de comunicação social alcançaram tamanha importância que são para muitos o principal instrumento de informação e formação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais. Principalmente as novas gerações crescem num mundo condicionado pelos mass-mídia. Talvez se tenha descuidado um pouco este areópago: deu-se preferência a outros instrumentos para o anúncio evangélico e para a formação, enquanto os mass-mídia foram deixados à iniciativa de particulares ou de pequenos grupos, entrando apenas secundariamente na programação pastoral. (REDEMPTORIS MISSIO, 1990)

O conceito de aldeia global utilizado pelo Papa João Paulo II nesse documento evidencia a sua atualização sobre o campo das análises de comunicação na época. Esse

conceito, emprestado de McLuhan (1964), consiste em uma concepção de que a possibilidade de que a informação circulasse com mais facilidade através da tecnologia e do mundo digital encurtaria as distâncias físicas entre as pessoas, ou seja, a globalização tornaria a humanidade mais próxima, visto que as barreiras físicas não seriam mais empecilhos nesse novo fluxo de comunicações. Embora o conceito de McLuhan tenha sido criticado posteriormente, o Papa João Paulo II acreditava, assim como McLuhan, que uma das vantagens do *novo mundo* era justamente a capacidade de que as pessoas ficassem mais próximas em espírito, mesmo que fisicamente distantes (REDEMPTORIS MISSIO, 1990).

A ação missionária nesse contexto careceria de profunda modificação no *ethos* de toda a comunidade católica. Esse documento apresenta uma espécie de *mea culpa* de todo o magistério eclesial por não se dedicar adequadamente a entender o fenômeno que observavam anteriormente. A cultura moderna a que o Papa João Paulo II se refere parece ter vida própria, segundo a sua narrativa, e de fato o tem. Dessa forma, limitações de atuação na nova cultura impediria que a Igreja Católica aumentasse a sua influência. Em outras palavras, seria impossível transmitir o evangelho sem compreender que a forma de processar o evangelho anteriormente não funciona nesse contexto. Era necessária uma mudança estrutural que apreendesse as comunicações modernas profundamente:

O uso dos mass-mídia, no entanto, não tem somente a finalidade de multiplicar o anúncio do Evangelho: trata-se de um facto muito mais profundo porque a própria evangelização da cultura moderna depende, em grande parte, da sua influência. Não é suficiente, portanto, usá-los para difundir a mensagem cristã e o Magistério da Igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta « nova cultura », criada pelas modernas comunicações. É um problema complexo, pois esta cultura nasce, menos dos conteúdos do que do próprio facto de existirem novos modos de comunicar com novas linguagens, novas técnicas, novas atitudes psicológicas. O meu predecessor Paulo VI dizia que « a ruptura entre o Evangelho e a cultura é, sem dúvida, o drama da nossa época »; e o campo da comunicação moderna confirma plenamente este juízo. (REDEMPTORIS MISSIO, 1990)

A missão evangelizadora da Igreja Católica, no fim do século passado e começo do século XXI, focou em integrar o evangelho com a cultura. À época, a noção conceitual de mass media compunha o repertório conceitual de análise dos fenômenos da comunicação de forma adequada, embora seja insuficiente para analisar o fenômeno digital atualmente (SOUZA, 2016).

Há muitos documentos que discutem o tema da comunicação na Igreja Católica entre 1990 e 2005. Dessa forma, abordaremos brevemente considerações acerca destes, a fim de situar o atual estado da discussão do tema na Igreja. A *Aetatis Novae*⁸, instrução pastoral de

⁸ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. Instrução pastoral "Aetatis novae". 22 fev. 1992. Disponível em:

1992 que comemora 20 anos de *Communio et Progressio*, faz uma recapitulação de diversos documentos sobre a comunicação na Igreja Católica e inova em um ponto: a urgência de um plano pastoral da Comunicação e propõe diretrizes para a execução desse plano. A maioria dos documentos produzidos nesse período foram emitidos pelo magistério eclesial, através do Conselho Pontifício das Comunicações Sociais, o que pode representar a eficiência na setorização da Igreja Católica em órgãos criados por documentos anteriores.

Em 1997, o Conselho Pontifício emitiu o documento *Ética na Publicidade*⁹, para situar as diferenças entre publicidade, marketing e relações públicas, apresentar as vantagens de utilização da publicidade e as preocupações da Igreja Católica com a produção de consumo distorcida pela publicidade. Nos anos 2000, o Conselho publica *Ética nas Comunicações Sociais*¹⁰, no dia Mundial das Comunicações, que consiste em um documento geral –de controle, para reafirmar os compromissos firmados pela Igreja nos últimos anos.

Em 2002, o Conselho publicou *Ética na Internet*¹¹ e *Igreja e Internet*¹², nesses dois documentos o magistério eclesial voltado para a Comunicação apresenta a Internet como a arena mais importante da comunicação deste século, visto como o mais poderoso instrumento de comunicação de todos os tempos, dada a capilaridade de sua existência. A capacidade da Internet de ampliar o conhecimento para as pessoas é inestimável, assim como possui consequências negativas de sua má utilização. Nesse sentido, os documentos tocam em temas como privacidade, dignidade humana, democratização do acesso ao digital e outros. Essa fase, sem dúvidas, é marcada por uma complexa adaptação da Igreja Católica aos meios digitais. Para melhor visualização do histórico tratado nesse capítulo, assim como para dar notícias acerca dos documentos que marcam a mais nova fase da comunicação na Igreja Católica – da midiaticização -, esboçamos uma tabela, inspirada no trabalho de Alvarenga (2020), sobre os

https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_22021992_aetatis_po.html. Acesso em: 25 out 2021.

⁹ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Ética da publicidade*. 22 fev. 1997. Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_22021997_ethics-in-ad_po.html. Acesso em: 27 out 2021.

¹⁰ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Ética nas comunicações sociais*. 4 jun 2000. Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20000530_ethics-communications_po.html. Acesso em: 27 out 2021.

¹¹ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Ética na internet*. 22 fev 2002. Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_ethics-internet_po.html. Acesso em: 27 out 2021.

¹² PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Igreja e internet*. 22 fev 2002. Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_po.html. Acesso em: 27 out 2021.

documentos citados ao longo do capítulo, assim como outros que parecem marcar a fase da mediação:

Quadro 1 – Documentos oficiais da Igreja e as fases da relação Igreja/Comunicação

FASES	DOCUMENTOS OFICIAIS
Censura e repressão	<p>Inter Multiplices - Papa Inocêncio VIII – (1487)</p> <p>Inter Sollicitudines - Papa Leão X – (1515)</p> <p>Dominici Gregis - Papa Pio VI (1564)</p> <p>Christiana Reipublicae - Papa Clemente XIII (1766)</p>
Aceitação desconfiada	<p>Comunicado a um grupo de jornalistas - Papa Leão XIII (1876)</p> <p>Pieni L'animo - Papa Pio X (1906)</p> <p>Vigilanti Cura - Papa Pio XI (1936)</p> <p>Miranda Prorsus - Papa Pio XII (1957)</p> <p>Boni Pastoris - Papa João XXIII (1959)</p>
Deslumbramento Ingênuo	<p>Inter Mirifica - Concílio Vaticano II (1966)</p> <p>Communio et Progresso - Concílio Vaticano II (1971)</p>
Avaliação crítica/reviravolta	<p>Instrução Pastoral Pornografia e Violência nas Comunicações Sociais – Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais (1989)</p> <p>Redemptoris Missio – João Paulo II (1990)</p> <p>Instrução pastoral Aetatis Novae – Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais (1992)</p> <p>Ética na Publicidade - Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais (1997)</p> <p>Ética nas Comunicações Sociais – Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais (2000)</p> <p>Ética na Internet Igreja e Internet – Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais (2002)</p>
Mediação	<p>Mensagem para o 36º Dia Mundial das Comunicações - Papa João Paulo II (2002)</p> <p>O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos media ao serviço da Palavra - Papa Bento XVI (2010)</p> <p>Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital - Papa Bento XVI (2011)</p> <p>Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização - Bento XVI (2013)</p> <p>Evangelii Gaudium – Papa Francisco (2013)</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

A IGREJA DO SÉCULO XXI: RUMO AO FENÔMENO DA RELIGIÃO MUDIATIZADA

A Igreja havia experienciado diversas rupturas nos séculos anteriores em sua relação com a comunicação, mas no século XX tivera a capacidade de procurar maior ambientação com a tecnologia e gradativamente superar as fases de repressão e tentativa de condenação dos meios de comunicação. Dessa forma, foi possível para a Igreja Católica superar uma longa fase e, finalmente, fazer maior esforço para compreender como o fenômeno da comunicação, em face da tecnologia, se tornava central nas formas de socialização na sociedade contemporânea. No século XXI, os desafios para a Igreja Católica são outros. Dos meios de comunicação para a *rede*, toda instituição, sobretudo as secularizadas, tiveram o desafio de transformar a transmissão de suas ideias através de diversos novos instrumentos e dispositivos.

Dentro desse contexto, foi possível criar diversos territórios virtuais ou midiáticos, novas formas de educação e de manipulação do mundo, a partir desses dispositivos. A ideia de que a fé deveria ser vivida exclusivamente dentro da Igreja, por exemplo, deu lugar a uma série de empreendimentos para a transmissão da fé e do evangelho em frentes diferentes de atuação da Igreja. Os primeiros empreendimentos de midiática da religião, no caso da Igreja Católica, utilizaram a televisão como forma de propor uma nova arquitetura comunicacional dentro da Igreja. Esse fenômeno, denominado por Carranza (2011) como catolicismo midiático, fez parte da Renovação Carismática Católica e modificou profundamente a lógica de transmissão da fé, sobretudo no século XXI.

Esses processos de transmissão do evangelho de forma televisionada transformou a relação dos fiéis com a fé e com o ambiente físico da Igreja. A Igreja, nesse sentido, passou a não ser um lugar estabelecido, mas uma experiência com a palavra de Deus e com o evangelho que extrapola a presença física. A midiática da religião através da televisão foi capaz de fundar novas práticas religiosas e de criar não apenas uma nova relação com os fiéis, mas expandir a sua palavra no meio de comunicação que tinha maior popularidade e alcance: a televisão.

De forma analítica, Gasparetto (2009) mostra que o movimento carismático que levou o evangelho para a TV cumpria o princípio teológico mais fundamental: o de espalhar a mensagem para o máximo de pessoas. A televisão permanece como o meio onde a Igreja Católica deposita o seu maior esforço comunicacional, em torno da midiática da religião.

Atualmente, a continuidade das emissoras católicas e das programações atinge um público já fidelizado, sobretudo pessoas mais velhas, que não dominam adequadamente o uso das redes sociais. Ainda assim, não se deve subestimar a capacidade da televisão de alcançar um número significativo de pessoas.

No caso da Igreja Católica, e do fenômeno geral da midiatização, os dispositivos não são apenas meios de transmissão do evangelho. O cenário atual, desde o início deste século, transformou drasticamente as formas de perceber a comunicação em rede. Conforme Spadaro (2016) discute, a rede não é um mero conjunto de instrumentos e aplicações abstratas, a rede é um lugar real. O que permite que as pessoas se conectem com outras pessoas e com informações de todos os lugares do mundo é o meio, mas o que é feito a partir da relação é algo ampliado. A rede é um ambiente múltiplo, que se tornou um espaço de experiência para as pessoas, o que gerou um novo contexto existencial.

A midiatização da religião, para Martino (2017), é uma vivência de experiências religiosas que são intermediadas pelo ambiente da mídia. A midiatização não é apenas um processo que envolve a transmissão de informações através de recursos técnicos de difusão. A midiatização é um processo social que relaciona a mídia com a cultura para a produção de um novo espaço de presença digital.

A Igreja Católica ao modificar as suas práticas e modos de processar a doutrina e a palavra de Deus, para converter a sua lógica para o meio digital, iniciou esse processo de midiatização da religião. A midiatização, para Martino (2017), deve ser entendida em sentido amplo: diz respeito à lógica da mídia, seja na televisão, no cinema, na propaganda, na internet ou nas redes sociais. Esse fenômeno em que a ação humana produz efeitos sobre práticas sociais através da mídia é o que se pode entender como midiatização:

A midiatização é uma característica de várias igrejas e grupos religiosos, nas quais práticas e modos de vivência da religião são alterados, repensados no contexto de uma sociedade na qual várias atividades cotidianas, de relacionamentos familiares a questões profissionais, acontecem no ambiente digital e fora dele. Talvez não seja errado afirmar, ao menos no caso brasileiro, que algumas denominações religiosas têm nas mídias mais do que um aliado na divulgação de uma mensagem, mas quase sua razão de ser. (MARTINO, 2017, p. 24)

É necessário reafirmar esse processo para que se compreenda o fenômeno mais atual de ciber-religião, centralizado, sobretudo, na figura do Papa Francisco, no caso da Igreja Católica. A mera mediação de um meio de comunicação para transmitir práticas litúrgicas não deve ser considerado como midiatização, pois não influencia a forma e o conteúdo dessa operação. A midiatização é a transformação das práticas para incorporar a lógica daquele ambiente midiático (MARTINO, 2017).

Nesse sentido, o processo de midiaticização para a televisão é diferente do processo para a internet e redes sociais, por exemplo. Não apenas no que se refere ao formato produzido, mas a lógica de interação. A televisão, pela sua natureza, permite que seja produzido um conteúdo em que o receptor, um público específico, tenha acesso a um formato muito parecido com o que acontece no espaço físico da Igreja. No caso da internet, no entanto, a interação requer que a mensagem litúrgica seja emitida de outra forma, para públicos diversos, com mais rapidez e com possibilidade de interação com os fiéis. A Igreja Católica foi capaz de avançar na compreensão desse formato e criar arquiteturas para a profissão da fé:

A veiculação de uma cerimônia religiosa pela televisão não significa, neste ponto de vista, a midiaticização da religião. No entanto, quando tanto as práticas de produção quanto de divulgação da mensagem religiosa se organizam, na própria instituição religiosa, em termos de uma lógica vinculada ao ambiente midiático, é possível falar em uma midiaticização da denominação religiosa. A adequação institucional às lógicas de produção midiática, bem como dos fiéis e de suas práticas, ao ambiente midiático, pode ser entendida como um sintoma mais nítido do processo de midiaticização do campo religioso – por exemplo, quando mesmo as cerimônias religiosas, mesmo aquelas que não são transmitidas pela mídia utilizam as linguagens da mídia. (MARTINO, 2017, p. 26)

Como explica Puntel (2017), a nova arquitetura da comunicação requer que se compreenda o potencial das mídias como vetor de mudança social, não como meros instrumentos. Na contemporaneidade, o Papa Francisco é um exemplo de como a Igreja Católica conseguiu adequar a sua mensagem, sem perder a profundidade da doutrina, mas aplicando a palavra ao contexto de transmissão virtualizada.

Nos próximos capítulos, nos dedicaremos a explorar mais profundamente o fenômeno de midiaticização da religião, o complexo debate sobre mídia e as contribuições de diversos autores sobre o tema geral que estamos analisando. Além disso, abordaremos como a midiaticização foi central na ascensão de Jorge Mario Bergoglio a Papa Francisco, assim como os passos que o Papa Francisco tem dado para a nova arquitetura comunicacional através do TWITTER, instagram e outras redes sociais.

3 TENSIONAMENTOS ENTRE CIBERRELIGIÃO E CATOLICISMO

No capítulo anterior, apresentamos considerações iniciais sobre as mudanças na relação Igreja-Comunicação no século XXI, para introduzir o longo debate da construção de um fenômeno particular de comunicação religiosa, refletido por diversos autores em suas conceituações. Os conceitos empregados para analisar o contexto religioso neste século, entre -ciberreligião, -mídiação digital da religião, -catolicismo midiático e outros, todos estes fazem parte do mesmo empreendimento, no campo da teoria da comunicação, para compreender as nuances e singularidades da presença das religiões nos meios de comunicação e nas mídias digitais, de forma cada vez mais integrada e potente.

Esse capítulo se dedica a apresentar o importante debate conceitual, com base em uma bibliografia relevante sobre o tema, para situar adequadamente o campo. Aborda o panorama conceitual da pesquisa, pois, como afirma Santaella (2003), é preciso gerar reflexões conceituais que permitam compreender, efetivamente, a complexidade da realidade comunicacional que se esboçou diante de nós. Além disso, esse capítulo apresenta algumas notas sobre o fenômeno do catolicismo midiático no Brasil e expõe, por fim, a centralidade dessa nova atmosfera comunicacional para a ascensão do Papa Francisco, que será explorada com maior profundidade no próximo capítulo.

ENTRE A CULTURA DAS MÍDIAS, MÍDIATIZAÇÃO E A CIBERCULTURA

Este tópico está norteado pela compreensão conceitual de Santaella (2003), que apresenta importantes considerações sobre a complexidade dos fenômenos que envolvem os usos e sentidos da comunicação no contexto digital. Por isso, o primeiro aspecto relevante para discutir mídia e cibercultura é entender que embora os meios não sejam só meios, no sentido de que não são meros instrumentos, o que permite complexificar a relação com esses dispositivos são os processos culturais que criam sentidos e formas específicas para a utilização dos meios de comunicação.

Há de se enfatizar, inicialmente, que a ascensão de novas tecnologias, como dito em outro capítulo, não é um fenômeno *per se*, posto que a tecnologia não é um fenômeno autônomo, mas uma teia de criações e significados que informam o estado atual das relações sociais e do desenvolvimento da cultura a nível tecnológico (LÉVY, 1999). Nesse sentido, o que permite a configuração de novos cenários e ambientes socioculturais é a ação humana, que possibilita novos arranjos culturais a partir de diferentes meios. Outro ponto relevante se refere à singularidade do advento, uso e reinvenção de significados atrelados a cada meio de comunicação, pois os processos que propiciam sua formulação e utilização tem relação com

as formas de socialização humana através desse meio e ciclos culturais que lhe são próprios (SANTAELLA, 2003). Com isso, é possível entender que o que vemos no contexto da cibercultura, ou da ciberreligião, não é uma autonomia da tecnologia que formula novos usos, mas uma série de formações culturais cumulativas que complexificam os usos da tecnologia.

A cultura, como já foi longamente refletido desde o debate antropológico, é viva. Por isso, a produção de novas formas de se comunicar não significa, necessariamente, a morte de outros meios de comunicação, posto que as formações culturais não são lineares ou excludentes. Apesar disso, em cada período histórico, um tipo de tecnologia da comunicação parece impor o seu predomínio, dada a amplitude do seu uso e imprevisibilidade da vida social em torno de determinada tecnologia ou meio de comunicação. Também é relevante destacar que muitos meios de comunicação e linguagens comunicacionais se misturam, o que seria um dos pontos-chaves do que se convencionou chamar, de forma genérica, de cultura midiática. Ao mesmo tempo, desde a década de 80, surgiram novos equipamentos e dispositivos que permitiram uma linguagem diferente, com mensagens menos homogêneas e mais transitórias:

Essas tecnologias, equipamentos e as linguagens criadas para circularem neles têm como principal característica propiciar a escolha e o consumo individualizados, em oposição ao consumo massivo. São esses processos comunicativos que considero como constitutivos de uma cultura das mídias. Foram eles que nos arrancaram da inércia da recepção de mensagens impostas de fora e nos treinaram para a busca da informação e do entretenimento que desejamos encontrar. (SANTAELLA, 2003, p. 27)

A grande chave explicativa da cultura das mídias, como mostra Santaella, é a predominância das tecnologias e linguagens criadas para permitir individualização do consumo. A recepção de mensagens supostamente passiva, característica das formas de comunicação anteriores, é substituída por escolhas mais individualizadas de informação e entretenimento. Essas escolhas, altamente fragmentadas, dispersas e heterogêneas, configura um novo perfil de interação sociocultural com a tecnologia, assim como configura também os meios digitais. O período histórico que vivemos, com "cultura das massas", "cultura das mídias" e "cultura digital" entrelaçadas, apresenta-se misturado, assim a conceituação distinta de cada um desses fenômenos dá lugar a certa imprecisão conceitual.

No bojo desse debate, diante dos inter cruzamentos entre as diversas fases da cultura da comunicação nesse século, muitos autores buscaram conceber conceitualmente esse fenômeno. Santaella afirma que a era digital, ou a cultura digital, é marcada sobretudo por uma formação cultural que permite o acesso à informação de forma mais facilitada e ampla. O paradigma da informação, antes entendido como uma "posse", hoje, diante da disseminação de conteúdo e entretenimento a nível global, se torna um acesso (SANTAELLA, 2003).

Martino (2017), por outro lado, descreve esse fenômeno como midiaticização. O autor alega, e é possível perceber na bibliografia, que não há consenso conceitual sobre o que midiaticização realmente significa, posto que é um conceito polissêmico. Um ponto que parece expressar certo consenso entre a maioria dos autores é o de que a midiaticização, embora possua uma quantidade de significados, não propõe que a mídia transforme processos sociais. A perspectiva levantada por Martino, assim como por Santaella, retira o fetiche da mídia do centro da análise e propõe que as responsáveis por criar culturas midiáticas são as relações sociais.

A mídia não exerce efeito sobre as práticas religiosas, por exemplo, pois esse fenômeno deve ser lido de uma forma mais complexa. A noção de midiaticização compreende que diversas experiências e processos sociais, na atualidade, acontecem em ambientes midiáticos. Nesse sentido, a midiaticização seria a articulação de práticas sociais e individuais a partir da lógica própria das mídias, ou seja, a adequação de relações sociais à lógica de produção midiática, seja esse ambiente midiático a televisão, a internet ou, especificamente, as redes sociais. Quando um processo é modificado para utilizar as linguagens, tempos e efeitos próprios de determinado meio de comunicação, a experiência gerada é midiaticizada. As práticas, como aponta Martino, adotam a lógica da mídia.

Em uma aproximação inicial, midiaticização é a articulação entre a lógica e o formato dos meios no processo de comunicação. [...] A midiaticização, em outras palavras, pode ser entendida como o movimento de articulação das mídias nos processos sociais, com a conseqüente alteração de práticas e significados —mediados!, isto é, que ocorrem na mídia. (MARTINO, 2017, p. 25)

Puntel (2017) ora descreve esse fenômeno como nova arquitetura comunicacional, ora como cultura midiática, mas a autora deixa claro que em sua concepção, os desafios de análise e compreensão no mundo contemporâneo não se refere apenas à transformação rápida e contínua da cultura midiática, mas a emergência de novos sujeitos, com novas concepções internas e externas às instituições sociais. É claro que um desses desafios certamente está ligado ao desenvolvimento acelerado das mídias digitais.

O que a autora descreve como cultura digital - ou cibercultura - é o surgimento de um tipo ainda mais refinado de tecnologia, da microinformática, que permite a emergência de uma cultura do smartphone, dos computadores, dos micros objetos digitais. Essa cultura se torna tão intrínseca ao mundo contemporâneo, que os dispositivos digitais parecem ter feito sempre parte da nossa vida. A comunicação, nessa nova arquitetura, está diretamente ligada com o digital.

A transmissão da informação também é modificada. Aquela transmissão entendida como unilinear é substituída por uma comunicação colaborativa e interativa. É interessante

pensar que isso é fruto de uma mudança na própria constituição do sujeito moderno, que articula a própria percepção em lógicas diversas, a partir do paradigma da racionalidade, mas também da interação simbólica com o conteúdo. É característico da cultura digital que a comunicação opere por lógicas bem diversas das que possuíamos antigamente, destaca Puntel:

Na cultura digital, o processo de comunicação passa por matrizes e lógicas diversas daquelas que tivemos até bem pouco tempo. Isto requer mudança de mentalidade para perceber a evolução do processo comunicativo, segundo as épocas, por exemplo, o desdobramento da internet: Web 1.0 é a estática, em que as pessoas navegam e consomem informações; a Web 2.0 é a da participação, em que as pessoas usam a Web como base para todo tipo de interação: blogs, fotos, vídeos, redes sociais, como forma predominante atualmente. (PUNTEL, 2017, p. 502)

No que Puntel (2017) chama de "web 2.0", o que pode ser visto é a atualização do paradigma clássico da comunicação, de que há receptor e emissor no contexto de disseminação de uma mensagem. Nessa lógica e dinâmica atual, o receptor se torna, ao mesmo tempo, um ator, pois interage com a informação de forma crítica e, ao mesmo tempo, é um cocriador, pois sua função não é apenas receber a mensagem de forma passiva. Isso, para ela, é a chave para entender o paradigma atual da comunicação, pois a cultura digital tem como característica a interatividade, que permite maior intervenção dos indivíduos, agora atores sociais, pois participam de forma ativa da produção de informações, conhecimento e entretenimento.

Gomes (2016) também se dedicou a discutir a atualização do paradigma comunicacional na sociedade em midiatização. O autor destaca que a circulação de uma mensagem, na atual configuração social, acontece de forma automática entre a emissão e a recepção e se configura como um movimento complexo, pois a sua reatualização é um ciclo automático. Ou seja, os conteúdos transmitidos retornam para o processo comunicacional a partir da interação dos indivíduos com o conteúdo, o que gera um ambiente mais influenciado pela ação social. O interessante desse processo, com o advento da tecnologia, é que o processo de circulação de uma informação não permite identificar o seu início para definir um receptor passivo, pois a transmissão e a reconfiguração das informações acontecem de forma que um novo ambiente surge:

A sociedade em midiatização constitui, nessa perspectiva, o cadinho cultural onde os diversos processos sociais acontecem. Ela é uma ambiência, um novo modo de ser no mundo, como dissemos, que caracteriza a sociedade atual. As inter-relações recebem uma carga semântica que as coloca numa dimensão radicalmente nova, qualitativamente distinta em relação ao modo de ser na sociedade até então. (GOMES, 2016, p. 18)

Notadamente, todas as características destacadas confluem para uma conclusão mais complexa sobre as possibilidades de comunicação no novo ambiente social. Destaca-se que comunicação e sociedade estão, atualmente, imbricadas na produção de sentido e configura

novos modos de ser no mundo. Há de se notar, inclusive, que novas identidades emergem nesse processo, posto que o estado mais avançado da tecnologia já prospera há algumas décadas, o que significa que diversos sujeitos literalmente nascem em uma atmosfera comunicacional totalmente modificada por instrumentos tecnológicos. Com a disseminação dessas tecnologias, de forma global, há um "ambiente matriz", como demonstra Gomes (2016), que determina inclusive o modo de ser, pensar e agir em sociedade.

Há uma singularidade na perspectiva de Gomes sobre a midiaticização, porque o autor esboça esse conceito de forma dialética. Em sua formulação, o autor não retira a influência da utilização dos meios do centro da análise. Pelo contrário, ele propõe que as mudanças tecnológicas sejam pensadas como parte das alterações profundas na forma de ser socialmente, que a tecnologia potencializa a comunicação. Por outro lado, a midiaticização é compreendida como um movimento das relações sociais modificadas tendo os instrumentos tecnológicos como meios para essas mudanças. Gomes apresenta o fenômeno de forma ampla e transversal, posto que, com essa conceituação, deve ser possível analisar processos de midiaticização em contextos sociais e históricos diferentes, ao redor do mundo. Nas palavras do autor:

A midiaticização abrange dois movimentos simultâneos e dialéticos. De um lado, ela é fruto e consequência das relações, inter-relações, conexões e interconexões da utilização pela sociedade dos meios e instrumentos comunicacionais, potencializados pela tecnologia digital. De outro, ela significa um novo ambiente social que incide profundamente nessas mesmas relações, inter-relações, conexões e interconexões que constroem a sociedade contemporânea. A sociedade é em midiaticização. O ser humano é em midiaticização. Isso, hoje, sublinhe-se, configura um novo modo de ser no mundo. (GOMES, 2016, p. 18)

Todas as considerações elencadas acima reforçam a consolidação de um fenômeno comunicacional que se tornou generalizado nas relações sociais e na forma do ser humano ser no mundo (SBARDELOTTO, 2018). Esse período histórico que vivemos desde a emergência da cibercultura na década de 80 desenha arquiteturas comunicacionais cada vez mais complexas, à medida que a tecnologia também avança. Nas próximas páginas, desenha-se uma análise da especificidade da midiaticização para a religião, esboçando o que significa a emergência de um novo ambiente digital para a religião, com conceitos como ciberreligião, midiaticização da religião e outras contribuições relevantes.

O FENÔMENO DA MIDIATICIZAÇÃO DA RELIGIÃO

Como visto anteriormente, o fenômeno da midiaticização se tornou dominante com as urgências do mundo contemporâneo. Diversos setores passaram a construir forte presença nas mídias, para alcançar os seus públicos e criar adeptos. Alguns setores e instituições sociais

focaram em uma tímida presença nas mídias, de forma mediada. Outros, como é o caso de alguns setores da Igreja Católica, modificou completamente a sua lógica de comportamento, assim como formulou figuras carismáticas para estabelecer uma presença adequada com o formato de presença desse momento (CARRANZA, 2005).

A midiatização da religião pode ser discutida em diversas esferas, seja na forte presença na televisão, com a produção de programações inteiras voltadas para as liturgias ou "showlebrações", como ficaram conhecidas algumas dessas experiências. Mas também será posteriormente discutida com a ascensão da figura do Papa Francisco e sua forte presença em todas as mídias, inclusive nas redes sociais, com uma cultura - também digital - nomeada "cultura do encontro". Cabe, antes disso, algumas notas sobre o que significa, no campo religioso, o fenômeno da midiatização. Para isso, dialogaremos com as concepções de intelectuais da comunicação que se dedicaram a fornecer análises sobre o processo, sobretudo no Brasil.

Martino parte da concepção bourdieusiana de campo para explicar a relevância da presença midiatizada das religiões. Ora, se a realidade social foi alterada pelo fenômeno da midiatização, as religiões precisam ultrapassar as barreiras físicas de sua comunicação para estabelecer as suas considerações no ambiente das mídias. O campo é sempre uma disputa. Com a predominância das comunicações midiáticas e/ou virtualizadas, as religiões ou instituições que compreenderam as características do novo formato, parecem ter maior predominância no campo e conseguem mais adeptos de seus dogmas e de suas práticas de significação no mundo. Nota-se que, nesse sentido, a midiatização das religiões não é uma mera adequação das Igrejas ao novo contexto, mas um "requisito" do mundo contemporâneo, da economia simbólica atual, para permanecer relevante:

O processo de midiatização da religião apresenta-se dentro de um conjunto multifatorial de variáveis, dentre os quais a articulação de fatores que envolvem tanto elementos propriamente vinculados às características específicas de grupos e movimentos religiosos quanto uma economia política das mídias. Neste último caso, nota-se uma alteração na medida em que a midiatização inclui novos atores no campo, contribuindo para novas dinâmicas e mediações. Nesse sentido, a midiatização da religião torna-se uma estratégia de vinculação das instituições religiosas a um contexto marcado sobretudo pela presença dos elementos comunicacionais e midiáticos, garantindo sua visibilidade no espaço social. (MARTINO, 2017, p. 32)

Miklos (2010), em sua tese sobre a Ciberreligião, reforça a ideia trazida por Martino de que há um componente próprio da lógica capitalista na atualização da comunicação das Igrejas, sejam elas católicas ou não. Toda essa movimentação faz parte de uma tendência religiosa predominante de aliar fé e espiritualidade aos novos meios de comunicação eletrônicos e, de alguma forma, quebrar as barreiras simbólicas e doutrinárias de que haveria

um espaço material de expressão da fé. A presença da Igreja nos novos meios de comunicação é uma forma de expandir a influência social e política de sua missão, já que a base da lógica religiosa é justamente a difusão de sua mensagem. É necessário destacar que a ideia de concorrência entre as religiões, ou Igrejas, parece se adequar perfeitamente à forma de ação de uma sociedade de economia capitalista.

Mas o que muda, de fato, com a midiaticização da religião? Quais seriam os impactos, materiais e simbólicos, dessa nova ambiência comunicacional? Sbardelotto (2018) fornece uma contribuição relevante para pensar esse ponto. Ao destacar que as práticas sociais das instituições, como um todo, se modificam, ele indica que a relação da religião com a mídia é marcada, sobretudo, por um deslocamento das dimensões de tempo/espaço, pois não é preciso estar fisicamente em um lugar para viver a experiência da fé. Mais do que isso, com o deslocamento das missas, celebrações e outras iniciativas da Igreja em espaço virtual, o fiel pode acompanhar essas programações a qualquer momento. Para consolidar essas práticas, a Igreja precisou renunciar à doutrina que via certos lugares como "profanos", para deslocar adequadamente as suas práticas de fé para a virtualidade:

A digitalização impele as religiões e religiosidades a assumirem novas formas de percepção do mundo em que habitam e novas formas de expressão de suas tradições e doutrinas dentro desse contexto. Ocorre um deslocamento das práticas de fé para o ambiente on-line, a partir de lógicas midiáticas, complexificando o fenômeno religioso e as processualidades comunicacionais mediante novas temporalidades, novas espacialidades, novas materialidades, novas discursividades e novas ritualidades. (SBARDELOTTO, 2018, p 74)

No Brasil, o que vimos ascender como sinal da midiaticização da Igreja Católica foram os programas de rádio e as emissoras de tv católicas. Embora esse não seja o objeto central desse trabalho, que se volta para discutir mais precisamente as práticas sociais do Papa Francisco em rede, parece relevante situar brevemente de que forma esse fenômeno se expandiu no país. Posteriormente, voltaremos à análise da midiaticização no âmbito digital, após breves notas sobre a midiaticização nos meios de comunicação tradicionais.

No final da década de 90, a Igreja Católica passou por um período de modernização no Brasil. A singularidade dessa mudança é destacada por Carranza (2005) como a consolidação de uma proposta que converte figuras da Igreja em lideranças carismáticas. A ascensão da figura do Pe. Marcelo Rossi se adequa com o espírito da época, de uma mudança cultural da Igreja para refletir as características dos novos tempos. O interessante desse período é a transformação das crenças em práticas de autoconhecimento e experiências novas, subjetivas, que vê a fé como uma esfera de autocompreensão.

A espiritualidade moderna, vista também na Igreja Católica, modifica o tradicional sistema religioso para responder aos anseios dos indivíduos modernos, de bem-estar, autoconsciência e realização pessoal. Embora essa espiritualidade ainda seja marcada por pontos tradicionais da doutrina católica, o paradigma Weberiano da secularização apresentou indivíduos que precisam acessar outras perspectivas de autossatisfação para se sentirem ligados, individualmente, com um ente maior. A figura do Pe. Marcelo Rossi processa, ao mesmo tempo, duas perspectivas de espiritualidade: uma que envolve a atualização do sistema tradicional para os dias atuais e outra que promove uma espiritualidade mais contemporânea, de autorrealização (CARRANZA, 2005).

É inegável que o pe. Marcelo Rossi conquistou o Brasil, com a sua presença simbólica semelhante à de um ator, cantor ou celebridades carismáticas. Suas missas, ou "showmassas", quebraram as formas tradicionais de repassar a mensagem e inaugurou uma forma que D'avilla conceitua como "catolicismo midiático". O fenômeno, em si, é maior do que a figura do Padre, mas ele funciona como um estudo de caso relevante para compreender as mudanças na mediação do catolicismo para o mundo contemporâneo:

Nessa narrativa é fácil identificar alguns dos elementos que exemplificam como nos mega-eventos ou showmassas do padre Marcelo são sintetizados os mecanismos de projeção e identificação, acionados na produção do imaginário de estar diante de um padre de sucesso, portador de promessas de felicidade, do qual se pode usufruir a fama; a capacidade de comunicação, que arrasta a multidão em clima de emoção e proximidade pessoal; a competência comunicativa na execução de suas performances, na desenvoltura no palco, junto aos artistas convidados, confirmando-o como padre cantor animador de multidões. (CARRANZA, 2005, p. 93)

O Pe. Fábio de Melo era –filho da TV Canção Nova, emissora de televisão que foi adequadamente explorada por diversos autores, como Ferreira (2019), Gasparetto (2009), Martino (2017) e muitos outros. Cabe destacar que a criação de padres-ídolos fez parte das estratégias da Igreja Católica de construir estrelas midiáticas, que possuíam maior apelo com fiéis mais jovens e mais modernos, sem perder a adesão dos públicos mais tradicionais, posto que as abordagens eram cruzadas (GASPARETTO, 2009). Essa breve nota possui o intuito apenas de situar o contexto no qual as outras formas de mediação, mais digitais e virtualizadas, acontecem no século XXI. Nas próximas páginas, exploraremos especificamente a mediação em âmbito digital e suas repercussões.

A MEDIATIZAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA EM MEIOS DIGITAIS

A partir daqui a análise assume as formas mais recentes de comunicação como foco. Muito foi dito sobre a relevância da mediação nos meios de comunicação tradicionais, a virada da chave do paradigma da comunicação e algumas notas sobre o surgimento de um

novo tipo de sujeito a partir da evolução da tecnologia, que constitui também um novo sujeito no campo da fé. Essa experiência requer, ao mesmo tempo, modificações na lógica da Igreja e na lógica dos indivíduos, inteiramente acoplados a um novo sistema de comunicar, informar e entreter. Cabe agora explorar alguns elementos e casos associados à relação Igreja-Comunicação Digital.

Uma das características relevantes da rede é o grande potencial de circulação de conteúdo, de socialização, de práticas e criação de sentidos, em um processo particularmente novo de circulação comunicacional, por conta do alcance e da velocidade dessa forma de propagação das informações. Como dito anteriormente, o sujeito que emerge desse contexto possui uma postura mais ativa em relação às experiências online e não apenas recebe informações, mas as procura, dialoga com elas e formula outras percepções. No sentido amplo, isso pode ser visto como uma experiência de comunhão, produção simbólica fundamental da doutrina da Igreja Católica, que acontece em meios virtuais:

Nos mais diversos âmbitos da internet, o -religiosoll vai sendo retrabalhado, ressignificado, ressemantizado em sua experiência, identidade, imaginário, crenças, práticas, doutrinas, tradições, atualizando-o a novos interagentes sociais e a públicos ainda maiores, em uma trama complexa de sentidos. Em suas inter-relações, tais ações acionam um processo de circulação comunicacional, por meio de lógicas e dinâmicas midiáticas. (SBARDELOTTO, 2018, p. 76)

Não por acaso, o Papa Bento XVI, em sua última Carta, publicada em 24 de janeiro de 2013, enfatizou que as redes sociais são uma nova praça pública, onde as pessoas compartilham opiniões, informações e novos tipos de relações podem ganhar vida (BENTO XVI, 2013). Essa carta foi o último documento emitido pelo Papa para o Dia Mundial das Comunicações. O Papa deixa claro que as redes sociais não são um mundo paralelo, pois fazem parte da realidade cotidiana de milhares de pessoas. Como fruto da interação humana, é preciso entender que as redes sociais criam dinâmicas de comunicação para as pessoas, especialmente para os jovens. Outro destaque relevante se refere à menção do Papa à capacidade de utilizar nas redes sociais uma série de linguagens ao mesmo tempo. Nesse cenário digital, a palavra escrita, diz o Papa, muitas vezes vem acompanhada de sons e de imagens, o que possibilitaria maior envolvimento dos indivíduos, em termos de sensibilização e afetividade. Sobre esse tema, Azevedo e Ferreira afirmam:

Hoje, a rede se constituiu em um espaço de compartilhamento ou, melhor dizendo, de -comunhãooll, se admitirmos a linguagem comum do catolicismo para expressar essa rede de solidariedade e partilha que se supõe existir entre fiéis católicos. A rede também se constituiria em uma forma de estar, ainda que sem estar fisicamente. A tecnologia permite essa -presençall, essa aproximação efetiva, embora mediada, que

se torna cada vez mais comum na vida cotidiana. (AZEVEDO; FERREIRA, 2018, p. 64)

Falaremos mais tarde sobre a presença diferenciada do Papa Francisco nas redes. No entanto, é preciso lembrar que o Papa Bento XVI foi o primeiro Papa a se apresentar nas redes sociais, sob o *user* @pontifex, em diversas plataformas. O fato interessante aqui é que não se trata mais de utilizar os meios de comunicação como mediações, como fazer uma transmissão de uma celebração em rádios, jornais, televisão etc. Essa aparição, defende Sbardelotto (2018), representa uma presença mais firme e constante da instância máxima do catolicismo nas redes sociais. Isso representa uma atualização completa da presença da Igreja Católica nas redes a nível global.

Muitos autores identificaram a relevância do TWITTER como uma rede social que permite compartilhamento rápido de "testemunhos", de forma pública ou não, e que permite a criação de laços que vão além da ideia de seguir e ser seguido (SANTAELLA; LEMOS, 2010). O TWITTER funciona como uma rede de *microblogging*, em que os usuários publicam atualizações de no máximo 140 caracteres, numa timeline pública ou para grupos privados. A especificidade das plataformas de *microblogging* se refere a esse caráter mais intimista, de exposição de temas mais pessoais, numa espécie de diário virtual (AMARAL; SOUSA, 2010). O maior potencial dessa rede social está no formato de sua interação, o TWITTER possibilita que diversas pessoas falem de determinado tópico de uma só vez, respondendo umas às outras, como se o diálogo virtual estivesse acontecendo em uma praça pública, como lembrou Bento XVI.

Embora as redes sociais pareçam apenas a exploração visual para autopromoção e performance dentro de uma sociedade narcísica, é possível perceber o potencial para a criação de comunidades de pertencimento e que as redes possam transmutar-se de espaços de conexão, em que se segue e é seguido, para espaços de comunhão, em que o compartilhamento de experiências e de testemunhos voltados para a fé sejam divididos entre as pessoas (SPADARO, 2016).

As hashtags possibilitam que esse fenômeno de partilha aconteça. Elas são utilizadas nas postagens e reúnem, em um clique, todas as publicações de outras pessoas que mencionaram aquela hashtags, divididas entre "recente" e "relevante". Assim, as redes sociais, como mostram Azevedo e Ferreira, contribuem para que as pessoas possam encontrar seus pares. Isso gera não apenas um mapa visual das postagens sobre o tema, mas a possibilidade de grande interação social com base nas comunidades de pertencimento promovidas pelas hashtags. Esse mecanismo não é perfeito, notadamente, pois a mesma hashtag pode ser utilizada com sentidos diferentes. No entanto, a possibilidade de encontrar seus pares com

facilidade pode ser algo de grande valia para o fenômeno de comunhão religiosa em rede. Azevedo e Ferreira elencam as possibilidades e desvantagens:

Assim, #Roma, #Vaticano, #PapaFrancisco, #Eucaristia, e assim por diante, criam uma grande rede de interconexões de perfis e de imagens que comunicam um sagrado partilhado, que se tornam uma nova forma de atender ao *_Ide* e evangelizail. Há um —senso de comunidade que pode ser criado a partir das hashtags ao organizarem o conteúdo imagético [...] Contudo, essa organização sofre os efeitos da categorização linguística que pode fazer com que a #sacramento possa dizer respeito a um sacramento católico ou a um time de basquete. Da mesma forma, a #missa, embora seja bem específica, mostra fotos de pessoas em situações diferentes, com inúmeras imagens que nada evocam religião. (AZEVEDO; FERREIRA, 2018, p. 66)

Há aspectos relevantes da conta "pontifex" do Papa Bento XVI que vale a pena mencionar. A conta foi lançada no dia 03 de dezembro de 2012 e no dia seguinte já havia mais de 600 mil pessoas seguindo o papa no TWITTER. Os tweets do Papa foram disponibilizados em oito idiomas. Destaque para a necessidade de movimentar uma grande estrutura de recursos humanos para dar conta dessa presença constante nos meios digitais, com um número significativo de idiomas para traduzir as mensagens. A primeira postagem do Papa foi uma foto com cinco jovens de países diferentes, para agradecer pelo contato dos fiéis e pelo número de mensagens calorosas que havia recebido (BRESSANI, 2013). Bressani mostra um panorama geral da presença do Papa Bento XVI nas redes:

Em quase três meses Bento XVI escreveu 38 vezes (incluindo o último) e atingiu quase três milhões de seguidores até sua renúncia. Segundo o arcebispo Claudio Maria Celli, presidente do Conselho Pontifical de Comunicações Sociais, a ideia do Papa era a de estar onde as pessoas estavam. Este pensamento positivo do Papa sobre as redes sociais seria melhor expresso na Carta Mensagem para o Dia Mundial da Comunicações publicado em janeiro de 2013. A maior parte das mensagens do Papa foram postadas no domingo e tendo sempre uma referência ao sermão da missa dominical. (BRESSANI, 2013, p. 6)

O Papa Francisco, que se tornou papa após a renúncia de Bento XVI, deu continuidade à midiatização da Igreja Católica nas redes sociais e avançou no intercruzamento entre a fé e os novos dispositivos digitais. O Papa Francisco, na verdade, tornou a iniciativa de Bento XVI uma plataforma potente de contato com os fiéis e de alcance amplo, mesmo para aqueles que não são católicos, posto que os discursos do Papa têm sido relevantes para pensar a relação da Igreja com diversos setores da sociedade, sobretudo grupos minoritários.

Antes de nos deter mais precisamente sobre o objeto desse trabalho, que é os gestos do Papa e toda a figura representativa do Papa Francisco, discutiremos brevemente uma biografia sobre o Papa Francisco, que permitirá compreender, posteriormente, como a história pessoal de Jorge Mario Bergoglio está espelhada nos gestos dele como Papa Francisco. Ao fim do capítulo, abordaremos como o Papa tratou a questão das redes sociais em seus documentos oficiais. Em seguida, apresentaremos dados que corroboram e dão sentido para a emblemática figura que Jorge Mario Bergoglio se tornou.

JORGE MARIO BERGOGLIO E OS CAMINHOS PARA SER PAPA

Esse tópico pretende abordar aspectos gerais da biografia de Mario Bergoglio que possuem relação direta com a representação do Papa Francisco como um Papa humilde, reservado e narrado na mídia internacional como um papa progressista. Além disso, elementos da biografia do pontífice que influenciaram na decisão¹³ do conclave de cardeais para ser o novo líder da Igreja Católica.

Jorge Mario Bergoglio, que se tornou Papa Francisco, é o primeiro papa latino-americano e jesuíta. A biografia que precede a sua nomeação como líder da Igreja Católica possui características que se assemelham à postura do Papa, divergente de todas as características e comportamentos de Papas anteriores: o Papa Francisco é reservado, humilde e discreto. Bergoglio é o primogênito de uma família de italianos radicados na Argentina, em Buenos Aires, que tiveram cinco filhos (HIMITIAN, 2013). Mario Bergoglio teve uma infância discreta, reunia-se com os colegas para jogar bola e ajudava muitos deles, posteriormente, com as atividades da escola. Trabalhou muitos anos com o seu pai, na adolescência, realizando tarefas de limpeza e outras tarefas na fábrica de meias que seu pai era contador.

Curiosamente, Mario Bergoglio estudou Química em uma escola técnica industrial, por volta dos 14 ou 15 anos. Embora tivesse aptidão e facilidade com muitas matérias, Himitian (2013) destaca que Jorge não era um exímio estudioso, do tipo que se esforçava. Apesar disso, a sua grande paixão sempre foi a Literatura. Aos 17 anos, Bergoglio descobriu a sua vocação para ser sacerdote, mas à época ele já frequentava a Igreja constantemente. O jovem rapaz tinha uma namorada na época, inclusive. Nesse ano, em 1957, entrou para o sacerdócio Villa Devoto e no ano seguinte tornou-se jesuíta (ENGLISCH, 2013).

Jorge Bergoglio se mudou para o Chile para estudar Ciências Humanas, voltou para Buenos Aires e formou-se em Filosofia na Universidade Católica, em 1963. Entre os anos de 1964 e 1966, Bergoglio foi professor de literatura e de psicologia. Nos anos seguintes, até 1970, estudou teologia no Colégio de São José, em Buenos Aires, e tornou-se sacerdote em 1969. É interessante apontar que Bergoglio não acreditava que seria padre, bispo ou papa, por isso, e pelo seu amor pela literatura, havia investido tão enfaticamente em seus estudos e em

¹³ Alguns desses elementos estão destacados na entrevista de Gerard O'Connell, um jornalista vaticanista, que acompanhou todos os bastidores da ascensão do Papa Francisco: IHU UNISINOS. Como o Papa Francisco foi escolhido para liderar a Igreja Católica. Entrevista com Gerard O'Connell. 03 mai. 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/588816-como-o-papa-francisco-foi-escolhido-para-liderar-a-igreja-catolica-entrevista-com-gerard-o-connell>. Acesso em: 27 out 2021.

sua profissão como professor, além de ser apaixonado pela teologia e por ideais muito diferentes dos expressos por outros teólogos. Bergoglio dispensava declaradamente toda pompa e luxo no tratamento de ser padre (ENGLISCH, 2013; HIMITIAN, 2013).

Destaca-se de que o objeto dessa dissertação, especificamente os –gestos do Papall, têm um longo histórico de comportamento pessoal de Jorge Mario Bergoglio, que já não possuía, antes de ser papa, apreço pela opulência clássica de algumas companhias, inclusive os jesuítas, da qual ele fazia parte. Uma característica marcante de Bergoglio era justamente sua capacidade de crítica e de *indisciplina*, posto que ele queria ser mais do que um sujeito passivo que atende a tudo sem se manifestar. Apesar desse espírito revolucionário, a forma com que Bergoglio construiu sua carreira foi bem modesta:

Bergoglio fez carreira em escala modesta, chegando ao posto de prior provincial dos jesuítas na Argentina em 1973. Até 1979, ele renovou a ordem tão profundamente que os jesuítas tiveram que se livrar dele. Entre 1980 e 1986, Bergoglio foi reitor da Faculdade de Teologia em San Miguel, e isso parecia indicar um fim de carreira tranquilo. Até que o cardeal Antonio Quarracino o descobriu e o promoveu a bispo auxiliar de Buenos Aires, em 20 de maio de 1992. E então, aquele homem de 56 anos podia avançar e fazer realmente uma carreira na Igreja. Enquanto seu chefe, o cardeal Quarracino, desfrutava da comida opulenta em restaurantes exclusivos de Buenos Aires, o bispo auxiliar Bergoglio tomava mate com os mais pobres nas favelas, como se precisasse se desculpar pelas ostentações de seu chefe. (HIMITIAN, 2013, p. 137)

Meses depois, Bergoglio foi promovido a arcebispo coadjutor de Buenos e posteriormente, em 1998, tornou-se arcebispo, por ocasião da morte do cardeal Quarracino, que havia sido seu antecessor e mentor. Três anos depois, João Paulo II nomeou Jorge Bergoglio como cardeal e atribuiu-lhe o título de São Roberto Bellarmino. Deve-se destacar que os anos que sucederam esse título foram marcados pelo desenvolvimento da carreira de Bergoglio na Igreja, sendo nomeado relator geral da assembléia geral ordinária do Sínodo dos bispos e, posteriormente, participou do conclave que elegeu Bento XVI como papa em 2005 (HIMITIAN, 2013).

Bergoglio era conhecido na Cúria como um sacerdote rebelde e sua nomeação a arcebispo, ainda em 1998, causou muitos conflitos, porque era comum que Bergoglio enviasse os padres para regiões consideradas violentas e perigosas. Diferente de outros arcebispos, ele prezava pelo contato com as pessoas reais e por isso era reconhecido como alguém indigno do lugar que ocupava. Além das constantes discussões que Bergoglio tinha com a cúria quando precisava ir a Roma, ele dizia com frequência, nas reuniões com os cardeais, que achava absurdo o número de serviçais, quase todas as freiras, que trabalhavam nas casas dos cardeais. Sua reputação em relação a isso, imaculada, pois não utilizava das mesmas práticas, gerava burburinhos porque discursar sobre os serviços domésticos gratuitos feitos por religiosas era, para muitos, imperdoável. Sobre sua perspectiva, Englisch aponta:

Bergoglio não tem sequer uma única governanta. Isoladamente, esse fato não seria tão ruim, se ao menos mantivesse a boca fechada, coisa que não faz. Ele diz abertamente, em encontros no Vaticano, que nas residências dos cardeais as religiosas cozinham, lavam e secam a louça, fazem a cama, fazem café para o motorista do bispo... enquanto deveriam estar fazendo aquilo para o que na verdade se tornaram freiras: pregar o Evangelho, amparar as crianças, assistir os idosos, mostrar o amor de Deus. (ENGLISCH, 2013, p. 10)

Bergoglio sempre foi considerado como um sacerdote que lutava para favorecer os pobres. Por isso, tornou-se tão relevante na América Latina, antes mesmo de ser Papa. Era conhecido por conversar com as pessoas, andar pelas ruas, não utilizar serviços domésticos de religiosas e fazer todas as suas atividades de forma simples. No conclave que elegeu Joseph Ratzinger a Papa Bento XVI, em 2005, Jorge Mario Bergoglio era contado como segundo candidato mais popular entre os cardeais (ENGLISCH, 2013).

Sua biografia, embora irritasse parte da cúria, era algo que inspirava uma nova fase da Igreja Católica, que precisava superar o período intenso de crise política, com escândalos sobre abusos de jovens, migração de muitos católicos para Igrejas neopentecostais e outros fatores. Por isso mesmo, a sua reputação ilibada e sua postura firme, mas refrescante, em termos de -sangue novo para assumir a liderança maior da Igreja Católica, foram fundamentais para que em 13 de março de 2013 a fumaça branca na Capela Sistina anunciasse a sua eleição.

DA ASCENSÃO DO PAPA FRANCISCO

A renúncia de Bento XVI foi um presságio de como a Igreja precisava de uma reforma. Para o bem da Igreja, o futuro da doutrina e a propagação da palavra a nível mundial, a igreja precisava de uma figura com a qual os mais diversos setores da sociedade pudessem se identificar (SOUZA; DIAS, 2021). A eleição do Papa Francisco é a primeira iniciativa de um projeto de reforma da Igreja. Os gestos do Papa Francisco serão destacados de forma mais enfática no terceiro capítulo, porém, há algumas notas necessárias nesse momento que confirmam o histórico de Bergoglio.

Quando Bergoglio soube que foi eleito Papa, em 13 de março de 2013, ele se recolheu na capela de São Paulo para orar e só depois iria ver a multidão. Mais de 200 mil pessoas se aglomeravam na praça de São Pedro após a fumaça branca anunciar o novo Papa. Contudo, ele se recolheu para rezar (ENGLISCH, 2013). Outro detalhe se destacara naquele contexto: quando o Papa saiu para falar, carregava a mesma cruz que havia trazido de Buenos Aires, e havia recusado a cruz peitoral de ouro que lhe ofereceram. Em seu primeiro pronunciamento, não usou a tradicional mozeta, nem a estola para dar as bênçãos (SOUZA; DIAS, 2021).

Francisco apareceu no balcão, com roupas bem menos luxuosas do que se esperava daquele momento, com seus sapatos surrados e a sua cruz peitoral de aço, e disse as suas primeiras palavras: "irmãos e irmãs, boa noite!". O gesto de tranquilidade e humanidade do Papa, que se projetou como um ser humano que é um mero servo de Deus parecia até mesmo se desculpar por atrapalhar o fluxo de notícias cotidiana da vida das pessoas. Em uma continuação de sua fala, o Santo Padre diz que parece que os cardeais foram quase ao fim do mundo para lhe buscar. Sobre os detalhes mais interessantes daquele momento, Englisch destaca:

Nisso, ele decide fazer um gesto que nenhum de seus 265 predecessores jamais executara: ele não dá a bênção à multidão, mas pede a ela que invoque o Senhor para que Este o abençoe, ele, Bergoglio. Isso é inconcebível. Há mais de um milênio, as pessoas arriscam suas vidas para receber a bênção do papa em Roma, e agora um papa é que pede para que a multidão intervenha, para ser abençoado. -Em silêncio, vocês farão uma prece por mim. (ENGLISCH, 2013, p. 16)

Sbardelotto (2015) afirma que o papa que veio "quase do fim do mundo" teve a capacidade de indicar caminhos para uma nova Igreja Católica, para uma Igreja que não considere apenas Roma, Itália e a Europa como um todo como se apenas esses lugares pudessem ser considerados como "mundo". O autor indica que Francisco "des-norteia", pois retira a agenda eclesial do norte geopolítico e re-orienta a sua agenda a partir das periferias do mundo. Por isso, a popularidade do Papa Francisco é notadamente autêntica e não se trata apenas de uma geopolítica eclesial, como afirma o autor, mas de uma percepção ampla que valoriza as culturas periféricas. Nas palavras do autor:

Não se trata de uma mera questão de geopolítica eclesial: é um chamado a perceber o valor das culturas, de cada uma e de todas elas, especialmente as periféricas. Na simbologia do papa, culturas que não são vistas como uma "esfera", todas iguais, equidistantes ao centro, mas como um "poliedro", em que as diferenças, harmonizadas, contribuem para o enriquecimento e o crescimento de todas. Assim, Francisco critica a "colonização ideológica", que avassala e tenta subordinar as culturas, que invade e desrespeita os povos. Como disse na entrevista coletiva no voo de retorno da Ásia, no dia 19 de janeiro passado, "é importante globalizar, mas contanto que "cada povo, cada parte mantenha a sua identidade, o seu ser, sem acabar colonizada ideologicamente". (SBARDELOTTO, 2015, p. 2)

Há rumores interessantes sobre a história de como Francisco escolheu o seu nome, inspirado em São Francisco de Assis. Durante o conclave dos cardeais, quando escolheram o seu nome e ele ecoou, um grande amigo do Papa, Dom Cláudio Hummes, também arcebispo de São Paulo, disse-lhe para não esquecer os pobres (ENGLISCH, 2013). O nome parece ter ecoado veementemente na cabeça do Papa, posto que esse já nutria grande admiração por Francisco de Assis. A identificação do Papa com Francisco de Assis era inspirada na figura de São Francisco como um homem humilde, pobre, que pensava no povo. Além disso, São Francisco de Assis era também um homem da paz. Essa mensagem inspirava o Santo Padre, que não hesitou em escolhê-lo, porque um homem de Deus, para o Papa Francisco, deveria

ser aquele que pensa em si como um pregador da paz e como um líder que está do lado dos que mais precisam (HIMITIAN, 2013).

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O -PAPA POP E SUA REPERCUSSÃO NA MÍDIA

Teremos um capítulo exclusivamente dedicado à análise dos gestos do Papa, mas vale a pena fornecer breves notícias sobre o rebuliço midiático causado pelas primeiras aparições do Papa e a repercussão de sua plataforma de comunicação, que se expandiu e gerou atitudes inéditas de um Papa. O que Francisco fez de tão diferente dos outros papas que o tornou "o papa do povo" ou até mesmo "o papa pop"? Essa questão não poderia ser respondida apenas com a análise óbvia, de que ele lidera uma instituição tradicional milenar com relevância simbólica e material globalmente. O que diferencia Francisco dos outros é a construção de seu capital simbólico e de sua posição como líder carismático, com forte apelo à força transformadora dentro da Igreja, mas também fora dela (CASTILHO, 2020).

No que se refere à comunicação digital, Bressani (2013) mostra que o Sumo Pontífice deu continuidade à forma de comunicação virtual iniciada pelo papa Bento XVI. Dias após se tornar Papa, na conta do TWITTER nomeada como "@pontifex", o Papa *twittou* pela primeira vez uma mensagem que pedia para que as pessoas orassem por ele. O carisma de Francisco atraiu muita gente para seguir as suas redes sociais. Quando o pontífice assumiu o papado, a conta do TWITTER tinha mais de 3 milhões de seguidores. Em 30 de abril de 2013, pouco tempo depois de sua coroação, a rede social havia superado a marca de seis milhões de seguidores.

A conta do Papa no TWITTER cresceu em número de seguidores de origem espanhola, notadamente por sua origem argentina e pelas narrativas discursivas do Santo Padre em torno da "periferia do mundo". Bressani (2013) lembra que o papa não costumava *twittar* com frequência, mas as suas postagens tinham amplo alcance e muitos retweets, o que significa que a interação com as postagens, mesmo antigas, era intensa. Alguns dados gerais mostram a interação do público com o conteúdo transmitido pelo Papa nessa conta:

[...] em 164 dias de pontificado, de 17 de março a 27 de agosto de 2013, o Papa Francisco postou 124 tweets, com uma média de 0,75 postagens ao dia, enquanto Bento em 79 dias postou 38 vezes, numa média de 0,48 postagens ao dia. Embora não tenha a prática de retweetar, os tweets postados pelo Papa Francisco são muito retwittados. Como prova disto, na conta em português verificam-se 4,066

retwittagens no dia 22 de julho, 3.396 no dia 25 e 4.378 no dia 28 (sendo que neste dia foram três tweets totalizando 10.391). (BRESSANI, 2013, p. 8)

Outros aspectos sobre ele foram veiculados na mídia, numa operação que parece associar, de forma pessoal, a mudança da Igreja com a figura de Francisco. O Papa se tornou "o queridinho da mídia" por estar disposto a conversar abertamente com diversos veículos de comunicação, até mesmo posar para capas de revista, de forma jocosa e descontraída. É o caso relatado por Tfouni e Pereira (2016), mas também por Formentin e Koenig (2017) que analisaram a presença do Papa na capa da Revista Rolling Stones, em 13 de fevereiro de 2014, apenas 11 meses depois de se tornar Papa.

Ver a figura de Sua Santidade na capa de uma revista desafia qualquer expectativa que poderíamos ter, imagética e simbolicamente, sobre como deveria ser um Papa (TFOUNI; PEREIRA, 2016). O histórico subversivo de Bergoglio, agora Papa Francisco, confirmou-se também em suas aparições como Papa. Toda a cadeia de representações sobre a figura papal, com suas características sobre-humanas, luxuosas e simbolicamente *mais próximas de Deus* foi substituída pela imagem carismática, descontraída e socialmente disponível de um homem que entendeu que a conexão, a –cultura do encontro é o que a sociedade precisava da Igreja Católica. Nas páginas seguintes, discutiremos as comunicações oficiais do Papa Francisco no que se refere à comunicação.

CARTAS DO PAPA FRANCISCO E COMUNICAÇÕES OFICIAIS SOBRE AS MÍDIAS DIGITAIS

Durante todo esse trabalho, até aqui, fornecemos informações relevantes sobre como a Igreja se posicionou, ao longo dos séculos, sobre o tema da comunicação e sobre assuntos fundamentais para a vida humana em sociedade. Nas últimas páginas, destacamos a biografia do Papa e a relação entre a sua biografia e os gestos simbólicos que o mesmo tem feito e as posições que tem assumido para uma mudança estrutural da Igreja, sobretudo no que se refere a uma cosmovisão integrada com a realidade atual. Com efeito, embora toda a comunicação do Papa, como líder da Igreja, tenha caráter oficial, os documentos do pontífice revelam, de forma mais complexa, os princípios que norteiam a ação de Francisco e suas considerações acerca dos desafios que o mundo contemporâneo representam. É necessário destacar que o Papa Francisco, a partir do que denominou "a cultura do encontro", possui uma visão holística em relação ao lugar das redes sociais e da comunicação digital na sociedade contemporânea.

O primeiro documento oficial do papado de Francisco foi a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*¹⁴, destinada a quase todos os setores da Igreja Católica - ao episcopado, ao clero, aos fiéis - e trata do que significa, para Francisco, evangelizar no mundo atual. Esse documento é extenso e revela diversos anseios do Papa para a Igreja Católica e para a sociedade como um todo. Ele foi incisivo em apresentar o seu sonho, de que seja possível realizar uma opção missionária capaz de gerar uma verdadeira revolução na forma de evangelizar nesse mundo (SOUZA; DIAS, 2021). Há, ainda, uma agenda do Papa, que compreende não ser possível realizar a missão eclesial nos mesmos formatos que em outros tempos. Os documentos oficiais não geram mais o mesmo interesse, com as suas longas considerações, que não comunicam na lógica produzida no século XXI, de mensagens rápidas, facilmente transmitidas e compreendidas pelos indivíduos. Sobre esses desafios mencionados na *Evangelii Gaudium*, Puntel defende:

Com objetivos explícitos de levar os cristãos a —uma nova etapa evangelizadora marcada pela alegria; e indicar caminhos da Igreja nos próximos anos! (EG n.1), Francisco levou em consideração sim os resultados do Sínodo, mas ousou pensar uma nova forma de ser Igreja hoje. E começa por dizer que nos cenários e desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, todos somos chamados a uma nova —saída missionária. O convite é para —sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho! (EG n.20). O documento revela a consciência de que Francisco sabe que não são poucos os desafios para a vivência da fé e sua transmissão no mundo atual. (PUNTEL, 2017, p. 495)

A *Evangelii Gaudium* é o primeiro documento robusto do papado de Francisco e, como uma encíclica, identifica os problemas e indica possíveis caminhos para a Igreja nos próximos anos. Nesse documento, o Santo Padre destaca sete questões sobre as quais ele pretende se ater mais profundamente, que considera os pontos mais relevantes para orientar a Igreja a caminho da missão de evangelização. São eles: a reforma da Igreja em saída missionária, as tentações dos agentes pastorais, a Igreja vista como a totalidade do povo de Deus que evangeliza, a homília e sua preparação, a inclusão social dos pobres, a paz e o diálogo social e as motivações espirituais para o compromisso missionário.

No primeiro capítulo, sobre a reforma da Igreja, o Papa destaca os empecilhos para a ampliação da ação pastoral e a necessidade de uma mudança estrutura na forma de pensar a Igreja, em sentido amplo. Francisco pensa em uma mudança estrutural para adequar a Igreja à necessidade de evangelização no mundo atual e faz um chamado para a participação mais ativa dos fiéis em todas as dinâmicas da Igreja, inclusive na liturgia. Nesse sentido, ele retoma o compromisso do Concílio Vaticano II em propor uma Igreja de renovação e de maior

¹⁴ FRANCISCO. Exortação Apostólica "Evangelii Gaudium". 24 nov. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em 4 nov 2021.

potencial evangelizador, com a incorporação da comunidade da Igreja nos processos de reflexão e execução da missão.

Não há como discorrer minuciosamente sobre cada ponto da encíclica nesse trabalho, mas, resumidamente, o Capítulo I da encíclica trata do compromisso evangelizador em diversos contextos, diante do histórico da Igreja e do contexto social vivido. Para lidar com essas questões, o Papa indica uma Igreja "em saída", uma Igreja com as portas sempre abertas e que tem como urgência promover um horizonte de vida para todos os irmãos, uma Igreja acolhedora e continuamente compromissada com a solidariedade e a missão com o outro. Mesmo com a sua proposição de evangelização, o Papa Francisco indica a parcela do povo que considera mais carente de ser incluído na Igreja aberta:

Se a Igreja inteira assume este dinamismo missionário, há-de chegar a todos, sem exceção. Mas, a quem deveria privilegiar? Quando se lê o Evangelho, encontramos uma orientação muito clara: não tanto aos amigos e vizinhos ricos, mas sobretudo aos pobres e aos doentes, àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, «àqueles que não têm com que te retribuir» (Lc 14, 14). Não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem esta mensagem claríssima. Hoje e sempre, «os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho»,^[52] e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos! (FRANCISCO, 2013, n.p)

No Capítulo II, sobre a crise do compromisso comunitário, o Papa ressalta inicialmente que há um "excesso de diagnóstico", mas que isso não se converte em ações resolutivas e aplicáveis, apenas na reclamação e crítica infinita. Francisco acredita que é preciso, de qualquer forma, estudar a realidade contemporânea, mesmo para dividir-se entre uma análise sociológica e o que é de sua alçada, a missão de evangelização e eclesial. Entre os desafios do mundo atual, que Francisco aponta sempre que possível, há uma economia da exclusão, uma idolatria pelo dinheiro, o individualismo exacerbado e um processo de secularização das instituições que afeta a fé, pois a Igreja se torna um domínio da intimidade, do privado (FRANCISCO, 2013).

No terceiro ponto, sobre as tentações dos agentes pastorais, Francisco trata rapidamente da questão relacionada aos pecados cometidos por sacerdotes, que se referem, de forma indireta, às denúncias de abusos por parte de membros da Igreja. Em seguida, o pontífice retrata a lógica do mundo contemporâneo, em que a acentuação do individualismo e do declínio da solidariedade afeta também os agentes pastorais que segue os desígnios da Igreja. Entre os desafios da ação de evangelização nesses tempos no que se refere aos agentes pastorais, ele retrata a supervalorização da autonomia e da liberdade, que dificulta a noção, para os agentes, de que a missão de catequese, por exemplo, é algo fundamental para si. Francisco cita as brigas, discórdias e violências entre os agentes pastorais, por questões

peçoais, e indica que esses comportamentos impedem a evangelização de outras pessoas. Além disso, o Papa clama por uma Igreja de paz:

Dentro do povo de Deus e nas diferentes comunidades, quantas guerras! No bairro, no local de trabalho, quantas guerras por invejas e ciúmes, mesmo entre cristãos! O mundanismo espiritual leva alguns cristãos a estar em guerra com outros cristãos que se interpõem na sua busca pelo poder, prestígio, prazer ou segurança económica. Além disso, alguns deixam de viver uma adesão cordial à Igreja por alimentar um espírito de contenda. Mais do que pertencer à Igreja inteira, com a sua rica diversidade, pertencem a este ou àquele grupo que se sente diferente ou especial. (FRANCISCO, 2013, n.p)

O Bispo de Roma destaca a diversidade cultural como uma das maneiras do povo de encontrar a sua unidade na diferença. No número 117, Francisco contrapõe a ideia de que a diversidade ameaça a unidade da Igreja. Além disso, o Bispo de Roma afirma que o povo de Deus tem inúmeros povos da terra, ao redor do mundo. A cultura deve ser entendida como o desenvolvimento da autonomia de um povo, mas Deus se encarna em qualquer cultura, indistintamente. Essa proposição tem relação direta com a cultura do encontro, que vê na diferença uma forma de sensibilizar os fiéis para amar a todos, mesmo com as divergências. Apesar de algumas culturas possuírem maior proximidade com a pregação do Evangelho, Francisco compreende que a evangelização de novas culturas, da forma adequada para aquele contexto, é o melhor caminho (FRANCISCO, 2013).

A dimensão social da evangelização discute especialmente o encontro com o outro como uma experiência fundamental de partilha para a evolução humana. A missão evangelizadora deve prezar sempre pela vida comunitária e, em especial, por aqueles mais necessitados. Os pontos mais relevantes para o Santo Padre são a inclusão social dos pobres e a paz e o diálogo social. Ambos estão presentes em sua cultura do encontro, assim como nos documentos oficiais que o Papa produziu. Ele relembra que não possui a intenção de monopolizar a crítica aos problemas sociais, nem propor uma solução universal. Porém, para o rumo de um desenvolvimento integral da humanidade, os pobres, a paz e o diálogo são a chave, em sua concepção. A maior inspiração dessa intuição de Francisco tem derivação na fé em Cris, que se fez pobre, viveu como pobre e defendeu estes. A Igreja deve assumir essa inspiração, de zelar especialmente pelos marginalizados. A sociedade, como um todo, deve encarar a necessidade de resolver as desigualdades sociais:

A necessidade de resolver as causas estruturais da pobreza não pode esperar; e não apenas por uma exigência pragmática de obter resultados e ordenar a sociedade, mas também para a curar duma mazela que a torna frágil e indigna e que só poderá levá-la a novas crises. Os planos de assistência, que ocorrem a determinadas emergências, deveriam considerar-se apenas como respostas provisórias. Enquanto não forem radicalmente solucionados os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira e atacando as causas estruturais da desigualdade social, não se resolverão os problemas do mundo e, em definitivo,

problema algum. A desigualdade é a raiz dos males sociais. (FRANCISCO, 2013, n.p)

Em 2020, o Papa escreve a encíclica *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social, inspirado inicialmente em Francisco de Assis, para tratar do amor pelo outro, independentemente de qualquer característica que o outro possa ter. Esse amor, simples e alegre, inspirou Francisco em outros momentos e o inspira, nessa circunstância, a tratar do amor fraterno, sobretudo àqueles mais pobres. Francisco escreve a *Fratelli Tutti* durante a pandemia de COVID-19 e a publica em 3 de outubro de 2020. Nessa encíclica social, ele relembra que a fragmentação das ações em torno de COVID revela a atual incapacidade de construção de ações coletivas, mesmo para barrar um vírus que não atinge apenas um país, cada grupo entende as ações de forma diferente. Apesar da hiper conectividade própria desse tempo, agir em coletivo parece difícil, mesmo quando um problema atinge a sociedade global.

A *Fratelli Tutti*, segundo Francisco, foi criada seguindo os preceitos cristãos que lhes inspiram, mas em reflexão pelos diálogos com líderes, fiéis e religiosos de outras áreas, em seus sete anos de Papado. A *Fratelli Tutti* é o resultado da valorização da diferença como um dado da realidade social, que não deveria resvalar em indiferença para com o outro, mas na compreensão de que as barreiras não devem impedir a fraternidade:

94. Sendo assim o amor implica algo mais do que uma série de ações benéficas. As ações derivam duma união que propende cada vez mais para o outro, considerando-o precioso, digno, apazível e bom, independentemente das aparências físicas ou morais. O amor ao outro por ser quem é, impele-nos a procurar o melhor para a sua vida. Só cultivando esta forma de nos relacionarmos é que tornaremos possível aquela amizade social que não exclui ninguém e a fraternidade aberta a todos. (FRANCISCO, 2020, n.p)

Nessa encíclica, Francisco critica a supervalorização do mercado e dos interesses financeiros em detrimento do bem comum. Critica, igualmente, os ideais de falsa liberdade que significa apenas a dissolução dos valores morais e culturais de um povo, a favor da globalização de desidentificação. Para o Vigário de Cristo, a operação resulta em um descarte da riqueza espiritual e humana que precede esse tempo histórico. A alienação da tradição, narrada como autonomia e liberdade, dissolve a consciência histórica dos povos em função de uma sensação de liberdade (FRANCISCO, 2020).

Para ele, cabe a defesa de um projeto para todos. Há uma tendência de uniformização do mundo, seguindo a lógica de países considerados como bem-sucedidos que, na prática, significa a desvalorização da cultura dos povos de países considerados como menos desenvolvidos. Há muitas formas de minar a solidariedade em uma sociedade e as desigualdades sociais e econômicas, assim como as noções de superioridade e inferioridade que estão atreladas a essas questões, interferem na construção de uma fraternidade real.

Apesar dessa encíclica possuir uma espécie de diagnóstico social de diversos problemas que impede o desenvolvimento de uma sociedade mais fraterna, Francisco aponta possibilidades:

Já várias vezes convidei a fazer crescer uma cultura do encontro que supere as dialéticas que colocam um contra o outro. É um estilo de vida que tende a formar aquele poliedro que tem muitas faces, muitos lados, mas todos compõem uma unidade rica de matizes, porque «o todo é superior à parte». O poliedro representa uma sociedade onde as diferenças convivem integrando-se, enriquecendo-se e iluminando-se reciprocamente, embora isso envolva discussões e desconfianças. Na realidade, de todos se pode aprender alguma coisa, ninguém é inútil, ninguém é supérfluo. Isto implica incluir as periferias. Quem vive nelas tem outro ponto de vista, vê aspetos da realidade que não se descobrem a partir dos centros de poder onde se tomam as decisões mais determinantes. (FRANCISCO, 2020, n.p)

O Papa fala de uma fraternidade aberta a todos, com um amor para a comunhão universal. Em sua perspectiva, o amor exige uma abertura para o acolhimento de todos, pois não há evolução ou amadurecimento no isolamento. Nenhuma sociedade pode evoluir ao isolar-se, nenhum ser humano, marcado pelo individualismo exacerbado, consegue amadurecer. O amor, para Francisco, é um movimento contínuo de tornar-se aberto para entender o outro como digno, independentemente de suas características.

Apesar da *Evangelii Gaudium* ser o primeiro documento extenso do papado de Francisco, a sua mensagem para o Dia Mundial das Comunicações, tanto em 2014 quanto em 2015, revela a natureza do conteúdo pragmático que ele destacou na Exortação Apostólica. Na mensagem de 2014, intitulada "comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro", o Papa Francisco esboça o que seria o seu conceito de cultura do encontro e como esse conceito está relacionado com uma práxis missionária de cuidado, afeto e proximidade, mesmo diante da distância geográfica vivida com o advento das tecnologias (PAPA FRANCISCO, 2014).

Embora Sua Santidade tenha dito não ser de sua responsabilidade uma análise socioantropológica profunda da realidade social, sua mensagem fornece compreensões interessantes acerca da complexidade das relações humanas na sociedade moderna. O Sumo Pontífice enfatiza a distância escandalosa entre o luxo dos mais ricos e a miséria dos mais pobres e afirma que essas distâncias são visíveis, um retrato de como naturalizamos as desigualdades a nível global. Sousa e Prado fazem uma análise rápida das entrelinhas do discurso do Papa:

O Papa Francisco ainda faz uma crítica à mídia e às exclusões tão disseminadas neste novo ambiente social ao ver nos discursos midiáticos a reprodução das desigualdades e o estímulo ao distanciamento entre os grupos sociais. Conforme o papa explica, -Hoje, corremos o risco de que alguns mass-media nos condicionem até ao ponto de fazer-nos ignorar o nosso próximo real (C 48). Mesmo adotando um tom crítico e denunciativo, o papa não resvala para uma abordagem instrumental

da mídia, dando ênfase a dimensão relacional da comunicação: —A rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas! (C 48). (SOUSA; PRADO, 2016, p. 800)

Mas qual seria, então, o horizonte de possíveis para transformar a dispersão característica das mídias digitais em construção de afetos, de aproximação e de sensibilidade? Para Francisco, seria a cultura do encontro. A cultura do encontro é uma forma de ser no mundo que prioriza o diálogo nas relações humanas. O Papa vê o potencial de interconexão das redes sociais como uma forma de melhorar a experiência de encontro entre as pessoas, que deve utilizar o diálogo e a capacidade de compaixão para se relacionar com o outro (PAPA FRANCISCO, 2014).

A cultura do encontro implica quebrar as barreiras do socialmente naturalizado, estimular um comportamento humilde, próximo e sincero. Essa forma de "ser no mundo" visa eliminar as diferenças no encontro com o outro, mas também mitigar os efeitos da comunicação rápida no século XXI, que tem levado as pessoas para um estado de distanciamento e indiferença, inclusive em relação às pessoas que estão próximas. Um encontro autêntico seria propor o diálogo como base da dinâmica para conhecer o outro, se identificar com ele e reconhecer a sua importância, mesmo que os valores e os princípios sejam diferentes (NEF ULLOA; GUIMARÃES, 2019).

Com base nas informações principais apresentadas nesse capítulo, desenvolveremos, no terceiro capítulo, uma análise mais extensa dos gestos do Papa Francisco e como a sua ideia de "cultura de encontro" tem representado, simbólica e materialmente, uma resposta às necessidades de comunicação no século XXI, que envolve a missão papal de evangelização, mas é muito maior do que o ato de evangelizar. Francisco construiu um diálogo amplo com diversos setores da sociedade global e se propôs a analisar, debater e modificar compreensões secularizadas da Igreja Católica. Com a proposta de cultura de encontro, Francisco tem se posicionado nas redes sociais de forma contundente, com a sua figura sendo a própria representação da cultura do encontro. As suas aparições e concepções tem atingido não apenas a comunidade católica mundialmente, mas todos aqueles que se identificam, em maior ou menor grau, com as suas concepções filosóficas sobre ser nesse mundo.

4 A REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DOS GESTOS DO PAPA E SUA COMUNICAÇÃO PARA A “CULTURA DO ENCONTRO”

Esse capítulo visa ampliar a compreensão sobre a gestualidade do Papa Francisco como símbolo de sua singularidade como Líder da Igreja Católica e explorar como os gestos refletem, por consequência da comparação, em sua imagem de Papa humilde. Diante da suntuosidade característica das representações simbólicas de papas anteriores, os sutis gestos do Pontífice, inclusive aqueles não verbais, os destaca como uma figura diferente de seus antecessores. A intenção desse capítulo não é traçar uma comparação entre as atitudes do Papa Francisco e como elas se distanciam dos papas anteriores, mas enfatizar toda a simbologia dele, desde as suas primeiras aparições, com destaques significativos porque sua postura é singular, até mesmo as suas escolhas de viagem e os discursos proferidos por ele, em temas não convencionais.

A CULTURA DO ENCONTRO COMO PROPOSTA COMUNICACIONAL DO PAPA FRANCISCO

Uma expressão tem se tornado popular em parte dos pronunciamentos do Sumo Pontífice e carece de notas iniciais para que se compreenda em que medida essa expressão representa uma expectativa de mundo, uma possibilidade de evangelização no mundo atual. A primeira menção a essa expressão aparece na encíclica *Evangelii Gaudium*, do primeiro ano do Papado de Francisco, de forma relativamente discreta. É a "cultura do encontro". Essa expressão aparece, inicialmente, como uma "saída" para os problemas que o Santo Padre destaca ao longo do documento, que representam os desafios para a evangelização e para o bem-estar comum. Entre esses problemas, Francisco trata da economia da exclusão e da desigualdade social, que gera uma cultura do descartável, promovida como normal (PAPA FRANCISCO, 2013).

Essa cultura do descartável influencia as pessoas marginalizadas de forma particular: essas não estão apenas às margens, mas fora. Elas não são exploradas apenas, são sumariamente descartadas como menos relevantes. Francisco está preocupado, nesse documento, em denunciar a naturalização das desigualdades e da exploração do homem pelo homem. De certa forma, o pontífice demonstra que, como sociedade, estamos acostumados a naturalizar o sofrimento do outro, porque este não nos dói. Sua santidade cita a cultura do encontro de forma breve, apenas para indicar que, para se tornar um povo unido, é preciso desenvolver uma cultura do encontro, de forma harmônica, para combater a cultura do descartável.

Posteriormente, em 2014, na mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, Francisco intitulou a sua mensagem como "comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro" e pode-se extrair uma espécie de conceito desse documento. É necessário destacar, no entanto, que o Papa retrata a cultura do encontro mais como uma práxis de ser no mundo do que como um conceito. A cultura do encontro seria uma resposta aos múltiplos problemas sociais que enfrentamos a nível global. A cultura do encontro não é um *ser*, é um *estar sendo*. Mais do que um conceito, é uma descrição reflexiva de uma práxis teológica.

O Líder da Igreja realiza uma análise sobre a contradição do progresso e das tecnologias de comunicação. Embora esses instrumentos tenham nos tornados mais próximos e interconectados, as divisões sociais parecem cada vez mais acentuadas. No contexto do que o Papa ainda se refere como *mass-media*, há grandes possibilidades de existência coletiva: se essas tecnologias da comunicação podem nos tornar próximos, o que precisamos é promover a solidariedade como um compromisso de todos, já que, nesse estado da comunicação, esta já nos ajuda a estar mais próximos. A cultura do encontro, para Francisco, é um canal aberto de diálogo, união e solidariedade. É um exercício de ouvir e conhecer o outro, para compreender e respeitar:

Uma boa comunicação ajuda-nos a estar mais perto e a conhecer-nos melhor entre nós, a ser mais unidos. Os muros que nos dividem só podem ser superados, se estivermos prontos a ouvir e a aprender uns dos outros. Precisamos de harmonizar as diferenças por meio de formas de diálogo, que nos permitam crescer na compreensão e no respeito. A cultura do encontro requer que estejamos dispostos não só a dar, mas também a receber de outros. (PAPA FRANCISCO, 2014, n.p)

A referência da cultura do encontro é uma resposta para a cultura do descarte e para a globalização da indiferença. O Papa, em diversas ocasiões, tem como referência passagens da Bíblia, para incentivar a aplicação de sua categoria pastoral na realidade social. Ferraz e Cardoso (2020) demonstram que a cultura do encontro tem sido construída por Bergoglio antes mesmo de ser Papa. Há pelo menos 30 anos, desde quando era arcebispo na Argentina, o Romano Pontífice vem contrapondo problemas sociais com a sua cultura do encontro. Pode-se entender essa categoria - ou conceito - como o seu chamado ao desenvolvimento de uma relação próspera e solidária com o outro, na dimensão eclesial, mas também no resto da sociedade.

Uma das características da formulação da cultura do encontro é o respeito a diferença e a união mesmo diante das contradições, posto que, para Francisco, o mais importante é que todos são filhos de Deus. Essa tem sido a práxis do Líder da Igreja para lidar com as divergências políticas, teológicas e sociais. A prática de Francisco para a cultura do encontro

consiste em agir com gestos de proximidade física e espiritual, abraçar, apertar as mãos e procurar construir pontes reais, mesmo com os que discordam de si. O que importa, para ele, é justamente o sucesso do encontro. Um dos exemplos dessa categoria pastoral é o encontro do Bispo de Roma com o patriarca da Igreja Ortodoxa Russa, algo que não acontecia há mais de mil anos. O encontro aconteceu em 12 de fevereiro de 2016, no México, entre o Papa Francisco e o Patriarca Cirilo, e o Pontífice destacou que a unidade se faz em caminhada. Na figura abaixo, o encontro entre os líderes:

Figura 1 – Encontro do Papa Francisco com o Patriarca da Igreja Ortodoxa Russa



Fonte: Gasparroni/UOL (2016)¹⁵

Esse é o melhor retrato da práxis que Francisco denomina como cultura do encontro. A representação real da união, mesmo em situações consideradas como improváveis. Um encontro entre duas lideranças que, na história, seus antecessores se excomungaram. Independente da opinião que outros sacerdotes da Igreja Católica possam ter sobre esse encontro, o Santo Padre busca ser o objeto de sua cultura do encontro. Nesse sentido, pode-se considerar a cultura do encontro como um gesto contínuo. Suas aparições, sempre carregadas de significados, pretendem quebrar a cultura da indiferença, do egoísmo e da criação de muros simbólicos, para construir pontes de solidariedade e irmandade:

A Cultura do Encontro é um apelo à construção de relações fraternas, irmanadas, de uma visão integrada e interdependente, que não exclua ninguém e seja voltada para o bem de todos, o bem comum. É importante observar que Bergoglio não faz apenas uma proposta para a Igreja argentina ou para o povo, mas ele é a própria experiência encarnada da cultura a qual pretende implementar. Bergoglio é um verdadeiro

¹⁵ GASPARRONI, F. Os 3 anos do Papa Francisco e da "cultura do encontro" como política. UOL, 12 mar. 2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2016/03/12/os-3-anos-do-papa-francisco-e-da-cultura-do-encontro.htm>. Acesso em: 17 jan 2022.

construtor de pontes, um artífice de relações fraternas, por meio do diálogo e do encontro com todos. (FERRAZ; CARDOSO, 2020, p. 418)

O diálogo é o instrumento central da cultura do encontro. Ele permite que, com a palavra e o gesto, todos aqueles que considera como irmãos possam ter acesso à inspiração de sua própria atitude. Assumir que as diferenças existem pode facilitar a cultura do encontro, pela realização de um exercício de alteridade e do conhecimento da dignidade que o outro possui, mesmo com as divergências. A cultura do encontro, portanto, deve ser entendida como uma prática pastoral de olhar o outro, em qualquer lugar da sociedade (NEF ULLOA; GUIMARÃES, 2019). Para isso, não é necessário abdicar da própria religião, valores ou princípios, mas reconhecer que a interação, com respeito e solidariedade, pode, para Francisco, promover importantes modificações no contexto de globalização da indiferença.

O CORPO COMO LÓCUS DE ANÁLISE: CONSIDERAÇÕES SOBRE GESTOS DO PAPA FRANCISCO EM SUA DIMENSÃO PRIMÁRIA, SECUNDÁRIA E TERCIÁRIA

Os capítulos anteriores exploraram a comunicação em sua dimensão histórica, mediatizada, global, tendo os meios de comunicação e suas ramificações como centro da análise. Nesse tópico, no entanto, o olhar será voltado para a primeira experiência de comunicação que um indivíduo experimenta socialmente: os usos do corpo. Essa compreensão parte dos estudos realizados por Pross (1971) sobre o corpo como a primeira forma de linguagem e comunicação, o corpo como suporte de todo e qualquer processo de se expressar no mundo, a partir das noções de *mídia*, *mídia primária* e *secundária* do autor. Dialoga ainda com Baitello Jr. em suas formulações acerca da era da iconofagia, que porventura possui inspirações na obra de Pross. Abordaremos de que forma o Papa Francisco utiliza seu corpo para comunicar a sua forma de ser no mundo e estabeleceremos diálogos transversais com outros campos do conhecimento, com notas sobre a semiótica, análise discursiva de imagens e outros elementos.

Algumas áreas do conhecimento, como a sociologia e a antropologia, possuem uma longa tradição de análise sobre o corpo como um *lócus* de significação social. Para compreender os primeiros investimentos acerca da comunicação que produzimos socialmente, Bourdieu (2014) já havia levantado como o corpo é percebido socialmente e como ele informa, em uma linguagem não-verbal, como nós somos. Socialmente, as manifestações em torno de uma "pessoa" perpassam uma série de significados que a define, que define a sua "natureza" ou a sua "verdadeira identidade". O corpo é essa linguagem, em certa medida controlada e consciente, que emitimos para o mundo, a fim de posicionar a identidade social.

Nas páginas anteriores, a definição de mídia utilizada para conceituar especificamente os meios de comunicação faz parte de uma tendência da teoria da comunicação de conceber a mídia como ferramentas externas a nós. Apenas depois da metade do século XX o campo dos estudos de comunicação assumiu que, em sentido literal, mídia significa meio, então poderia assumir formas diferentes dos instrumentos, ser concebida, filosoficamente, como aquilo que fica entre duas coisas (BAITELLO JR., 2014). Em sentido amplo, portanto, a mídia começa muito antes dos meios de comunicação, pois deve-se levar em conta os processos comunicativos que permitem um intermédio entre dois polos. O indivíduo, através dos usos que faz do corpo, comunica à sociedade diversos elementos sobre si. O corpo, portanto, é a primeira mídia, interpretada como mídia primária por Pross (1971) e reforçada por Baitello Jr. (2014) em sua obra.

A concepção de mídia primária de Pross (1971) possui como característica a noção de que, como o corpo é o instrumento primário da comunicação, as mídias primárias são estabelecidas no tempo e no espaço. Essa ideia compreende as expressões corporais, a visão, o cheiro e outros gestos, que podem ser visualizados fisicamente, e a interação entre as pessoas, através da fala e da audição. No que se refere à interação entre duas pessoas, a mídia primária é entendida como uma localização entre dois indivíduos no tempo e no espaço, com emissor e receptor, mostra Baitello Jr.:

Sem sombra de dúvida, é esta a mídia mais rica e mais complexa. Só que essa mídia é presencial. Só que essa mídia é presencial. Ou seja, a mídia primária, para funcionar, exige que estejamos no mesmo espaço e no mesmo tempo que o interlocutor. Nada adiantaria falar num espaço enquanto os ouvintes estivessem em outro, pois não haveria a comunicação – a não ser por meio de aparelhos, artefatos e recursos extracorporais. Então, a mídia primária – a voz, o cheiro, o gesto e o gosto – tem um limite temporal e espacial; exige o tempo e o espaço do aqui e do agora. (BAITELLO JR., 2014, p. 32)

Nesse contexto, vale a pena retomar gestos realizados por Francisco em sua eleição, no seu primeiro pronunciamento como Papa, brevemente mencionados no capítulo anterior. Discutiremos mais à frente as vestes dele como mídia secundária e retornaremos à sua vestimenta no primeiro pronunciamento. Agora, nos interessa demonstrar como o Líder da Igreja, com o uso de sua fala, estabelece uma relação com o receptor, que desafia todos os padrões anteriores do que seria a identidade constituída de um Papa, ele enuncia:

Irmãos e irmãs, boa-noite! Vós sabeis que o dever do Conclave era dar um Bispo a Roma. Parece que os meus irmãos Cardeais tenham ido buscá-lo quase ao fim do mundo... Eis-me aqui! Agradeço-vos o acolhimento: a comunidade diocesana de Roma tem o seu Bispo. [...] E agora quero dar a Bênção, mas antes... antes, peço-vos um favor: antes de o Bispo abençoar o povo, peço-vos que rezeis ao Senhor para que me abençoe a mim; é a oração do povo, pedindo a Bênção para o seu Bispo. Façamos em silêncio esta oração vossa por mim. [...] (PAPA FRANCISCO, 2013, s.n)

Concebemos gesto, no que tange a esse trabalho, como aquela definição flusseriana, em que o gesto é um movimento no qual está articulada uma liberdade, assim como o é um movimento essa liberdade se articula tanto para revelar-se ao outro ou para se guardar dele (FLUSSER, 2014). Notadamente, o gesto não pode ser explicado de forma mecânica e o que é "natural", como um movimento resultante de fatores fisiológicos, não é um gesto, por não ter, em si, relevância social e de comunicação. Ou seja, quando uma luz incide sobre os nossos olhos e utilizamos os braços para esconder-nos da luz, isso é um movimento resultante de questões fisiológicas - sensibilidade à luz. No entanto, quando erguemos o braço para acenar a alguém, esse gesto possui uma função social, está incluso dentro de uma teoria geral da comunicação em sociedade. Nas palavras de Flusser, gesto é:

O gesto não permite, necessariamente, ao seu observador decifrar a liberdade que se exprime nele. Isto porque o gesticulador dispõe da capacidade para a mentira. Pode gesticular a fim de induzir o observador a leitura enganosa do gesto. Tal aspecto é essencial para o gesto, por ser essencial para a liberdade que se exprime nele, de maneira que a sua definição deve ser ampliada: Gesto é o movimento no qual se articula uma liberdade, a fim de se revelar ou de se velar para o outro. (FLUSSER, 2014, p. 16)

A análise dos gestos não prevê um caráter de verdade, de desvendar a capacidade de mentir ou não que um indivíduo tem quando realiza algum gesto. A ideia é analisar os gestos, no bojo de uma formação discursiva ampla, para compreender o que determinados gestos comunicam socialmente e como esses gestos constroem uma identidade e uma representação simbólica sobre determinada figura. No caso do primeiro discurso proferido por Francisco, autorreferenciado o papa –quase do fim do mundo!, o Papa constrói uma narrativa que o destaca como diferente do histórico de origens dos pontífices anteriores, por não haver na história dos papados um papa argentino, latino-americano ou das geografias do sul global.

Logo após, este desafia a expectativa da multidão que o escuta e que esperava ansiosamente que o bispo de Roma lhes abençoasse. O papa pede que as pessoas rezem a Deus para que lhe abençoe, para que a oração do povo pudesse lhe tocar. Como construção de uma narrativa de fidedignidade e sob a imagem simbólica da humildade, esse gesto torna o Santo Padre não apenas o primeiro de seu nome, Francisco, mas o primeiro a inaugurar novas formas de comunicação simbólica na Igreja, com base nas referências mais simples da missão eclesial. Em sua primeira aparição para o público, ele quebrou as expectativas das pessoas sobre a suntuosidade das vestimentas papais e dos adornos, tradicionalmente utilizados por outros Papas, e apareceu da seguinte forma:

Figura 2 - Papa Francisco acena para as pessoas em sua bênção apostólica



Fonte: Revista Terra (2013)¹⁶

Com isso, é possível entrar no segundo conceito de Pross (1971) sobre a mídia, que se refere à mídia secundária. Faremos uma combinação, nesse capítulo, entre os gestos verbais do Papa, os gestos não verbais e a sua forma de comunicação através das vestes, dos adornos e de outros elementos. As mídias secundárias podem ser entendidas como uma junção entre o conceito de mídia primária e os avanços tecnológicos, porque as mídias secundárias captam os sinais do corpo e são divulgadas através de recursos técnicos, como um papel, uma pedra, uma parede. As imagens, materiais e instrumentos que se comunicam externos ao corpo são mídias secundárias, diz Baitello Jr:

Uma das primeiras formas de mídia secundária são as representações nas cavernas, as imagens e a sua transformação em pictografia e depois em escrita. Assim, todos os produtos da escrita sobre suportes materiais fixos ou transportáveis são, portanto, mídia secundária. Como se trata de sinais feitos por corpos, não se suprime a mídia primária. Apenas soma-se a ela um segundo —meio de campo. A imagem, as representações imagéticas, dentre elas a escrita, são dessa natureza. (BAITELLO JR, 2014, p. 33)

Raposo (2013) faz um uso interessante do conceito de mídia secundária, ao demonstrar que essa mídia requer que o emissor utilize algum tipo de suporte para transmitir a sua mensagem. Esse suporte pode ser de diversas naturezas, como o papel é um suporte para a comunicação escrita, uma tela é um suporte para uma comunicação visual e diversos outros suportes - denominados como mídias secundárias - podem ser utilizados para transmitir uma mensagem. As vestimentas podem funcionar como importantes suportes comunicativos, dentro dessa percepção:

¹⁶ TERRA NOTÍCIAS. Leia a íntegra do primeiro discurso do novo Papa. 13 mar 2013. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/europa/renuncia-do-papa/leia-a-integra-do-primeiro-discurso-do-novo-papa,2b3903c5cb56d310VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>. Acesso em: 24 out 2021.

Aqui, utilizaremos a vestimenta como comunicação entre indivíduo e sociedade, pois a maneira de se vestir implica em que imagem se quer passar, como deseja ser visto por outras pessoas e pela sociedade. A construção da imagem pessoal ou de grupo através da roupa está ligada à informação que se quer transmitir, e a que tipos de julgamentos ou juízos de valor se pretende auferir. Portanto, a roupa é uma linguagem, um discurso que demonstra a expressão do sujeito e, por conseguinte, carrega significações. (RAPOSO, 2013, p. 14)

As vestimentas servem, portanto, para colar ao corpo algum tipo de informação, ou, em outras palavras, amplificar a mensagem e a marca que o indivíduo pretende deixar no mundo naquele momento (BAITELLO JR., 2014). As vestimentas possuem significados diversos, seus usos e sentidos são atribuídos dentro de uma cultura específica, que permite ou não determinadas práticas e significações. Como mídia secundária, as vestimentas são instrumentos interessantes, pois não se descolam do corpo para emitir uma mensagem (RAPOSO, 2013).

Na benção apostólica, Francisco apareceu para cumprimentar os fiéis com a sua batina, esclavina e solidéu branco, da mesma forma que se vestia quando era padre nas ruas de Buenos Aires. O Papa também não usou a estola vermelha com bordados dourados, vestimenta clássica da aparição de papas anteriores, inclusive do Papa Bento XVI. Outro detalhe interessante na Figura 1 é o uso da cruz de ferro, utilizada pelo papa desde que se tornou bispo de Buenos Aires. Destaca-se que, no geral, a tradição indica que os pontífices utilizem as cruzes de ouro, suntuosamente decoradas, em qualquer grande cerimônia.

Englisch (2013) apontou mais alguns detalhes daquela noite, que foram reportados por diversos veículos de comunicação na época. Após a cerimônia, o "papamóvel", uma Mercedes Classe S, esperava Francisco embarcar. Na ocasião, Francisco se recusou a embarcar no carro e optou por pegar um ônibus junto com outros cardeais. Que tipo de informação, ou mensagem, essas ações do Papa comunicam? Notadamente, ele deixou uma primeira impressão interessante para todos aqueles que puderam, através de sua comunicação, perceber como o pontífice pretendia se posicionar no mundo. O bispo de Roma construiu a narrativa simbólica de que o luxo demais, mesmo sob a égide da tradição, não seria algo comum de sua forma de se representar socialmente.

Em uma de suas formulações teóricas, Bourdieu (1996) questiona se existe, de fato, um ato desinteressado, para interrogar a relevância da consciência que os agentes possuem sobre o que fazem. A noção de interesse, afirma Bourdieu, surge como resposta a uma visão mística e romântica de que os comportamentos humanos são "naturalmente" produzidos, como se o comportamento revelasse uma essência dos indivíduos ou algo primitivo. Mas por trás dos atos, ou dos gestos, ambos com relevância e consequências sociais, há razões e interesses.

Até mesmo os atos considerados como "desinteressados", são relevantes em alguns contextos sociais, em que o desinteresse é socialmente recompensado. Por isso, é necessário analisar os gestos do Papa no bojo de uma teoria da comunicação, com a relevância social dos gestos, mas também socioantropológica. Em contexto de recompensa ao desinteresse, os atos têm como objetivo produzir um investimento em torno da autoimagem, afirma Bourdieu:

De fato, existem universos sociais nos quais a busca do ganho estritamente econômico pode ser desencorajada por normas explícitas ou injunções tácitas. [...] Porque faz parte da sua definição, da sua essência, superior, ser desinteressado, generoso, o nobre não pode deixar de o ser, "é uma coisa mais forte que ele". (BORDIEU, 1996, p. 115-116)

Afirmar que um ato não é desinteressado não significa que ele seja falso ou simulado. Porém, incide diretamente na noção de que gestos, conceito flusseriano, são feitos naturalmente. Ou seja, os atos são parte de produções conscientes de significados e práticas de si. Ou seja, o seu corpo, que comunica através de diversos gestos, possuem três dimensões de comunicação: como uma ferramenta de comunicação de si e construção do polo interno da identidade, como uma forma de representação ou –espelho do outrol e como mediação simbólica da cultura em que estamos incorporados:

Perceber que o corpo é uma ferramenta de comunicação que contém em si o eu (a materialização do ser), o outro (a representação do que eu sou aos olhos de quem observa) e a cultura que me cerca (como mediadora da forma como me modelo no mundo) nos permite um olhar sobre o corpo que revela a força desta entidade enquanto meio de comunicação. (AZEVEDO, 2015, p. 2)

No dia seguinte após ter sido eleito Papa, Francisco voltou ao hotel em que havia se hospedado durante o conclave e em outras visitas a Roma, para pagar a sua conta, agradecer e cumprimentar a todos os funcionários, acompanhado de outros cardeais. Como líder maior da Igreja Católica, todos os gestos dele são amplificados pela sua posição social. Esses gestos devem ser analisados como parte da construção do vínculo do Santo Padre com a comunidade católica, com as pessoas em geral e com uma forma específica de ser no mundo, em que sua gestualidade não é desinteressada, mas parte de um conjunto de práticas, simbólicas e materiais, que o posicionam, conscientemente, como diverso na história da Igreja Católica:

Figura 3 - Papa Francisco paga conta de hotel



Fonte: Correio Braziliense (2013)¹⁷

Na imagem, Francisco, acompanhado de outros sacerdotes, se debruça sobre o balcão do hotel, para ser atendido pelos funcionários da recepção. No canto direito da imagem, uma placa escrita –março 14| revela que a ocasião foi no dia seguinte a sua benção apostólica. Em diversas ocasiões, o Sumo Pontífice afirmou que o encontro físico com as pessoas, caminhar pelas ruas normalmente e se aproximar dos mais pobres deveria ser um compromisso da Igreja.

Isso é parte de sua proposta de –cultura do encontro, com foco para a experiência sensorial e espiritual de se comunicar com o outro de forma intensa: olhar para as pessoas, tocá-las, conceber uma relação de troca que estimula a humanidade em si e no outro, sobretudo para aqueles que ocupam certa "periferia existencial", que são descartados como humanos ou que são invisíveis por conta de sua classe social (NEF ULLOA; GUIMARÃES, 2019). A responsabilidade de Francisco em ir ao hotel, pagar a sua conta e falar com os funcionários é fruto da sua proposta religiosa e ontológica de trazer aqueles que ocupam a periferia existencial para o centro da missão da Igreja.

O conceito de mídia terciária é fundamental para explicar o fenômeno de disseminação que ocorre com os gestos do Papa, em que todos os seus movimentos públicos são registrados. Baitello Jr (2014) mostra que o nascimento da mídia terciária foi possível com a eletricidade e consiste em dois polos: um polo que possui o aparato emissor e codificador da

¹⁷ CORREIO BRAZILIENSE. Vaticano divulga foto do papa Francisco pagando a conta do hotel. 15 mar. 2013. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/especiais/novo-papa/2013/03/15/interna_2016,354945/vaticano-divulga-foto-do-papa-francisco-pagando-a-conta-de-hotel.shtml. Acesso em: 24 out 2021.

mensagem e o outro polo que possui um aparato receptor e codificador. A mídia terciária possui um impacto tão grande que, nas teorias da comunicação, durante muito tempo, "mídia" significou apenas a mídia terciária. Na mídia terciária, é preciso possuir algum aparelho que estabeleça uma relação entre o emissor e o receptor. No geral, esses instrumentos são "móveis", ou seja, um telefone, televisão, rádio, redes sociais, transmissões ao vivo e afins. A característica mais relevante da mídia terciária é a forma com que a mensagem é transmitida para muitos receptores, de forma dinâmica e rápida.

Além de seu poder mágico, que confere inusitada força, impacto e intensidade ímpares no quadro da comunicação humana, a mídia terciária possui um alcance espacial impensável nos outros tipos de mídia que exigem o transporte do corpo ou de um suporte de sua mensagem. A mídia terciária transporta pulsos que se transformam em mensagem perceptível no aparato receptor. Com a mídia terciária, a apropriação do tempo não mais se dá apenas por meio da durabilidade da mensagem conservada, mas pelo somatório dos tempos dos milhões de receptores. (BAITELLO JR., 2014, p. 70)

Dessa forma, um gesto do Vigário de Cristo, fotografado por algum meio de comunicação ou até mesmo por um particular e transmitido nas redes sociais, por exemplo, reverbera rapidamente para milhões de pessoas, que serão receptoras dessa mensagem em seus próprios tempos. A comunicação pode não ser imediata entre o emissor e o receptor, porém, o alcance é imenso. Notadamente, nesse contexto de ampla divulgação de informações, é impossível conceber um gesto do Papa, líder de uma das instituições tradicionais mais relevantes na história, fora da *lógica* de midiaticização que nos rodeia. Nenhum gesto passa despercebido e, portanto, nenhum gesto é irracional ou desinteressado. Os gestos de Francisco são formas conscientes de deixar uma marca.

Nos primeiros dias do seu papado, mais precisamente no dia 16 de março de 2013, o Papa se reuniu com jornalistas no vaticano¹⁸ e optou por não usar os tradicionais sapatos vermelhos. Aqueles sapatos que, inclusive, eram muito utilizados por Bento XVI e que gerou um grande burburinho sobre a origem dos sapatos vermelhos¹⁹, além de dar ao papa Bento XVI a alcunha internacional de "um dos homens mais bem vestidos do mundo". Havia conjecturas de que os sapatos utilizados por Bento XVI fossem produzidos pela Prada, o que provou ser falso tempos depois. De qualquer forma, os clássicos sapatos vermelhos utilizados por outros. Dias depois, o pontífice realizou a primeira missa do seu papado, no dia 19 de

¹⁸ G1. Papa Francisco usa sapatos pretos em audiência com jornalistas. 16 mar 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/novo-papa-francisco/noticia/2013/03/papa-francisco-abdica-da-tradicao-de-sapatos-vermelhos-e-usa-par-preto.html>. Acesso em: 24 out 2021.

¹⁹ G1. Sapato do Papa Bento XVI foi alvo de polêmica; saiba quem fabrica calçado. 27 fev 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/renuncia-sucessao-papa-bento-xvi/noticia/2013/02/sapato-do-papa-bento-xvi-foi-alvo-de-polemica-saiba-quem-fabrica-calcado.html>. Acesso em: 24 out 2021.

março de 2013, e optou por usar sapatos pretos, ao invés do múleo, os clássicos sapatos vermelhos de tradicional uso dos líderes máximos da Igreja Católica:

Figura 4 - Papa Francisco usa sapatos pretos em primeira missa do seu pontificado



Fonte: G1 (2013)²⁰

Se há um elemento de autorrepresentação e identidade no uso das vestes, há, de outro lado, o campo da moda como um sinal de distinção. Através das vestimentas, é possível compreender se um indivíduo pertence a esta ou àquela classe social, é possível saber, por um figurino, em que época um personagem viveu e é possível entender quais tendências socioculturais dominam a percepção de determinado indivíduo. Vestimentas podem ser elementos de distinção de grupos, que expressam a posição social do grupo ou expressa a aspiração individual a pertencer ao grupo (CRANE, 2006).

Nesse sentido, quando a vestimenta representa determinada posição social, sua fidedignidade ou sofisticação pode ser submetida ao escrutínio dos outros que ocupam a mesma classe (BOURDIEU, 2007). Notadamente, a moda não é um aspecto irrelevante, a forma como determinado indivíduo se veste, mesmo contra o status quo de sua classe, possui significações simbólicas diversas e influência sobre as relações sociais. Portanto, as escolhas do Papa sobre como se vestir, sobretudo no que tange a sua recusa em utilizar roupas tradicionais usadas por papas anteriores, possui como efeito uma distinção social em relação

²⁰ G1. Em missa inaugural, Papa Francisco volta a usar sapatos pretos. 19 mar. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/novo-papa-francisco/noticia/2013/03/em-missa-inaugural-papa-francisco-volta-usar-sapatos-pretos.html>. Acesso em: 27 out 2021.

àqueles que fizeram parte de sua classe, mesmo que essa classe seja um grupo muito mais específico, de líderes da Igreja Católica. A mensagem associada a esses usos parece representar uma nova forma de pensar a moda, em suas mais amplas significações, e transmitir maior verossimilhança com o estilo que, como servo de Deus, deveria possuir: sutil, modesto, humilde.

O gesto é uma forma de estabelecer um vínculo com o outro. Ele surge de uma necessidade interna de se comunicar e se constitui como a linguagem primeira e a mais rica que possuímos. O gesto se materializa no espaço e, mesmo como movimento transitório, fica impresso na memória corporal sua e do outro, porque ao ser executado, ele torna-se uma imagem - visual, auditiva, olfativa (ROMERO, 2012). Um gesto, no contexto de sua produção, não é lido, mas sentido. A leitura é posterior a sua execução, pois quando ele ocorre, há apenas a possibilidade de que emissor e receptor estabeleçam um vínculo dialético. A proposta de Francisco de encontrar, abraçar, sentir e viver próximo das outras pessoas pode ser lida como uma forma de, a partir dessa mídia primária, estabelecer um vínculo:

Figura 5 - Papa Francisco posa para "selfie" com jovens



Fonte: Observatore Romano (2013)²¹

A figura acima foi uma "selfie" tirada por jovens italianos na basílica de São Pedro, no vaticano, com o Santo Padre, em agosto de 2013. No momento em que o dispositivo do século – um smartphone – foi apontado para o rosto do Papa, ele sorriu. Francisco sempre

²¹ FERREIRA, N. Papa Francisco olhou para um smartphone, sorriu e a fotografia tornou-se viral. PUBLICO, 31 ago. 2013. Disponível em: <https://www.publico.pt/2013/08/31/sociedade/noticia/papa-francisco-olhou-para-um-smartphone-sorriu-e-a-fotografia-tornouse-viral-1604536>. Acesso em: 24 out 2021.

ênfatisa que é preciso, mais do que utilizar a internet para se aproximar, viver os encontros pessoais com homens e mulheres reais (ANGELINI, 2015).

Esse movimento do Papa possui relação direta com aquilo que Menezes (2015) tratou como "cultura do ouvir", em que a mensagem de um corpo se potencializa a partir da vibração diante de outros corpos. A cultura do ouvir não se relaciona apenas com o ato de ouvir, mas com o "sentir", ou seja, entender o som para além de sua repercussão auditiva, mas do "som" que se constitui, particularmente, na relação corpo a corpo que fazemos. Como Pross (1971) já havia declarado, toda comunicação começa e termina no corpo, Menezes retoma essa ideia para dizer que ouvir não é meramente escutar, mas comunicar-se através do contato que as ondas sonoras emitem no corpo.:

Os sons ou vibrações do entorno permitem a localização de uma pessoa no contexto tanto de uma caverna escura como nos ambientes cotidianos. O universo sonoro possibilita a observação do espaço no sentido físico do termo; sons e vibrações favorecem um espaço de interlocução no qual os corpos envolvidos são afetados quando opcionalmente ou mesmo sem escolher, participam de forma mais ou menos envolvente dos processos comunicativos. (MENEZES, 2015, p. 112)

Dois dimensões se relacionam nessa forma do Líder da Igreja de estar próximo dos fiéis. A foto acima, por exemplo, gerou enorme repercussão internacional, porque nunca um Papa havia tirado uma "selfie" com fiéis. Destaca-se, ainda, que os jovens têm sido tema de documentos da Igreja Católica há muito tempo, mas os esforços oficiais não se converteram em grande participação de jovens na Igreja, talvez porque a linguagem e lógica da juventude acompanha outros tempos. Na ocasião da escolha do Bispo de Roma, inclusive, uma adolescente de 17 anos, Victoria Herce, de Madri, disse que queria um Papa que usasse TWITTER (BRESSANI, 2013). A jovem disse²² também que o Papa deveria ser alguém "mais próximo de nós", porque a Igreja é de todos.

A partir da política da "cultura do encontro", Francisco consegue, ao mesmo tempo, realizar duas operações importantes de sua concepção: a primeira que é estar próximo das pessoas e construir vínculos afetivos com outros seres humanos, mesmo que baseado em um rápido encontro com os fiéis. E a segunda operação, com base no conceito de mídia terciária, em que todos os seus gestos são rapidamente divulgados e disseminados na cultura midiática e servem de inspiração para muitas pessoas, como mostra Angelini, e que parece elevar a figura simbólica do Papa Francisco a outro nível:

Não basta estar com o Papa, sentir-se único naquele momento, é necessário fotografar, documentar o fato para repercutir nas redes sociais utilizando os

²² CÂMERA, M. "Quero um papa que use twitter, como Bento XVI", diz adolescente no Vaticano. TERRA, 27 fev 2013. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/europa/renuncia-do-papa/quero-um-papa-que-use-twitter-como-bento-xvi-diz-adolescente-no-vaticano,562dbfd355c1d310VgnVCM5000009cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 17 jan 2022.

dispositivos móveis - é a mídia terciária, que completa a alegria de ter compartilhado com o líder da Igreja o contato pessoal ou mídia primária. O gesto do Papa repercute para quem é muito próximo, para quem divulga a foto e serve como informação para quem não conhece. (ANGELINI, 2014, p. 6)

A fotografia do Líder da Igreja com os jovens que tiraram a selfie figura como um interessante retrato, muito representativo de como a cultura do encontro possibilita impactos na mídia primária, dada a felicidade dos jovens na foto com o Papa, mas também na mídia terciária, pela divulgação imediata da foto e a característica singular de sua produção. Em face disso, é possível perceber a cultura do encontro como uma forma de encarar o contexto de mediatização da cultura e da religião, mas também como uma proposta ontológica de valorização do ser. Assim, enquanto enfatiza a importância do uso da internet e das redes sociais nesse contexto, Francisco também trabalha para estar inteiramente conectado, fisicamente, com as pessoas que o seguem nas redes sociais e na vida, como líder máximo de sua comunidade religiosa (ANGELINI, 2015).

Pela primeira vez na história da Igreja Católica, dois feitos improváveis: a renúncia de um Papa e uma reunião entre o pontífice e o Papa Emérito. No geral, seria difícil que essa cena acontecesse, pois o pontificado é vitalício. No entanto, com a renúncia de Bento XVI, segundo o papa emérito²³, por escolha própria, Roma pôde experimentar o encontro entre dois papas em vida. Em 23 de março de 2013, poucos dias após a sua eleição, o Francisco visitou o papa emérito, Bento XVI, na residência apostólica de Castel Gandolfo, onde Bento XVI residia. Esse encontro foi marcado por muitos gestos de afeto, proximidade e companheirismo entre os dois.

Na ocasião, os Papas se cumprimentaram com abraços no heliporto da residência papal e foram para uma capela rezar. O Papa Bento XVI cedeu o lugar de honra a Francisco, que o recusou imediatamente, sob a justificativa de que "somos irmãos". Então, rezaram lado a lado na capela e, posteriormente, seguiram para o encontro privado durante cerca de 45 minutos. Essa situação inédita, como destaca Angelini (2014), promove como comunicação pública a ideia de que Roma está em sintonia e que não há qualquer desconforto entre os dois Papas, pelo contrário, já que o Papa Francisco, anteriormente, havia manifestado a sua admiração por seu antecessor. Na figura abaixo, a figura registra a terceira parte do encontro entre os Papas, que conversaram privadamente:

²³ CORACCINI, R. "Não há dois papas", diz Bento 16 sobre possível influência sobre Francisco. CNN Brasil, 01 mar. 2021. Disponível: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/nao-ha-dois-papas-diz-bento-16-sobre-possivel-influencia-sobre-francisco/>. Acesso em: 27 out 2021.

Figura 6 - Papa Francisco e o papa Emérito Bento XVI conversam



Fonte: G1 (2013)²⁴

Todos os gestos mencionados acima são datados dos primeiros meses do Papado de Francisco. Por serem particularmente emblemáticos, esses gestos imprimiram certa identidade de como seria a sua ação na Igreja Católica. Como ação entende-se o conceito dentro do campo das teorias da ação social, em que o indivíduo é entendido como um agente, que realiza diversas produções em todo de si, da própria imagem, e para o social, no contato com o outro (WEBER, 1992).

Cabe ainda uma breve discussão sobre como a identidade aparece como um conceito central nos gestos do Bispo de Roma. O pressuposto paradigmático da identidade é, ao mesmo tempo, uma produção da diferença. A identidade é concebida como uma declaração de si, em contraste ou semelhança com uma declaração do outro (SILVA, 2000). Embora tenhamos dito páginas acima que a distinção é uma forma de produzir a diferença, e o é, em uma teoria Bourdieusiana, é interessante articular os próximos gestos do Papa com algumas notas sobre a construção da identidade, no sentido dos estudos culturais.

A identidade não é dada a priori, não existe uma criatura do mundo "natural" que transcende em uma construção de si na sociedade. A identidade é produzida dentro do contexto das relações socioculturais e pode ser compreendida dentro dos sistemas de significação social em que adquirem sentido. A identidade é produzida simbólica e discursivamente. É possível que um gesto não verbal, mas com profunda representação simbólica seja entendido como uma marca da identidade de determinado indivíduo ou figura.

²⁴ G1. Papa Francisco faz 1ª visita a seu antecessor, Bento XVI. 23 mar 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/francisco-e-bento-xvi-se-abracam-em-encontro-inedito-de-papas.html>. Acesso em: 18 jan 2022.

O Papa Francisco não é apenas Jorge Mario Bergoglio, ele é uma figura com ampla representação social, que precisou afirmar a sua identidade como pontífice, embora seja relevante a associação entre sua biografia particular, que foi decisiva em sua eleição como Papa, e as características de seu Papado. Sobre a identidade, Silva comenta:

Em uma primeira aproximação, parece ser fácil definir "identidade". A identidade é simplesmente aquilo que se é: "sou brasileiro", "sou negro", "sou heterossexual", "sou jovem", "sou homem". A identidade assim concebida parece ser uma positividade ("aquilo que sou"), uma característica independente, um "fato" autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é auto-contida e auto-suficiente. (SILVA, 2000, p. 74)

Esse parece ser o empreendimento de Francisco em torno de todos os seus gestos durante os primeiros meses do Papado. Mesmo sem a necessidade de falar diretamente –sou um homem humilde, porque em alguns contextos isso soaria performático, o Papa agiu para construir a sua identidade social, pública, como demarcação afirmativa do que ele é. O –serll possui significação social, então quando o Sumo Pontífice tira selfies com jovens no vaticano, a mensagem emitida pelas mídias terciárias é: –ele é acessível. É necessário compreender que a identidade não é fixa ou imutável, ela é parte de um processo dialético em que você se constrói e é constituído pelas relações sociais que o movimenta. Por isso mesmo, a identidade do Santo Padre como um homem humilde não requer a sua afirmação verbal, posto que, como liderança da Igreja Católica, a sua ação é cotidianamente disseminada por todos os meios de comunicação possíveis.

Os contextos sociais da sociedade moderna requerem a produção de identidades muito diversas, de acordo com o ambiente em que você circula, então a identidade possui sempre um caráter relacional: você é determinada coisa em um contexto e os conflitos aparecem para anunciar contradições entre as diferentes identidades que precisamos mobilizar na vida social (WOODWARD, 2000).

Além disso, Woodward (2000) afirma que a identidade é marcada por meio de símbolos, então muitas vezes os indivíduos recorrem a elementos simbólicos que alguém utiliza para dizer "fulano usa camisas brancas", como se usar camisa branca fosse uma característica de sua identidade. Assim podemos processar a imagem simbólica do Papa, com sua cruz peitoral de aço, as simples roupas brancas e outros elementos, como elementos constituidores de sua identidade.

A autora explica essa relação em sua teoria acerca da identidade e da diferença sustentada pela exclusão, com o caso de sérvios e croatas, para dizer que símbolos marcam a identidade e socialmente temos consciência disso: –A identidade é marcada por meio de símbolos: por exemplo, pelos próprios cigarros que são fumados em cada lado. [...] Existe

uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa. Assim, a construção da identidade é tanto simbólica quanto social. (WOODWARD, 2000, p. 9).

Mais dois gestos interessantes do Papa devem ser explorados, ambos do seu primeiro ano de Papado. Em julho de 2013, Francisco viajou ao Brasil para participar da Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro. Os dois gestos que serão analisados a seguir foram realizados nesse contexto. No primeiro, o pontífice aparece ao embarcar no avião no Aeroporto de Fiumicino, em Roma, com a sua bolsa de couro preta na mão. O Papa não permitiu que uma terceira pessoa carregasse a sua bolsa. Esse gesto poderia passar despercebido, posto que carregar a própria bagagem é algo que, de forma geral, a sociedade entende como absolutamente normal. Mas o fato não passou despercebido ao setor de fotojornalismo do Vaticano, que observou que nenhum papa, na história recente, carregou a própria bagagem.

Figura 7 - Papa carrega a sua bolsa de couro ao embarcar em avião para o Brasil



Fonte: Frates in num (2013)²⁵

Para que um gesto como esse tenha efeitos simbólicos em uma sociedade, é preciso que o mapa de práticas e sentidos compartilhados entre as pessoas sejam comuns. Nesse sentido, uma das acepções do conceito de representação, explorado por Hall (2016), é útil para confirmar que uma representação mental compartilhada pelo sistema conceitual de diversas pessoas pode se traduzir em sentidos para práticas realizadas. Ou seja, o que permite que o Papa Francisco seja entendido como humilde por carregar a sua maleta é, ao mesmo tempo, um conjunto de práticas anteriores de outros Papas que não realizaram nenhum gesto

²⁵ FRATRES IN UNUM. Estilo do Papa Francisco muda voo papal. 22 jul 2013. Disponível em: <https://fratresinunum.com/2013/07/22/o-estilo-do-papa-francisco-muda-voo-papal/>. Acesso em: 18 jan 2022.

parecido, o papel social que ele ocupa, carregado de efeitos da luxuosidade, e diversos sentidos, simbolicamente partilhados, para "o que é ser humilde" na nossa sociedade. Diz Hall:

Somos, entretanto, capazes de nos comunicar porque compartilhamos praticamente os mesmos mapas conceituais, e, assim, damos sentido ou interpretamos o mundo de formas mais ou menos semelhantes. Isso é, de fato, o que significa pertencer "à mesma cultura". Uma vez que nós julgamos o mundo de maneira relativamente similar, podemos construir uma cultura de sentidos compartilhada e, então, criar um mundo social que habitamos juntos. (HALL, 2016, p. 36)

Em outras palavras, pode-se dizer que há um sistema de representação, possibilitado pelas linguagens que compartilhamos e pela forma que damos sentido às coisas em uma sociedade, que norteia a forma como pensamos o que vemos, ouvimos e sentimos (HALL, 2016). Ora, o sentido que algo possui é fixado pelo feixe de relações que possibilitam a sua existência. Por conta disso, associamos socialmente a maioria dos gestos do Papa Francisco à modéstia, humildade, –o papa do povo||.

Muito embora essa relação possa não ser tão literal, recai sobre ele, enquanto figura, um conjunto de representações fixadas pelos sentidos que as pessoas dão às suas práticas. Ao mesmo tempo, isso requer certa –fidedignidade|| a um estilo. Embora um sistema de representações não seja fixo, a relação aqui se estabelece entre as noções de identidade – a produção de si – e as representações – sentidos fixados pelos outros, donde o polo da representação é, de certa forma, dominante.

No desfile de Francisco com o papamóvel em sua chegada ao Brasil, em 22 de julho de 2013, o Papa beijou e abençoou diversas crianças, de uma multidão imensa que se reunia no Centro do Rio de Janeiro para acompanhar o desfile do Papa. Voluntários que trabalhavam no isolamento do papamóvel levaram diversas crianças para o pontífice abençoá-las e beijá-las. Aqui, cabe retomar o efeito da cultura do ouvir e da gestualidade com as mãos como sentido de afeto. Toda cultura, diz Romero (2012), cria gestos que são imagens e que o homem sentiu a necessidade de gravar o seu gesto em imagens visuais, assim surgiu a mídia terciária, por exemplo. Mas há algo na gestualidade das mãos, do ponto de vista sociocultural, que expressa a sensibilidade no toque do outro, gestos que emitem, de diversas formas, mensagens de trocas e de vínculos sensíveis:

O que a mão toca a toca igualmente. [...] A mão é mídia, e nela encontram-se a mão natureza, a mão memória e a mão transcendência. Essa última diz respeito à necessidade de encontrar fora dela o que ela não pode tocar, mas pode imaginar que toca e, só de imaginar que toca, ela repousa por algum tempo, tranquila. (ROMERO, 2012, p. 177)

Se o Papa toca uma criança em suas viagens apostólicas, esse gesto significa a formação de um vínculo e de uma bênção. Quando o Santo Padre beija uma criança, essa operação simbólica produz, dentro desse sistema de representações simbólicas, uma série de

proteções para a criança. É útil a noção de "eficácia simbólica", de Lévi-Strauss (1975), que formula a ideia de que a eficiência simbólica de certas práticas é fundada sob três aspectos: a crença do sacerdote de que suas práticas funcionam, a crença de quem recebe de que essas práticas funcionam e a crença da opinião pública, que confere um poder simbólico coletivo ao sacerdote. Nesse sentido, a prática de abençoar crianças se constitui como um ritual de proximidade na Igreja Católica, coletivamente respaldado.

Figura 8 - Segurança leva criança ao Papa Francisco para ser abençoada



Fonte: G1 (2013)²⁶

A rapidez com que essas práticas são divulgadas é uma das características da "tecnologia sofisticada" no século XXI, em que gestos realizados em uma mídia primária, o corpo, são imediatamente transmitidos globalmente pela mídia terciária, a internet. Embora todos os meios de comunicação tenham acesso a esses momentos, a velocidade de um "clique" e de um "post" são incontornáveis. Há um fetiche de hiper divulgação dos gestos de figuras públicas, em que a sociedade inteira, diante do espetáculo, espera poder fazer parte do compartilhamento dos *melhores momentos* dessas aparições de líderes. Por isso, Angelini mostra como os gestos de mídia primária são compilados instantaneamente e reproduzidos na internet, em especial aqueles gestos que parecem os mais —puros|| ou —naturais||:

Já com o Papa Francisco, a imagem de cada gesto na mídia primária é publicada no mesmo instante em sites e nas mídias sociais. Ainda que a televisão contribua na divulgação, atualmente é a internet, marcada pela característica da velocidade, que permite que as mensagens de Francisco corram o mundo. Os jornais impressos precisam escolher uma boa foto, que ainda não tenha sido tão divulgada, para ser publicada na capa do dia seguinte. O Papa simples usa tecnologia sofisticada para

²⁶ G1. Papa Francisco beija e abençoa crianças durante o trajeto no Rio. 22 jul 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornada-mundial-da-juventude/2013/noticia/2013/07/papa-francisco-beija-e-abencoa-criancas-durante-o-trajeto-no-rio.html>. Acesso em: 18 jan 2022.

compartilhar suas mensagens. Não importa se o Papa está beijando o chão, como fazia João Paulo II, ou subindo no avião carregando a própria maleta, como faz o Papa Francisco. É o gesto pessoal de cada um deles que mais excita os profissionais da imagem e o público. (ANGELINI, 2015, p. 78-79)

No contexto de sua vinda ao Brasil, para a Jornada Mundial da Juventude, é relevante mencionar o discurso do Sumo Pontífice acerca dos jovens, mas também a relevância que o papado de Francisco dedicou às periferias geopolíticas do mundo, logo nos primeiros anos do seu Papado. Nef Ullôa e Guimarães (2019) registraram pelo menos vinte e sete viagens apostólicas de Francisco, entre 2013 e 2019, para lugares que a existência do Papa só pôde ser vista na televisão ou nos jornais.

A relação do Bispo de Roma com aqueles socialmente vilipendiados não começou com o seu papado, mas sim com suas missas e bênçãos para mulheres prostitutas, pessoas pobres, nas favelas de Buenos Aires. A sua cultura do encontro como Papa, dos Emirados Árabes ao Panamá, do Brasil ao Sri Lanka, demonstra o seu compromisso com um projeto de Igreja que possa utilizar o corpo, a presença, como parte fundamental da cultura do ouvir:

Os apelos de Francisco, não somente com suas palavras, mas também com seus gestos, indicam um caminho a percorrer. Em suas viagens apostólicas fora da Itália, pode-se vislumbrar como procura colocar em prática o que ensina. Alguns encontros são fecundos e gratificantes e, mesmo em meio a situações dramáticas, geram de vida. Outros revelam ainda mais a profundidade das feridas e da dor e indicam que será necessário mais tempo, mais encontros e mais diálogo para chegar «curá-las». A experiência do encontro trará sempre desafios e possibilidades, mas não há outro caminho para construir juntos uma sociedade na qual os sinais do Reino de Deus testemunhem que mais pessoas têm «vida em abundância». (NEF ULLÔA; GUIMARÃES, 2019, p. 16)

No primeiro discurso do Papa Francisco em sua vinda para a Jornada Mundial da Juventude, proferido no Palácio Guanabara, no Rio de Janeiro, Francisco demarca a relevância dos jovens para o futuro das famílias e para o futuro das sociedades, pois é através dos jovens que é possível enxergar. Em seu discurso, direciona a conversa de forma ampla, para incluir as famílias dos jovens, as comunidades eclesiais de origem e toda a sociedade em que estão inseridos, para afirmar que é preciso cuidar dos jovens, estimulá-los e entregar um mundo a eles que não seja norteados pela cultura da indiferença, em que pessoas são descartadas como objetos e como bens de consumo. As ações de Francisco no Brasil, desde carregar a sua mala, desorganizar o desfile papal para beijar crianças, e direcionar a sua fala para a importância de os jovens estarem integrados socialmente em uma cultura de afeto, de contato e de encontro, para que o mundo seja mais sensível:

A juventude é a janela pela qual o futuro entra no mundo. É a janela e, por isso, nos impõe grandes desafios. A nossa geração se demonstrará à altura da promessa contida em cada jovem quando souber abrir-lhe espaço. Isso significa: tutelar as condições materiais e imateriais para o seu pleno desenvolvimento; oferecer a ele fundamentos sólidos, sobre os quais construir a vida; garantir-lhe segurança e educação para que se torne aquilo que ele pode ser; transmitir-lhe valores duradouros pelos quais a vida mereça ser vivida, assegurar-lhe um horizonte

transcendente que responda à sede de felicidade autêntica, suscitando nele a criatividade do bem; entregar-lhe a herança de um mundo que corresponda à medida da vida humana; despertar nele as melhores potencialidades para que seja sujeito do próprio amanhã e corresponsável do destino de todos. Com essas atitudes precedemos hoje o futuro que entra pela janela dos jovens. (PAPA FRANCISCO, 2013²⁷, s.n.)

Mas os gestos do Papa não foram apenas de ordem não verbal, como exploramos de forma densa ao longo desse capítulo. Esse discurso, assim como seu encontro com jornalistas no avião de volta para Roma, retrata como o Papa Francisco esteve disposto a construir gestos de diversas naturezas para construir a identidade de si, como figura Papal, e do seu papado. Mais à frente abordarei algumas contradições entre o discurso do Papa e seus movimentos antecessores. A contradição, como parte da construção da identidade e da representação, permite que as identidades sejam colocadas em um lugar de conflito, de instabilidade, próprias à contradição humana (SILVA, 2000). Conceber a identidade como uma plataforma "lisa" e sem "rachaduras" seria construir uma imagem demasiado fictícia.

Em seu voo de volta para Roma, o pontífice se reuniu com jornalistas para responder as suas perguntas, falar sobre a viagem e tocar em temas que não havia tocado durante a sua viagem ao Brasil. Ressalta-se que esse encontro aconteceu apenas quatro meses depois da eleição do Papa. Nessa viagem, entre outras coisas, o Santo Padre foi perguntado sobre a polêmica envolvendo um escândalo sexual com o Monsenhor Ricca, acusado de fazer parte de um "lobby gay". Ilze Scamparini, correspondente da rede Globo no vaticano, perguntou ao Papa como ele iria enfrentar as questões que envolviam a intimidade de Mons. Ricca e como ele pensava em abordar a questão do lobby gay. O papa respondeu:

Bem! Escreve-se muito sobre a lobby gay. Eu ainda não encontrei ninguém com o bilhete de identidade no Vaticano dizendo que é «gay». Dizem que há. Eu acho que, quando alguém se encontra com uma pessoa assim, deve distinguir entre o fato de que uma pessoa seja gay e o fato de formar uma lobby, porque as lobby nem todas são boas. Isso é mau. Se uma pessoa é gay e procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para a julgar? O Catecismo da Igreja Católica explica isso muito bem, dizendo – esperem um pouco... como diz... -: «Não se devem marginalizar estas pessoas por isso, devem ser integradas na sociedade». O problema não é ter essa tendência, não; devemos ser irmãos, porque este é apenas um; mas se há mais outro, outro. O problema é fazer lobby dessa tendência: lobby de gananciosos, lobby de políticos, lobby dos maçons, tantas lobby. A meu ver, este é o problema mais grave. (PAPA FRANCISCO, 2013²⁸, s.n.)

Esse pronunciamento gerou uma enorme repercussão mundial, porque em um tema relacionado a uma minoria social historicamente relegada pela Igreja Católica, assim como

²⁷ FRANCISCO. Visita apostólica do Papa Francisco ao Brasil por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude. 22 jun 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130722_gmg-cerimonia-benvenuto-rio.html. Acesso em 19 jan 2022.

²⁸ FRANCISCO. Encontro do Santo Padre com os jornalistas durante voo de regresso do Brasil. 28 jul 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-conferenza-stampa.html. Acesso em: 19 jan 2022.

por outras religiões, Francisco declarar que não há mais lugar para intolerância e para marginalização de pessoas por sua orientação social é algo relevante. Ainda assim, é necessário destacar que o Papa Francisco se envolveu anteriormente em algumas batalhas na Argentina para que o casamento entre pessoas do mesmo sexo, na Argentina. Essa batalha entre ele e Cristina Kirchner durou algum tempo e mesmo com as muitas solicitações de audiência entre ele e Kirchner, ela sempre se recusou a atendê-lo para esse tema (ENGLISCH, 2013).

Há um impasse na posição de Bergoglio que indica uma contradição, própria das rachaduras da fixação das identidades: ele sempre enfatizou o seu respeito pelas pessoas homoafetivas, mas achava que aprovar o casamento entre pessoas homoafetivas era uma afronta à vontade de Deus. Englisch destaca uma carta que ele escreveu, com diversas razões para que o casamento homoafetivo não fosse aprovado:

Ele escreveu uma carta às carmelitas de Buenos Aires, que mais tarde ficaria famosa: -Nas próximas semanas, o povo argentino terá que aceitar um desafio que poderá atingir brutalmente a família. Trata-se da identidade e da sobrevivência da família: pai, mãe e filhos. Trata-se da vida de crianças que poderiam ficar em desvantagem por ser-lhes tirada a chance de crescer como Deus desejou, com um pai e uma mãe. Trata-se da rejeição a uma lei de Deus que foi registrada em nossos corações. Nós não devemos ser ingênuos, não se trata de uma luta política, mas sim de uma ação do pai dos pecados (o diabo), que está tentando confundir os filhos de Deus e conduzi-los para a escuridão!. (ENGLISCH, 2013, p. 142)

Por fim, esse destaque à contradição entre a postura pública e a defesa do Papa por uma sociedade que -respeite os homossexuais, mas que não permita que eles se casem é interessante para refletir sobre as expectativas sociais em torno de uma figura pública. Há relevância e repercussão de seus pronunciamentos e ações a nível mundial, que se constitui como uma relação intrínseca entre os gestos da mídia primária, o corpo, e sua repercussão nas mídias terciárias, de forma que seria inviável concluir que há qualquer ato desinteressado do Papa, em qualquer circunstância que poderia tornar-se pública. O Papa Francisco desenvolveu o projeto de identidade e representação do seu Papado, de forma que a sua imagem pudesse refletir, também, o seu discurso. Essa forma de linguagem e conexão entre os dois polos de significação das práticas é um empreendimento interessante, longamente refletido nesse capítulo. Revela, portanto, uma espécie de -imagem e semelhança entre o que o Papa diz e o que ele faz, muito embora existam fissuras e contradições nessa imagem, próprias da contradição humana.

Em 31 de dezembro de 2019, um acontecimento inusitado marca a presença do Santo Padre na praça São Pedro, no Vaticano. O Papa cumprimentava fiéis que se aglomeravam na praça para vê-lo. Em determinado momento, Francisco foi bruscamente puxado, pelo braço, por uma das mulheres que estava posicionada na barreira de contenção. O Papa, no momento

anterior, apresentava uma feição alegre, contente, como sempre esboça ao falar com fiéis. No momento seguinte, ao ser puxado, ele tenta se desvencilhar do puxão e desfere um tapa na mão da mulher. Uma câmera gravou esse momento e Francisco parece visivelmente irritado, se afasta assim que consegue se desvencilhar da mulher. Esse flagra, com um frame na fotografia abaixo, foi registrado em um vídeo daquele momento.

Figura 9 – Papa após o ocorrido na praça São Pedro



Fonte: BBC (2020)²⁹

O corpo fala. Segundo Ekman (2012), um desapontamento intenso com o comportamento de alguém pode deixar uma pessoa furiosa. No caso do Bispo de Roma, ao ter o seu espaço invadido de forma específica, com a mulher impedindo que ele continue cumprimentando outros fiéis ou se retire, ele reage desferindo- um tapa e se afastando, visivelmente irritado. A raiva como uma expressão emocional, pode gerar reações imediatas e, por vezes, desproporcionais. Weill e Tompakow (2017) destacam, em "O corpo fala", a contração dos lábios em um "bico" como um sinal de raiva. O ato de se afastar rapidamente também pode indicar uma rejeição ou negatividade com o acontecido, assim como as sobrancelhas franzidas. No dia seguinte, Francisco pediu desculpas por sua ação, por ter perdido a paciência e dado um mau exemplo. Além disso, condenou, durante a missa do dia 1 de janeiro de 2020, qualquer forma de violência, sobretudo com as mulheres.

Em março de 2020, uma atitude inédita do Sumo Pontífice marca simbolicamente o contexto da pandemia do coronavírus. Francisco reza sozinho na praça de São Pedro vazia e concede bênção e indulgência plena ao mundo inteiro. Essa é a primeira vez nos registros da história do Vaticano que um ato como esse acontece. Nesse ritual inédito, o Papa concede a

²⁹ BBC NEWS. "As desculpas do papa Francisco após tapa na mão de mulher na praça São Pedro. 2 jan. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50971555>. Acesso em 17 jan 2022.

benção "Urbi et Orbi" aos fiéis. Essa benção, de indulgência plenária, concede o perdão pelos pecados, costumeiramente transmitida na Páscoa e no 25 de dezembro. Essa é uma imagem emblemática, que talvez nunca seja novamente reproduzida por outro Papa. Francisco reza, sozinho, concedendo perdão aos pecados do mundo inteiro, em uma guerra contra um inimigo que não pode ser visto e que cada país adota uma ação separada para combatê-lo. Naquele momento, o mundo inteiro passava por regras de isolamento e distanciamento social, alguns lugares em completo confinamento, outros com medidas mais flexíveis.

Figura 10 – Papa Francisco reza sozinho na praça de São Pedro



Fonte: G1 (2020)³⁰

O compromisso do Papa com a tradição não se transforma em um impedimento à missão de evangelização, sobretudo porque, em sua função, Francisco compreende a necessidade de encarar o contexto social e adequar a sua missão pastoral ao ambiente que se apresenta. No instante em que a presença física das pessoas é desaconselhada, Francisco utiliza a sua consciência acerca da transmissibilidade da mídia para conceber gestos que podem tranquilizar as pessoas, em um momento de extrema crise mundial. Tal gesto reverbera por si só e pela representação simbólica e imagética dessa cena, viral em diversos portais de notícias, nas redes sociais, nas mídias tradicionais e digitais.

³⁰ G1. Papa reza só e concede indulgência plenária por pandemia de coronavírus. G1, 27 mar 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/03/27/papa-reza-so-e-concede-indulgencia-plenaria-por-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 18 jan 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais desse trabalho não pretendem esgotar as possibilidades de reflexão a partir dos gestos de Francisco e indica, além disso, clara amplitude de investigação acerca de suas ações, encíclicas, discursos e gestos. Nesse sentido, as considerações aqui esboçadas não são conclusivas, mas um caminho de possíveis para alargar os debates e estudos acerca da Igreja Católica, em especial da singular figura do Papa.

A Igreja Católica, como vimos nesse trabalho, percorreu um longo caminho em sua história, acerca de diversos temas, inclusive a relação com a comunicação. A Igreja partiu de um contexto de completa desconfiança com os meios de comunicação, tendo como comportamento a repulsa e condenação dos meios de Comunicação, ainda no século XIV. Desenvolveu, ao longo do tempo, a capacidade de analisar os contextos sociais e se abrir, gradualmente, para o novo. Mesmo em contextos em que essa abertura parece demasiadamente lenta, é possível concluir que a Igreja Católica avançou. Após a desconfiança, a Igreja se abre aos meios de comunicação, mas ainda sem acreditar no potencial desses instrumentos para a evangelização. A função da Igreja nesse período, de agir para contrapor as ideias anticristãs, não exploram a real potencialidade de mudança dos meios de comunicação.

Apesar de esse período durar longos anos – ou até séculos -, a Igreja assumiu posteriormente um deslumbramento significativo, até mesmo ingênuo, em relação aos meios de comunicação. No período de aceitação crítica, a Igreja se posiciona de forma contundente, aumentando a sua atuação nos meios tradicionais, com a criação de correspondentes cristãos em todos os meios de comunicação. Esse posicionamento representa significativo avanço, porque a Igreja, ao invés de repetir os formatos presenciais nos meios de comunicação, passa a se posicionar no contexto de midiatização, concebendo formas específicas de atuar em cada um dos meios, com propostas completamente integradas aos formatos comunicacionais.

A partir do papado de Francisco, o cenário que se desenhava com o Papa Bento XVI, ganha força pelas ações de Francisco e por sua perspectiva de integração à internet e redes sociais, que encara as mídias como potenciais de sociabilidade e da missão evangelizadora. Nesse sentido, para Francisco, a internet e as redes sociais não são apenas meios para transmitir mensagens, pois são eles próprios, produtores de sociabilidades específicas, que poderiam ser incorporadas pela Igreja para comunicar adequadamente.

Seria impossível esgotar os gestos do pontífice nesse trabalho, pois ao longo de quase nove anos de Papado, a trajetória de Francisco segue marcante, desde o seu primeiro gesto

como Papa. Uma das indicações desse trabalho é a de que os gestos do Papa possuem coesão com um ideal de sociedade, que ele pretende ressaltar e viver seguindo comportamentos para alcançar esse ideal, desde o início do seu papado. Destaca-se, desde as suas primeiras aparições, a construção consciente de uma imagem limpa, pouco luxuosa, preocupada exclusivamente com o contato com o outro. Essa imagem, de qualquer forma, não é desinteressada, é a produção de uma simbologia de coerência e harmonia, em que a sua imagem e o seu comportamento parecem cúmplices.

A repetição do Papa da centralidade das desigualdades nas desordens sociais é algo que precede o seu papado, mas se intensifica com a ampliação da transmissibilidade de suas falas, discursos e documentos. Francisco formula a cultura do encontro para significar, socialmente, a quebra das barreiras ideológicas e políticas, mas sobretudo as econômicas. A simbologia da cultura do encontro, encarnada nos gestos do Bispo de Roma de abraçar, encontrar lideranças e inaugurar diversos gestos que nunca foram feitos por um Papa é algo relevante. Aliás, destaca-se que o ineditismo de Francisco é um tema corriqueiro. Ele realizou diversas ações que nenhum outro Papa fizera. Isso se deve ao fato de que Francisco é um pontífice do século XXI, mas também se deve ao compromisso pessoal com a evangelização, o compromisso do ofício e as convicções sobre a necessidade de um novo mundo.

A partir desse trabalho, outras pesquisas podem se desenvolver em torno da figura do pontífice, sobretudo no que se refere à gestualidade do Papa e a coesão entre gestos e documentos oficiais emitidos por ele. Um ponto relevante, que poderia ser explorado posteriormente, envolve a preocupação de Francisco com as desigualdades. Esse ponto é marcante porque parece nortear todas as ações posteriores à sua ascensão como Bispo de Roma, inclusive seu nome. Indica-se que, para entender os gestos de Francisco, é necessário compreender de que maneira ele concebe a vida dos pobres na sociedade atual e como para ele, a Igreja deve estar à serviço dos mais vulneráveis. As suas ações para a cultura do encontro são uma união entre a necessidade de olhar para os mais vulneráveis e a urgência de reverter o quadro da indiferença na nossa sociedade.

O encontro com o Patriarca da Igreja Ortodoxa Russa, a selfie com jovens no Vaticano, o abraço e beijo em crianças nas ruas, o uso dos mesmos sapatos que usava quando era cardeal, o pagamento da própria conta de hotel após se tornar Papa, a recusa em utilizar o papamóvel e diversas outras ações emblemáticas significam, simbolicamente, o interesse do Papa Francisco em promover, em si como exemplo para inspirar o outro, a verdadeira cultura do encontro, da qual o Papa se faz exemplo e inspira a todos com uma proposta comunicacional baseada na autenticidade, na empatia e na fé.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AETATIS NOVAE. Instrução Pastoral - Sobre as Comunicações Sociais no vigésimo aniversário de *Communio et Progressio* (Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais - 1992). Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_22_021992_aetatis_po.html Acesso em: 06 10 2021.

ALMEIDA FILHO, Edgard Patrício de. A Igreja Católica e o rádio educativo – percepções a partir da encíclica *Miranda Prorsus*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 36., 4-7 set. 2013, Manaus (AM). Anais... São Paulo: Intercom, 2013. Tema: Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades.

ALVARENGA, R.C. Igreja Católica e os meios de comunicação social: apontamentos sobre as fases da relação Igreja-Comunicação a partir de Documentos Pontifícios. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, virtual, INTERCOM, 2020.

AMARAL, I.; SOUSA, H. Redes sociais no twitter: a emergência de uma nova sociabilidade num novo ecossistema de comunicação?. *Interações*, n 19, pp. 115-132, 2010. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/49287928.pdf> Acesso em 21 10 2021.

ANGELINI, M.C. Gestos dos Papas na Cultura da Mídia, *Revista Eletrônica CoMtempo*, Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. v. 6, n. 2, 2014.

ANGELINI, M.C. Gestos dos Papas no Brasil: relações entre o presencial e o midiático. *Revista Eletrônica CoMtempo*. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. v. 4, n. 1, 2014.

ANGELINI, M.C. O papa simples usa tecnologia sofisticada para compartilhar suas mensagens. *Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional*, São Paulo, SP, v. 19, n. 19, p. 71-84, jan/dez, 2015.

AZEVEDO, B.M.M.; FERREIRA, R.S. Redes sociais e religião: a Igreja Católica diante da sociedade imagética conectada. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, juiz de fora*, v. 21, jan/jun 2018, p. 62-80.

AZEVEDO, V.M.B. O sujeito mediado pelo corpo adornado. *Intercom - XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*. Rio Grande do Norte: Natal, 2015.

BAITELLO JR., N. A era da iconofagia. São Paulo: Paulus Editora, 2014.

BONI PASTORIS. Motu Proprio - Institui a Pontifícia Comissão da Cinematografia, Rádio e Televisão (Papa João XXIII - 1959). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/motu_proprio/documents/hf_j-xxiii_motu-proprio_22021959_boni-pastoris.html
Acesso em: 06 10 2021.

BOURDIEU, P. A distinção: crítica social do julgamento. Trad. Daniela Kern. Guilherme J.F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, P. Notas provisórias sobre a percepção social do corpo. Revista Pro-posições, v. 35, n. 1, 73, jan/abr 2014, p. 247-256.

BOURDIEU, P. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

BRESSANI, V. O papa no twitter e os desafios da atuação da Igreja Católica junto às Redes Sociais. Anais de artigos do 7º Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Cibercultura - ABCIBER, 2013. Disponível em: https://abciber.org.br/simpósio2013/anais/pdf/Eixo_7_Redes_Sociais_na_Internet_e_Sociabilidade_online/25580arq77311230900.pdf Acesso em 23 out 2021.

CARRANZA, B. Catolicismo Midiático. Edição digital. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2011.

CARRANZA, B. Movimentos do Catolicismo brasileiro: cultura, mídia, instituição. Tese (doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. São Paulo: Campinas, 2005.

CASTILHO, A.V.P. Fé na imprensa: um estudo da cobertura sobre o Papa Francisco na Folha e no G1. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) PPGCR, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2020.

CHAVES, R.R.O.C. Terra, Teto e Trabalho: Direitos Humanos e a Doutrina Social da Igreja do Papa Francisco. Encontros Teológicos, v. 36, n. 1, jan-abr 2021, p. 173-189.

CHRISTIANAE REIPUBLICAE. Papa Clemente XIII (1766). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/clemens-xiii/it/documents/enciclica-christianae-reipublicae-25-novembre-1766.html> Acesso em: 04 10 2021.

COMMUNIO ET PROGRESSIO. Instrução pastoral - Sobre os meios de Comunicação Social (Concílio Ecumênico II do Vaticano - 1971). Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_23_051971_communio_po.html Acesso em: 06 10 2021.

CRANE, D. A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas. Trad. Cristiana Coimbra. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

EKMAN, P. A linguagem das emoções. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: Lua de Papel, 2011.

ENGLISCH, A. Francisco: o papa dos humildes. Tradução de Gabriela França. São Paulo: Universo dos Livros, 2013.

ÉTICA DA PUBLICIDADE. Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais. 1997. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_22_021997_ethics-in-ad_po.html Acesso em: 05 10 2021.

ÉTICA NA INTERNET. Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais. 2002. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20_020228_ethics-internet_po.html Acesso em: 04 10 2021.

ÉTICA NAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais. 2000. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20_000530_ethics-communications_po.html Acesso em: 06 10 2021.

EVANGELII GAUDIUM. Exortação Apostólica sobre o anúncio do evangelho no mundo atual (Papa Francisco - 2013). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html Acesso em 23 out 2021.

FERRAZ, C.G.; CARDOSO, M.T.F. A cultura do encontro como chave de leitura da carta encíclica Laudato Si' do Papa Francisco. Revista Caminhos, goiânia, v. 18, n. 2, p. 415-434, 2020.

FERREIRA, V.D. Processo de midiatização do catolicismo midiático e o televangelismo - análise do programa PHN a TV Canção Nova. Anais de Artigos do Seminário Internacional

de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais, [S.l.], v. 1, n. 3, ago. 2019. ISSN 2675-4290. Disponível em: <<https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-artigos/article/view/285>>. Acesso em: 24 out. 2021.

FLUSSER, V. Gestos. São Paulo: Annablume, 2014.

FORMENTIN, C.N.; KOENIG, M. O papa é pop: a abordagem mítica de francisco na mídia via jornalismo literário: uma análise com base na estrela de sete pontas da reportagem –a revolução delicada do papa francisco, publicada pela Revista Rolling stone EUA. Revista Estudos em Comunicação nº 25, vol. 1, dez. 2017, p. 153-162.

FRANCISCO. Carta Encíclica Fratelli Tutti. 3 out 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 19 jan 2022.

FRANCISCO. Exortação apostólica Evangelii Gaudium. 24 nov 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 19 jan 2022.

FRANCISCO. Por uma cultura do encontro. 13 set. 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html. Acesso em: 19 jan 2022.

GALVÃO, F.C.S. Da cultura da celebridade à cultura do encontro: um estudo sobre a comunicação do papa Francisco no Instagram. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Programa de Pós Graduação em Comunicação Social. Belo Horizonte, 2019.

GASPARETTO, P.R. Mídia e religião: processos midiáticos e construção de novas comunidades de pertencimento. Estudo sobre a recepção da TV Canção Nova. Tese (doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós Graduação em Comunicação. Rio Grande do Sul: São Leopoldo, 2009.

GOMES, P. G. Mídia e religião: um conceito, múltiplas vozes. Revista FAMECOS, n 22, v. 3, 2016.

HALL, S. Cultura e representação. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: ED. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HIMITIAN, E. A vida de Francisco: o papa do povo. Tradução de Maria Alzira Brum, Michel Teixeira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

IGREJA E INTERNET. Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais. 2002. Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_po.html Acesso em: 07 10 2021.

INTER MIRIFICA. Decreto - Sobre os meios de Comunicação Social (Papa Paulo VI - 1966).

Disponível em:

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html Acesso em: 06 10 2021.

LE BRETON, D. As paixões ordinárias: antropologia das emoções. Petrópolis: Vozes, 2009.

LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1975.

LÉVY, P. Cibercultura. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MANCINI, M.C.; SAMPAIO, R.F. Quando o objeto de estudo é a literatura: estudos de revisão. Rev Bras Fisioter, v. 10, 2006, p. 361-472.

MARQUES DE MELO, José. Igreja e Comunicação. In: SOARES, Ismar O.;

MARTINO, L.M.S. Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais. São Paulo: Paulus, 2017.

MCLUHAN, M. Understanding Media. London: Routledge, 1964.

MENEZES, J. E. Ecologia da Comunicação: som, corpo e cultura do ouvir. São Paulo – v. 18, n. 36, p. 111-120, jul./dez. de 2015.

metodológicas. Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, São Leopoldo, RS, Ano 1, n.1, Jul., 2009.

MIKLOS, J. A construção de vínculos religiosos na cibercultura: a ciber-religião. Tese (doutorado em comunicação e semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PEPGCOS. São Paulo, 2010.

MIRANDA PRORSUS. Carta Encíclica - Sobre a Cinematografia, o rádio e a televisão (Papa Pio XII - 1956). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius->

[xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_08091957_miranda-prorsus.html](https://www.vatican.va/content/hf-p-xii-enc-08091957-miranda-prorsus.html) Acesso em: 06 10 2021.

MOREIRA, Leticia. A relação da Igreja Católica com a mídia: dos meios de comunicação de massa ao Instagram do Papa Francisco. *Revista Passagens, Fortaleza*, v. 10, n. 1, p.120-137, 2019.

NEF ULLOA, B.A.; GUIMARÃES, A.B. A Cultura do Encontro: Palavras e Gestos em Francisco. *Franciscanum* 172, Vol. LXI (2019), p. 1-19.

PAPA BENTO XVI. Mensagem do Papa Bento XVI para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais. 12 mai. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html Acesso em 20 out 2020.

PAPA FRANCISCO. Bênção Apostólica "Urbi et orbi". 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130313_benedizione-urbi-et-orbi.html Acesso em: 26 out 2021.

PAPA FRANCISCO. Mensagem para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais. 24 jan. 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html Acesso em 24 out 2021.

PIENI L'ANIMO. Encíclica do Papa Pio X (1906). Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-x/en/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_28071906_pieni-l-animo.html Acesso em: 05 10 2021.

PONGAN, P. A comunicação na Igreja Católica como ferramenta de evangelização, catequese e política. ANPUH- Brasil - 31º Simpósio Nacional de História, Rio de Janeiro, 2021.

PORNOGRAFIA E VIOLÊNCIA NAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. Uma resposta pastoral (Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais - 1989). Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_07_051989_pornography_po.html Acesso em: 05 10 2021.

PROSS, Harry. *Medienforschung (Investigação da Mídia)*. Darmstadt: Carl Habel, 1971.

PUNTEL, J. A Igreja a caminho na comunicação. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 221-242, jul/dez, 2011.

PUNTEL, J. A transmissão da fé na nova arquitetura da comunicação contemporânea. Horizonte, Belo Horizonte, v. 15, n. 46, p. 486-509, abr/jun 2017. MARTINO, L.M.S. Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais. São Paulo: Paulus, 2017.

PUNTEL, Joana T. (Orgs.). Comunicação, Igreja e Estado na América Latina. São Paulo: UCBC-Paulinas, 1985.

RAPOSO, A.C. A vestimenta como mídia secundária. Trabalho de conclusão de curso (Especialização Latu Sensu em Mídia, Informação e Cultura - CELACC/ECA). São Paulo: USP, 2013.

REDEMPTORIS MISSIO. Carta Encíclica - Sobre a validade permanente do mandato missionário (Papa João Paulo II - 1990). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html Acesso em: 04 10 2021.

RIBEIRO, G. M.; CHAGAS, R. L.; PINTO, S. L. O renascimento cultural a partir da imprensa: o livro e sua nova dimensão no contexto social do século XV. Akropolis, Umuarama, v. 15, n. 1 e 2, p. 29-36, jan./jun. 2007.

ROMERO, E.L.G. O gesto como imagem e a imagem como gesto: a gestualidade das mãos na comunicação. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: PUC-SP, 2012.

SANTAELLA, L. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. Revista FAMECOS, n 22, dez., porto alegre, 2003, pp. 23-32.

SANTAELLA; L.; LEMOS, A. Redes Sociais Digitais: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e

SBARDELOTTO, M. Da religião à reconexão: novos modos de ser e fazer religiosos em tempos de midiatização digital. PAULUS: Revista De Comunicação Da FAPCOM, 2(4), 2018, pág. 71-84.

SBARDELOTTO, M. Francisco, um papa popular que desnorteia e reorienta. 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/10303571/Francisco_um_papa_popular_que_desnorteia_e_reorienta Acesso em: 21 out 2021.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. Em: SILVA, T.T. (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 73-102.

SIMON, M.Z.S. Papa Francisco: uma encíclica viva de gestos e imagens. 2019. 131 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

SOLON, D. V. Armas modernas para a guerra santa: Igreja Católica e meios de comunicação em meados dos anos 50. Albuquerque: Revista de História, Campo Grande, MS, v. 5, n. 9, p. 195-209, jan/jun 2014.

SOUSA, C.C.; PRADO, D.F.B. Cartas de Francisco para o Dia Mundial das Comunicações: voz e interlocuções de um papa latino-americano. Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 8, n. 3, 789-814, set./dez. 2016.

SOUZA, L.A. A cultura midiática como um desafio à Igreja Católica. Cad. Fé e Cultura, Campinas, v. 1, n.2, p. 71-78, jul/dez, 2016.

SOUZA, N.; DIAS, T.C.S. Por uma reforma do papado: história, apelos e caminhos à luz do pontificado do Papa Francisco. Revista de Cultura Teológico, ano XXIX, n. 98, jan/abr 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/52195/pdf> Acesso em 22 out 2021.

SPADARO, A. Quando a fé se torna social. São Paulo: Paulus Editora, 2016.

TAVARES, P.A. Inter mirifica: o divisor de água na relação da Igreja Católica com os meios de Comunicação Social. XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, INTERCOM, 2016.

TFOUNI, F.E.V.; PEREIRA, A. C. Entre o acontecimento e a memória: discursos sobre o Papa Francisco em capas de revista de grande circulação. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 16, n. 1, p. 11-33, jan./abr. 2016.

VIGILANTI CURA. Encíclica do Papa Pio XI (1936). Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_29061936_vigilanti-cura.html Acesso em: 05 10 2021.

WEBER, M. Conceitos sociológicos fundamentais: metodologia das Ciências Sociais. Campinas: Cortez/UNICAMP, 1992.

WEILL, P.; TOMPAKOW, R. O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. 1 ed. São Paulo: Editora Vozes, 2017.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Em: SILVA, T.T. (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 7-68.